



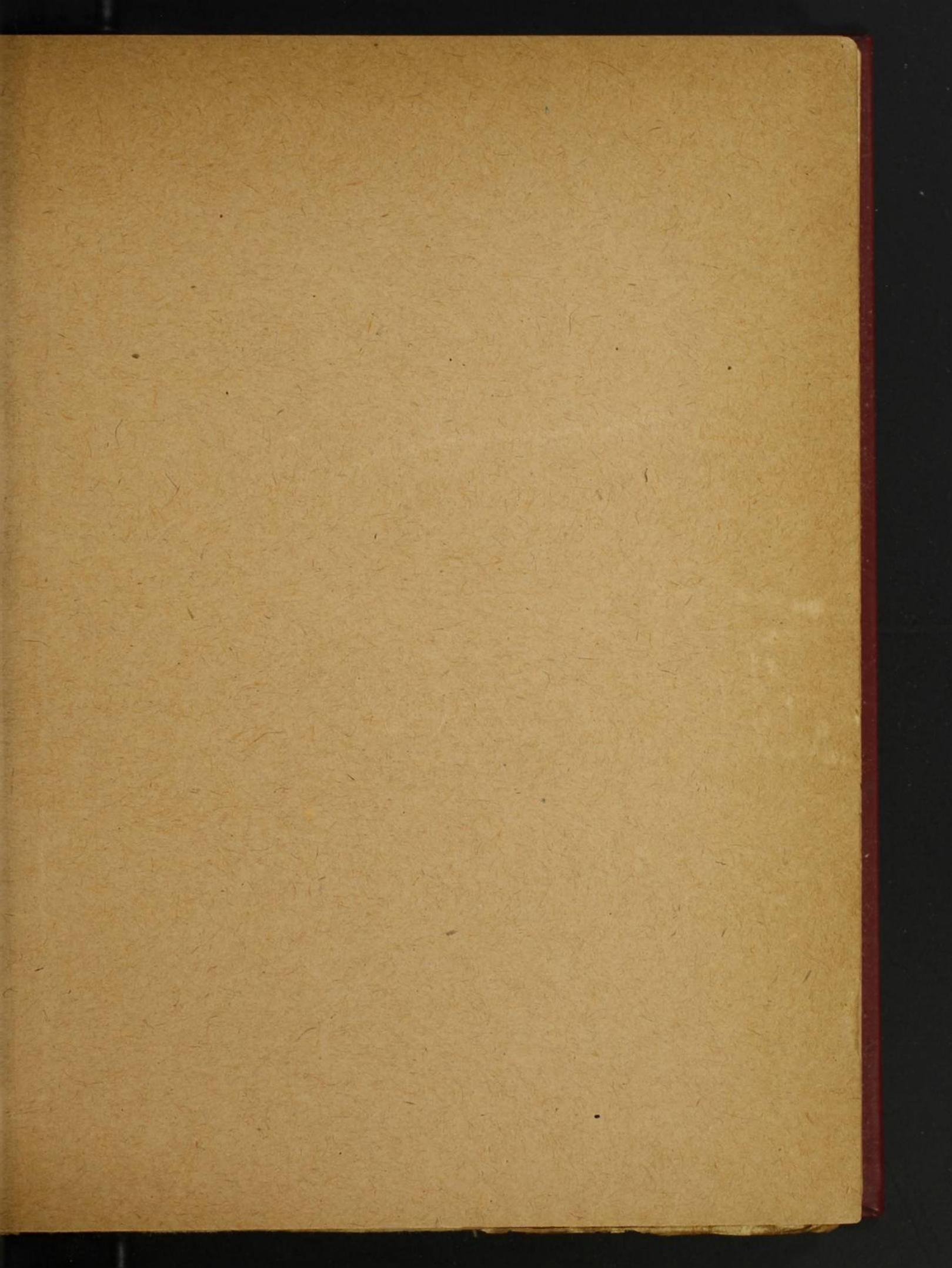
Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

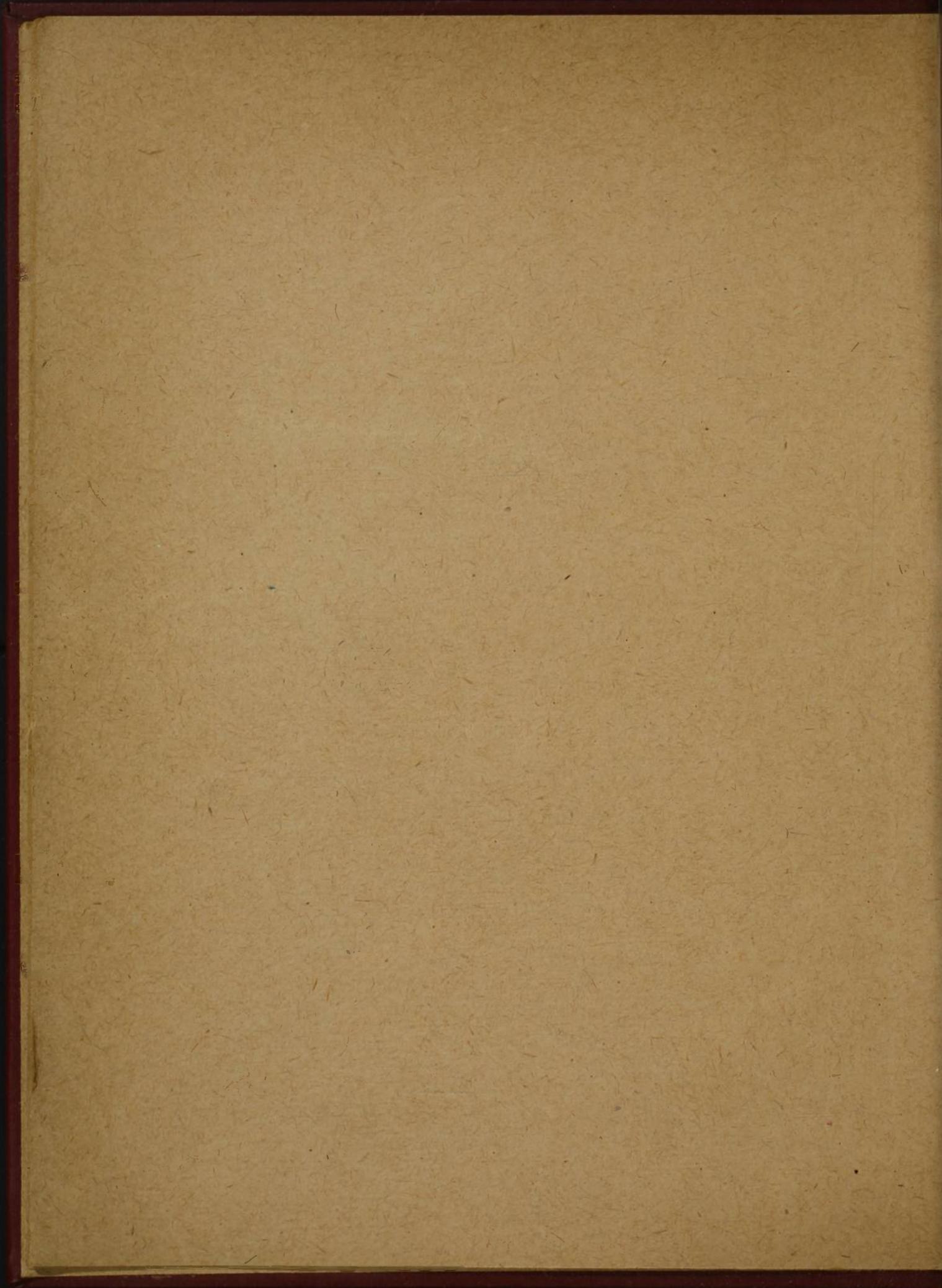
*(Montaigne, Des livres)*

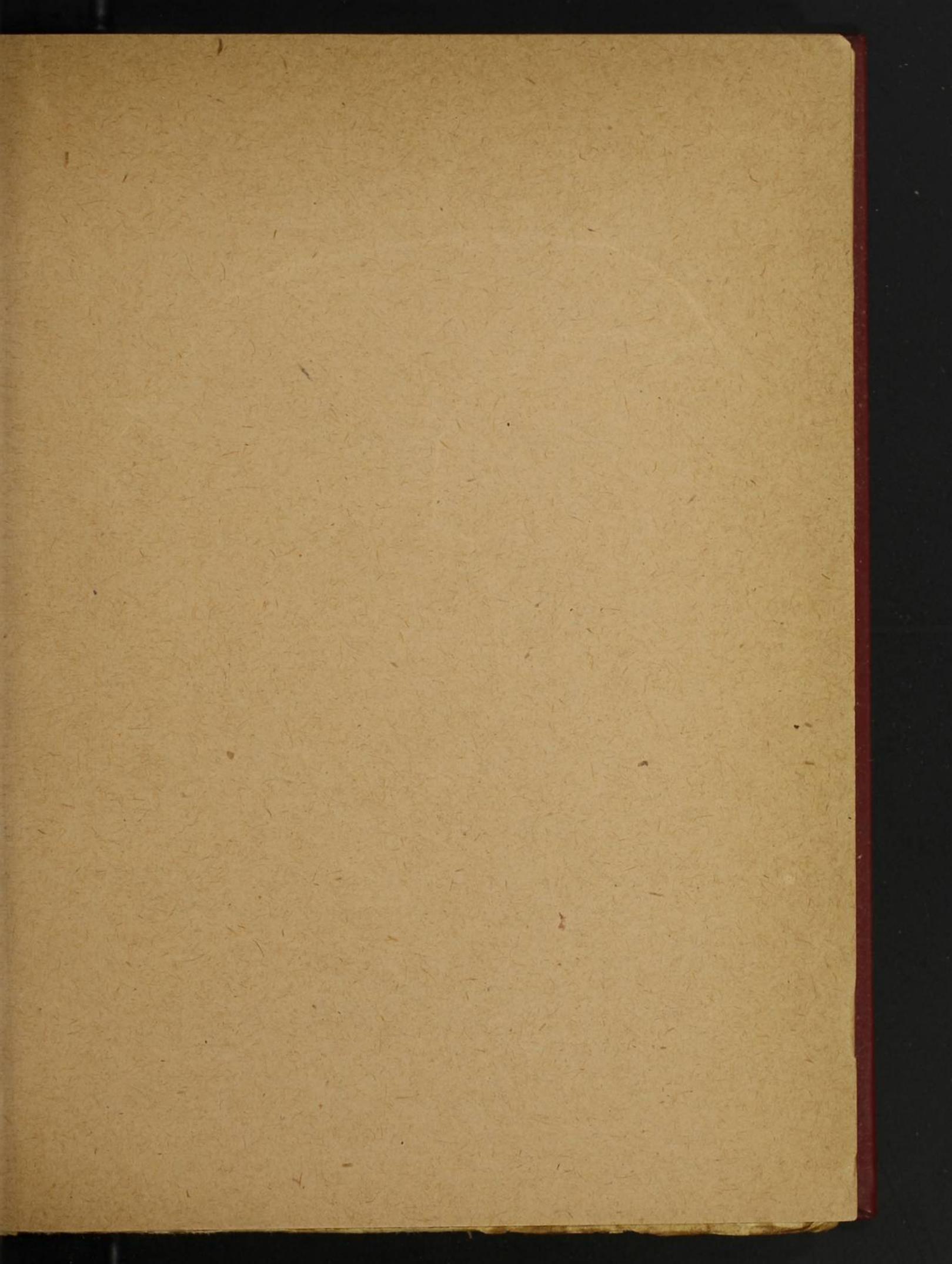
Ex Libris  
José Mindlin

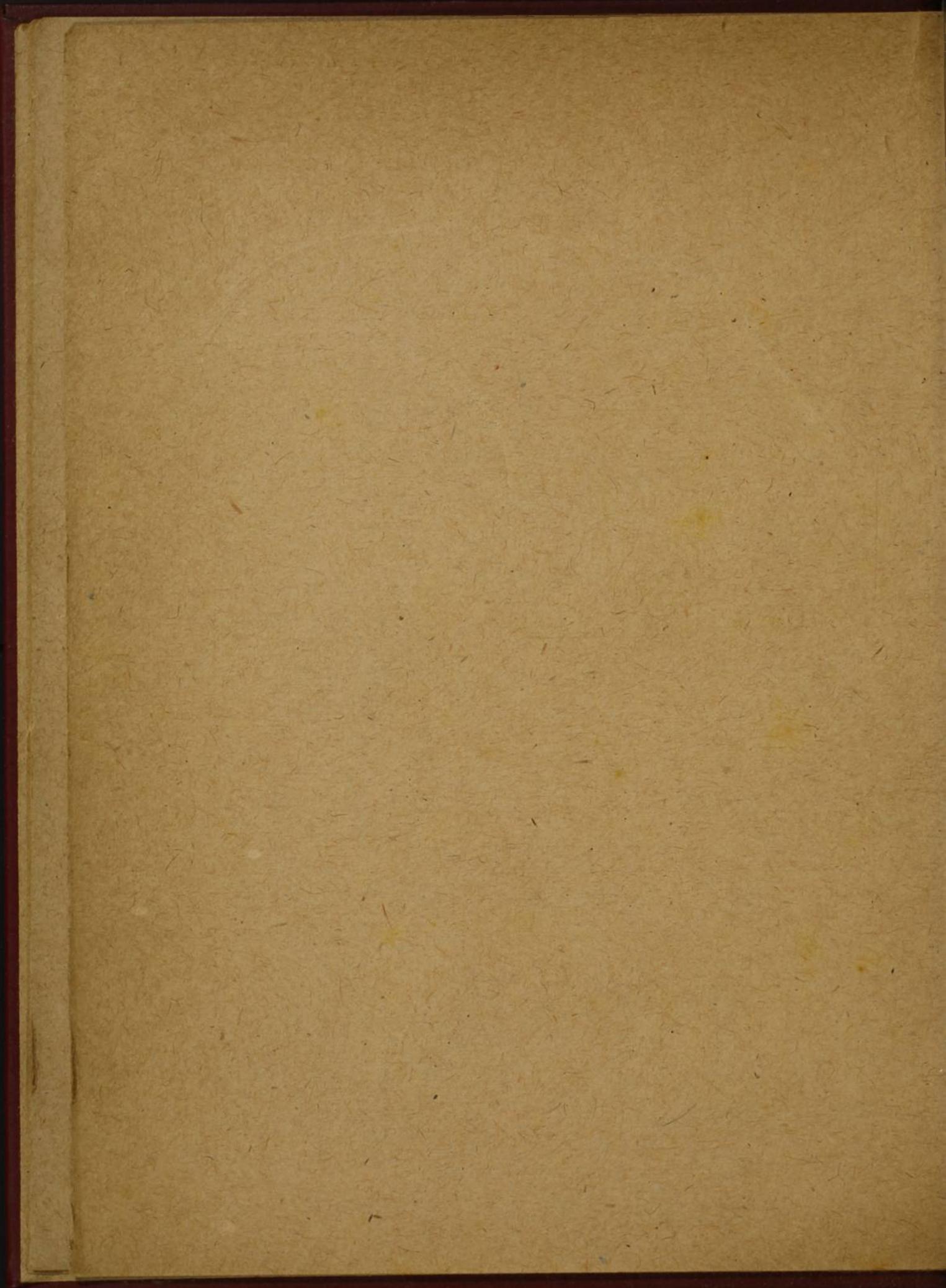










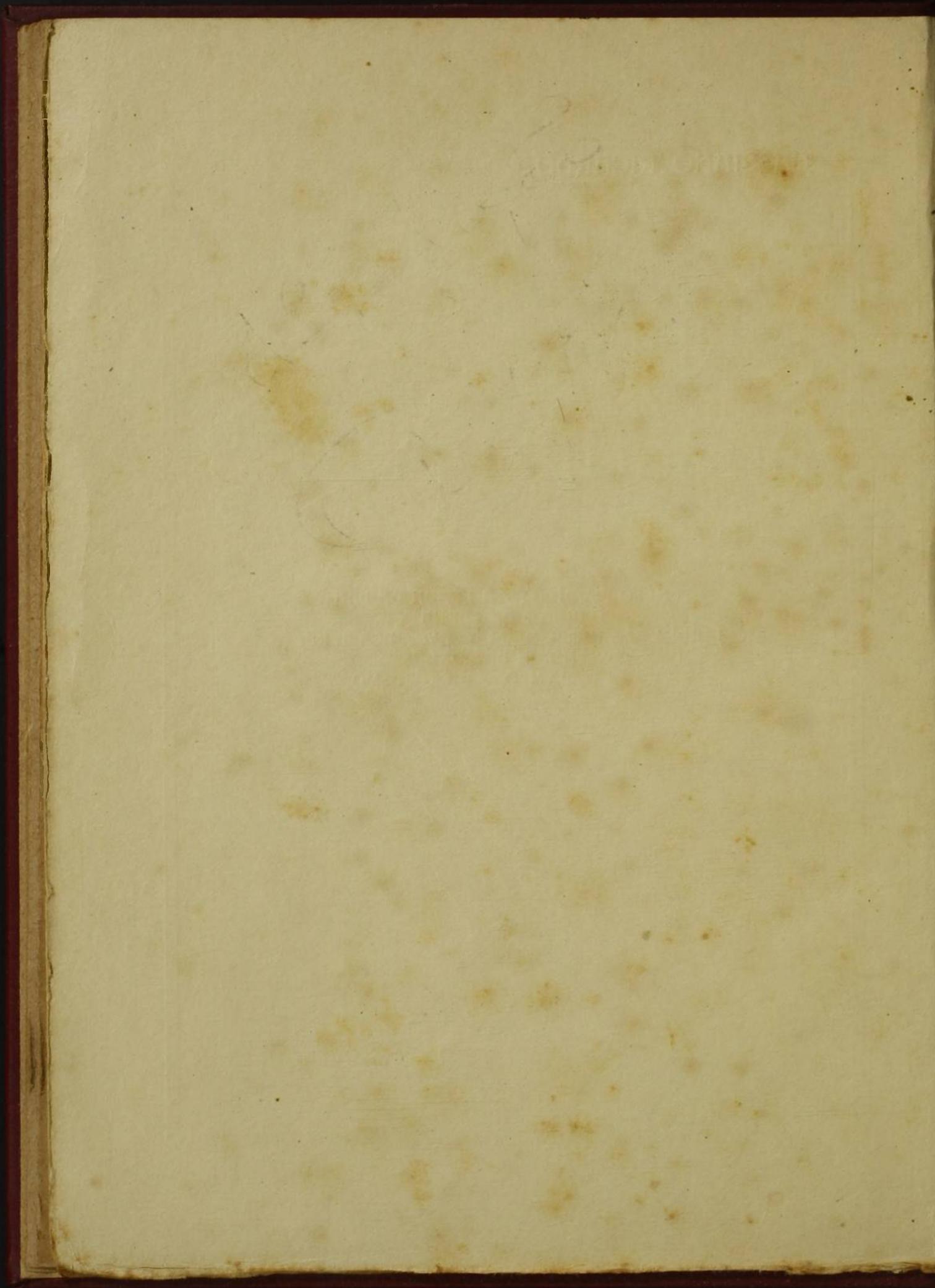


CASSIANO RICARDO

JARDIM  
DAS HESPÉRIDES

TEMPLO FLORÍDO — A LENDA DE PAN  
O CULTO DA TERRA  
JARDIM DAS HESPÉRIDES — A VOZ DOS SERES  
SYMPHONIA DAS ONDAS  
VISÃO DO OLYMPO — MICROCOSMO

CASA EDITORA "O LIVRO"  
Rua Boa Vista, 38-B  
— S. PAULO —



CASSIANO RICARDO

---

JARDIM

DAS HESPÉRIDES

TEMPLO FLORÍDO — A LENDA DE PAN

O CULTO DA TERRA

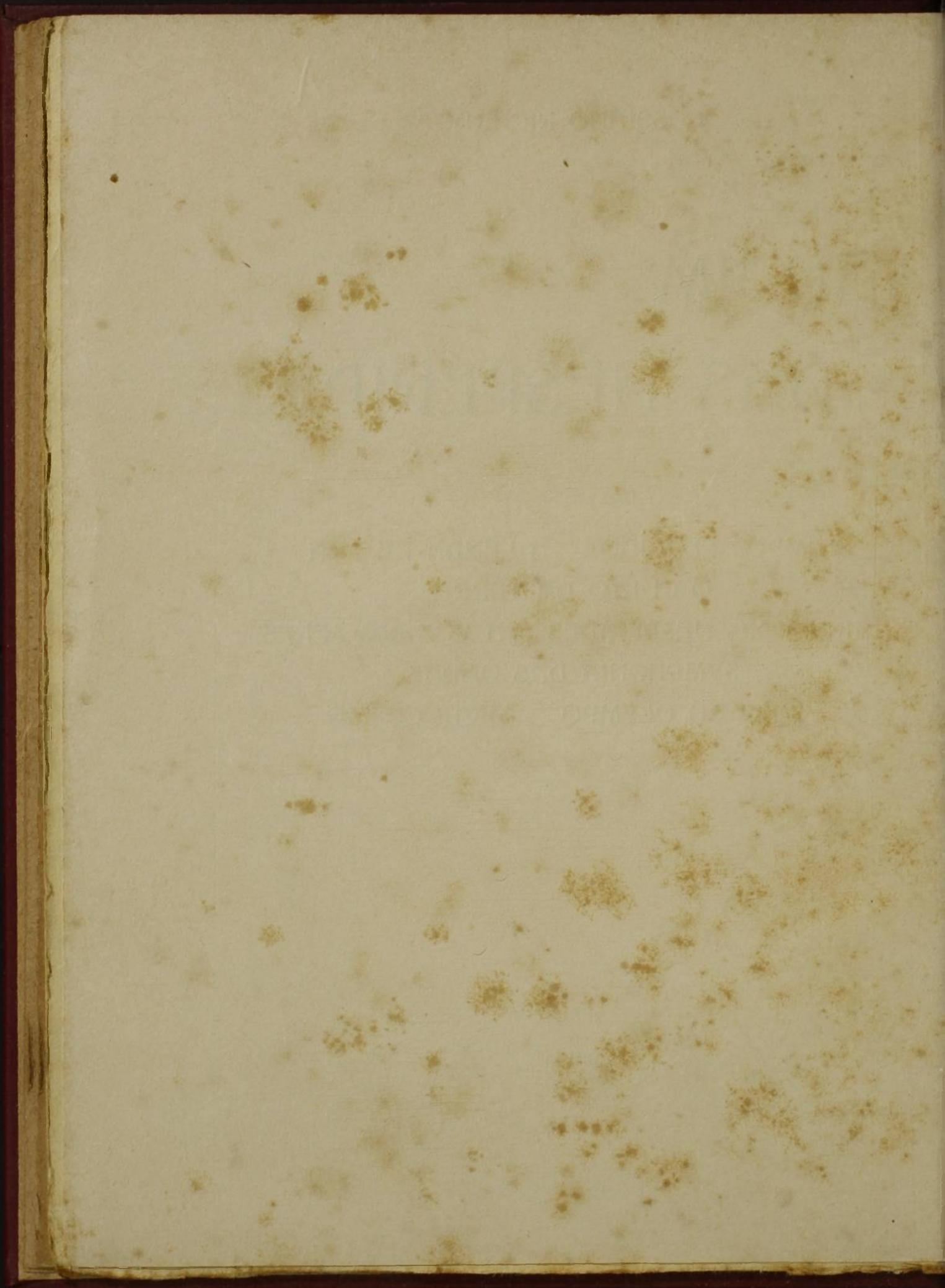
JARDIM DAS HESPÉRIDES — A VOZ DOS SERES

SYMPHONIA DAS ONDAS

VISÃO DO OLYMPO — MICROCOSMO

S. PAULO

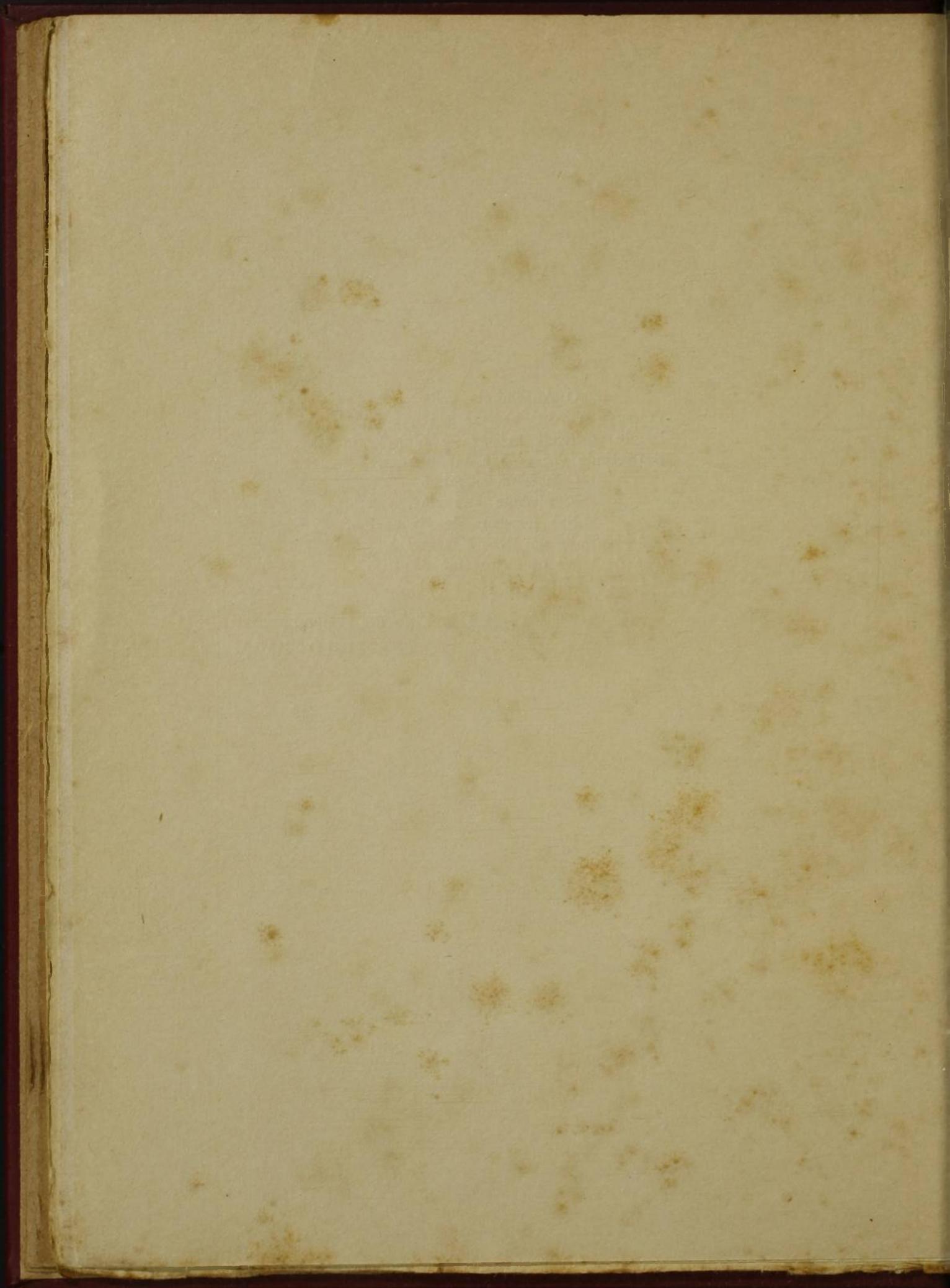
1920



O Anachoreta velho  
Voltando á gruta obscura em que vivia,  
Donde ao longe avistava o Mar Vermelho,  
Reflectindo dos céos a luz intensa,  
Com santa singeleza  
E piedade escrevia  
Nas margens do Evangelho:  
"E' para mim um livro a Natureza,  
Que de todos os outros me dispensa".

*Canto V — Visão dos Tempos.*

THEOPHILO BRAGA.



TEMPLO FLORÍDO



Tem a selva florida, em seu encanto, o aspecto  
de um templo. A trama densa, a tunica dos ramos,  
fórma um zimborio no alto, o concavo de um tecto,  
em que o fulgor do oriente engasta os seus recamos.

E' a cupula do bosque, ao céo erguida e ao vento,  
cheia do morno efflúvio em que o zephyro a esfolha,  
quando o outomno, a tingir os fructos de ouro e argento,  
fecunda o chão bravio e em seiva as folhas molha.

Cada tronco semelha uma columna informe,  
a erguer, á luz e ao luar, á treva e ao sol, em festa,  
entre ruflos, tremendo e estuando, a fronde enorme,  
com que Flora teceu o cocar da floresta...

Cáe o orvalho, a nutrir, no solo agreste, a relva,  
como em recamos de agua um rôr de gemmas finas,  
e em borrifos de prata o pranto real da selva,  
que o céo beija e transfórma em lagrimas divinas.

Arde o sandalo em febre, ao beijo vivo e inmenso  
da luz, e em febre agita as folhas, e as perfuma,  
como si em chammas de ouro o sol queimasse o incenso  
que da Terra creadora exalça a gloria summa.

Bem me fôra passar a vida obscura e amarga,  
rezando ao templo em flor do bosque amplo e fecundo,  
a ouvir de arvore adusta a fronde aberta e larga,  
que esconde, na harpa verde, o encanto de outro mundo ;

desse mundo florido e rórido, em que, aos estos  
da seiva, o pollen géra os pomos ; o Eden louro,  
em que o outomno, num flavo escriptorio, aos ventos lestos,  
derrama, do jardim da lenda, os fructos de ouro...

Bem me fôra rezar, para que as minhas preces,  
e o orvalho de meu pranto, ao céo pedissem gloria  
á Terra genetriz que o seio, em aureas messes,  
nos abre — unico bem da vida transitoria...

Rezar para que o sol, ao seu fulgor de nume,  
em ósculos de chamma, em pompas prodigiosas,  
banhasse o valle e a rocha em ondas de perfume,  
inflammando no bosque o perfume das rosas;

para que desfolhasse o céo altissimo a aurea bençam  
que a alva derrama em fogo, e a cujo ethereo encanto,  
no tremor virginal do orvalho se condensam  
calefrios de luz, camandulas de pranto.

E assim, eu rezaria, ao sol, e ao luar, e ao vento,  
no culto em que consagro a Natureza e a Vida;  
e, no templo de Pan, o meu fugaz lamento  
seria um grito humano em cathedral florída...

E a Noite, ao vêr-me assim, qual doido visionario,  
no seio em flor da selva, errando entre as encostas,  
das estrellas traria o fulgido rosario  
para rezar tambem, de joelhos e mãos postas...

## REZA PAGÃ

OLHO. E' o bosque-sagrado. O perfume selvagem  
das caçoulas palpita, em espiraes de incenso.  
Um ruido de oboés e crótalos, immenso,  
sussurra nos desvãos sombrios da folhagem.

Ruflos primaverís, sobre o mysterio denso,  
cantam árias de amor em dorída linguagem;  
dentro desta nocturna e esbatida paizagem,  
reza o bósque, ao rumôr dos cálamos suspenso.

Nymphas coroadas de hera, e hesperides, em bando,  
derramam os crysóes dourados de ambrosía,  
ao múrmur virginal dos címbalos bailando.

E ao longe, por detraz da selva, que contemplo,  
camandulas de luz espalha, morta e fria,  
numa névoa de prata, a lampada do templo...

## TUMULTO E SILENCIO

PASSAMOS da existencia o dourado tumulto,  
desde o sopé da escarpa á volupia dos cimos,  
breve lucta fugaz sobre o plaino inda inculto,  
donde com azas de ouro á cuspide subimos.

E á gloria da ascensão esplendida, no culto  
das cumiadas azues, no arroubo que sentimos,  
só nas horas de sombra, e em desespero occulto,  
é que pensamos sobre o nada donde vimos...

Mas, a nossa existencia é toda silenciosa,  
nos instantes de luz dos seus lances extremos.  
E as horas de silencio, ó vida mysteriosa,

pondo-nos a pensar sobre o nada aonde iremos,  
é que nos dão, nos seus instantes côr-de-rosa,  
a certeza divina e atroz de que vivemos...

## SEMEIA, E COLHERÁS...

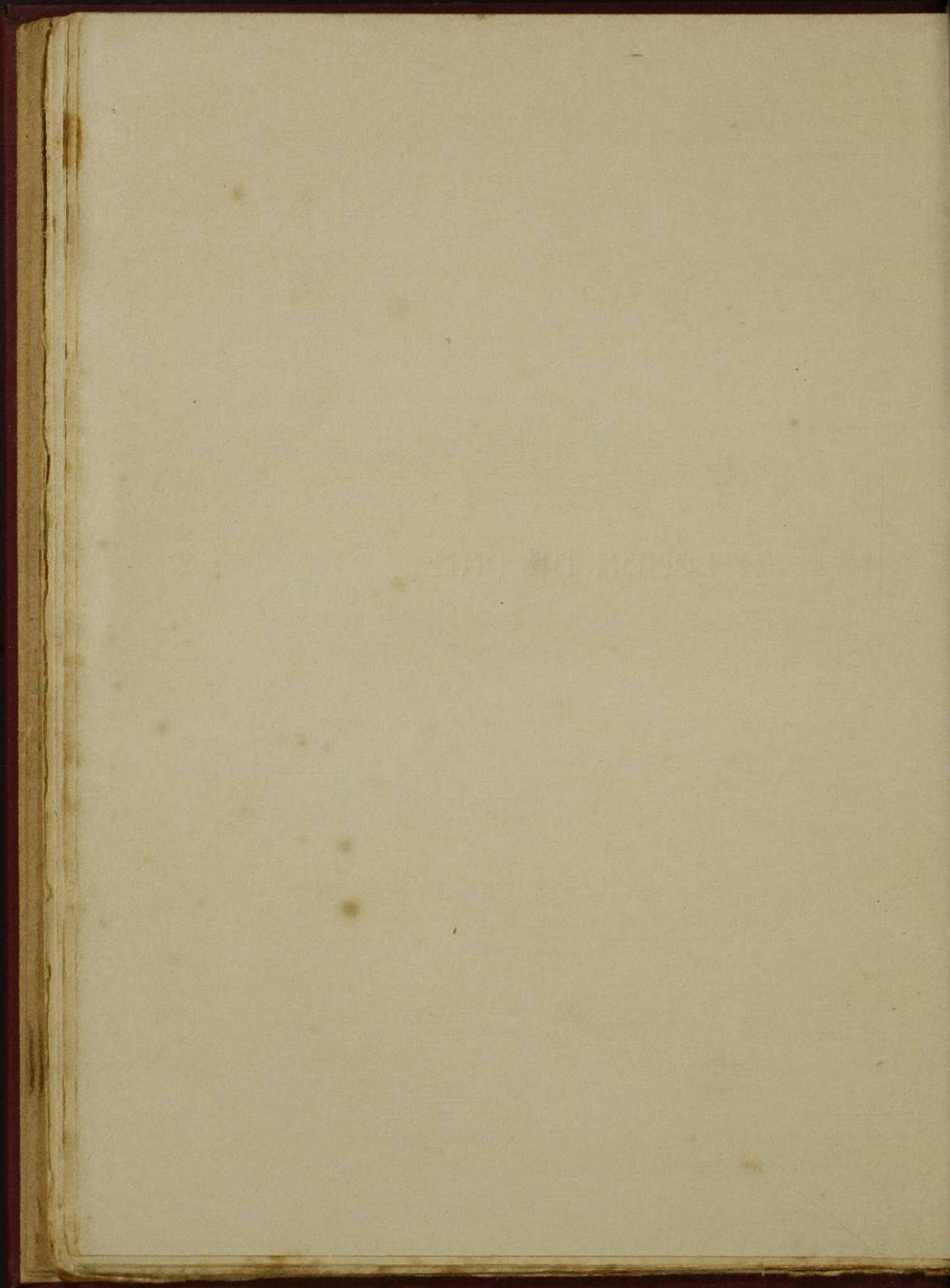
ENTRA. E' o louro jardim dos fructos aureos. (Quanta lagrima já exauriste, ante as malhas estreitas, que te privam o assédio ao sólo de ouro!) E canta, lá dentro, ao som da frauta, a bençã das colheitas.

E lucta, em prol do Ideal, que o teu esforço encanta ;  
e amanha o chão bravio, em que o futuro espreitas ;  
e orvalha-o, com o teu sangue. A tua glória é tanta,  
que as urzes vão florir, no mal de que são feitas...

As sementes do ideal, hontem quasi indecisas,  
em louros brotarão, no jardim que as encerra,  
premiando o teu soffrer sobre o sólo em que pisas.

E que sejam de sangue os teus parques tributos.  
E melhor sorverás o perfume da Terra,  
e melhor sentirás o dulçor dos seus fructos!

A LENDA DE PAN

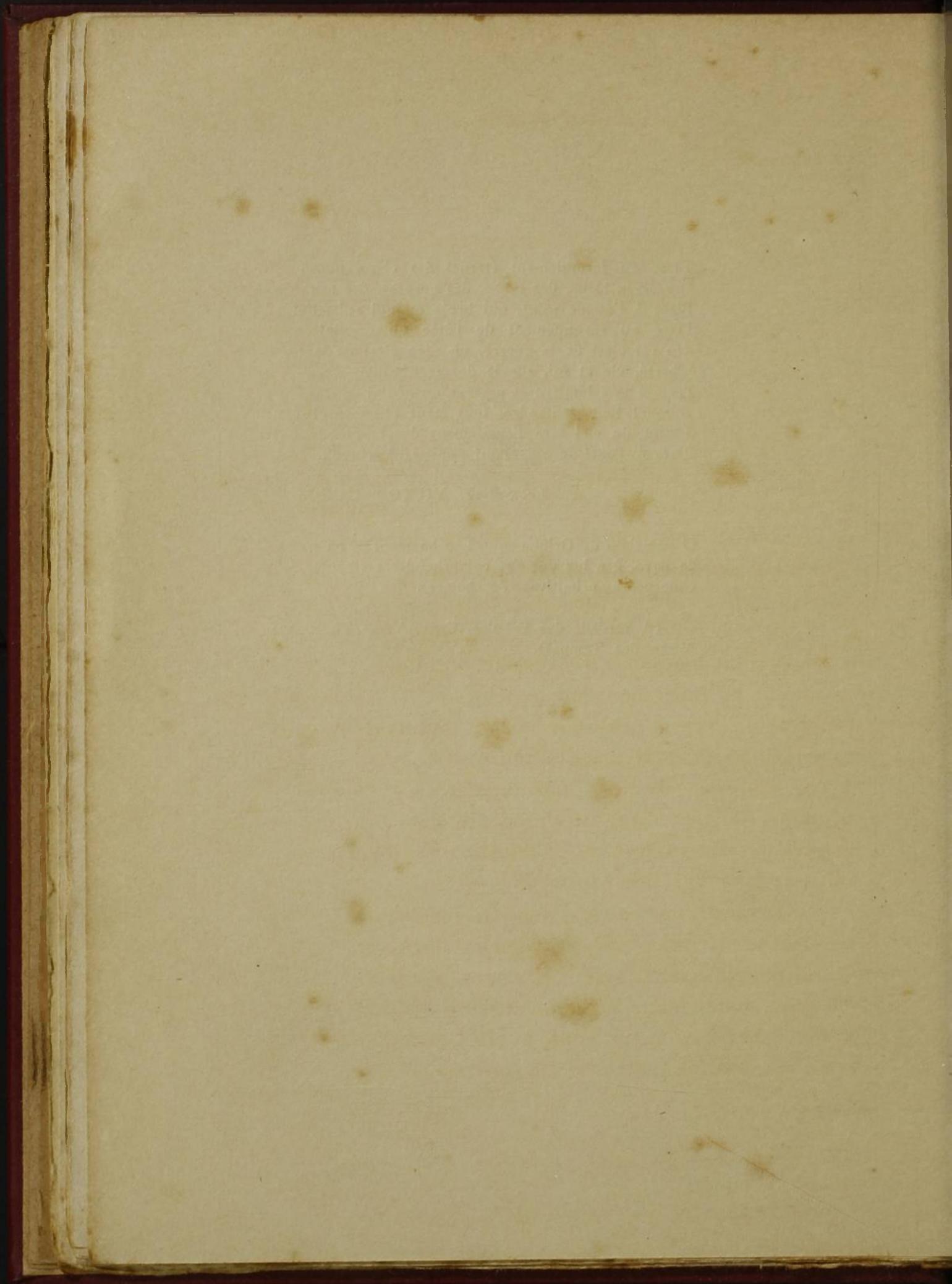


Place au formillement éternel des cieux noirs!  
Des cieux bleus, des midis, des aurores, des soirs!  
Place á l'atome saint, qui brule ou qui ruisselle!  
Place au rayonnement de l'âme universelle!  
Un roi c'est de la guerre, un dieu c'est de la nuit.  
Liberté, vie et foi, sur le dogme détruit!  
Partout une lumiere et partout un génie!  
Amour! tout s'entendra, tout étant l'harmonie!  
L'azur du ciel sera l'apaisement des loups.  
Place á Tout! Je suis Pan! Jupiter! á genoux.

*Le Satyre*, VICTOR HUGO.

O principio de Grimm, que não ha mentira na poesia do povo, é a luz que faz comprehendre melhor as concepções primitivas do homem.

(A verdade das Fabulas, Canto V. — Th. BRAGA  
Visão dos Tempos)



A HISTORIA do deus Pan, da Grecia antiga a lenda em trama de ouro tece: entre os valles sombrios da Arcadia, ampla região, bordada de alvos rios e de cimos azues, em uma gruta horrenda, vivia o velho fauno, homem e capro.

Ao vê-lo,

na socava, no bosque, em seu feliz recanto,  
fugiam-lhe de susto, em rispido atropêlo,  
transidos de terror, presos de mago encanto,  
os genios da floresta: oréades, silenos,  
napéas, egipans, silvanos, hamadryadas,  
entravam os covis; e mysteriosos threnos  
se ouviam, nos rosaes... O bailado das dryadas,  
sob os ramos em flôr, de subito, parava;  
o lépido valsar dos euros, sobre a lympha  
das ribeiras de prata, ou sob a poeira flava  
da luz, emmudecia. E assim, sem uma nympha,  
sem um sylpho siquer, a selva, densa e escura,  
florida e perfumada, era um deserto, quando,  
saindo da cafurna, em éstos de ternura,

o deus Pan perseguia as fadas, galopando nos atalhos do bosque... E porque tudo havia de fugir, quando o fauno, os rios e a montanha, as fragas e os vergeis transpunha? E ao vir do dia, e ao resplendor da tarde, a aparição extranha, pelas moitas em flôr, porque vagueava, ás soltas?

Que o diga a descripção de Pan: divino e horrendo, de homem possuía as mãos e o corpo. Em pêllo envoltas, tinha de um animal as patas. Esplendendo, como raios do sol, cravados sobre o craneo, eram-lhe as hastes de ouro. E ao divisar-lhe o vulto, quando, acaso, deixando o fundo subterraneo, vinha o fauno vaguear na selva, num tumulto, nas cavas, nos desvãos, na espuma, das cascatas, em meio dos myrtaes, as náíades medrosas, os genios da floresta, os lémures das mattas, fugiam de terror... E o perfume das rosas acordavam, num beijo, os zéphyros; corria, pelos ramos do bosque, um sopro de luxuria; e á passagem de Pan, como em sonora furia, toda a flora acordava.

E' que ninguem sabia, nem os filhos da selva, ou mesmo as nymphas, que era um deus, esse homem capro, o symbolo de tudo; que eram seus chifres de ouro os reflexos da esphera em que fulgem os sóes; e que o seu peito rudo, de estrellas recamado, á luz brilhando, tinha o vivido esplendor do céo, bordado de astros...

No entanto, muita vez, em seu véo de rainha,  
de gemmulas tecido, ao vel-o assim, de rastros,  
a Noite, meiga irmã dos tristes, o envolvia;  
e as nymphas, quanta vez, nos olhos do silvano,  
não viram, no furor com que elle as perseguia,  
a mais alta expressão do desespero humano!

Nem Syrinx, que do amor nas encantadas tramas,  
feitas de ouro e de luz, de insidias e perfume,  
prendêra o coração de Pan, prendendo-o ás chammas  
do sonho e da loucura, em que deflagra o ciume;  
nem Syrinx lhe entendeu as ancias e os desvêlos,  
quando o viu, através das brenhas, quasi exausto,  
desvairando de amor, ardendo em febre e em zelos,  
dar-lhe o seu coração, num férvido holocausto!

Dizia-se tambem que eram seus pés a imagem  
do universo inferior: os animaes, as plantas,  
a Terra. E quem o visse, indomito, selvagem,  
capripede, a correr, no bosque, sobre tantas  
escarpas, pelos vãos das pedras, dentre as furnas,  
certo um deus o não cria. E antes o cresse. A historia  
de Pithys nol-o affirma. E entre as nevoas nocturnas,  
quando hoje noctambúla, olympica e marmórea,  
dil-o, em silencio, a Lua, a sylphide celeste  
que deixava Endymion, no thálamo, dormido,  
e, altas horas, no exilio, ouvia a flauta agreste,  
em que o fauno cantava o seu amor perdido...

Astros, mundos de chamma, aureo estellario, espheras  
de luz, ó via-lactea! Anceios brancos, raios  
de prata, ó luar divino! Auroras, primavéras,  
tardes meigas de outomno, em brilhos e em desmaios  
de crespusculo; névoa e sombra, invernos hirtos;  
estios de ouro, ó sol fecundo! Fulvas seáras,  
fructos brotando á flux, flavas magnolias, myrtos;  
insectos, animaes, florestas, aguas claras;  
montanhas côr do céu com cimos de turqueza,  
insulas de coral no largo mar titan;  
Terra florida, verde oceano! O' Natureza,  
sois o excelso evangelho em que cultúo Pan!

## PAN E SYRINX

(A WENCESLAU DE QUEIROZ)

O EDEN verde, o perfume e os fructos, a luxuria das folhas e o langor das frondes, que o sol cresta; e crebro cascadear dos rios, e a lamuria dos ventos, desfolhando os ramos da floresta...

E depois, num delirio insano, á luz purpurea, aos effluvios do bosque, entre ruflos de festa, a extranha apparição de Pan, de olhos em furia, e o devaneio azul dum sylpho em cada fresta...

E o divino terror que assombra os arvoredos, e a selva que se esfólha em liricos enredos, e a rude crispção que as alfombras transmuda,

quando Syrinx, em fuga, entre os ramos, se perde, ao sol que de ouro a veste, ao vento que a desnuda, como a edenea visão de um paraiso verde...

## O IDEAL DE PAN

## I

SANGRANDO as mãos, ferindo os pés, na bruta escarpa,  
como um doido, através do bosque, em furia extranha,  
Pan galopa, transpõe a aresta, o corpo esfarpa,  
na escalada impetuosa ás cristas da montanha!

Guaie a selva, agonise a tarde, o vento carpa!  
Syrinx, nympa a que o deus capripede acompanha,  
as frondes agitando em rumorejos de harpa,  
os verdes turbilhões floridos emmaranha...

E foge ao fauno rudo, e entra os valles e as furnas,  
fria de medo, tal um vulto que na sombra  
se engolfe, desvairando, entre as névoas nocturnas,

quando Pan, num tropel precipite e brutal,  
galopa, e no galope infrene os céos assombra,  
como um louco divino á conquista do Ideal!

## II

Quando, ao fim da corrida, o deus pagão procura,  
olhos em febre, mãos em sangue, o vulto presto  
que lhe foge, descendo os valles e a planura,  
é que mais o agonia aquelle amor funesto!

Syrinx, quasi nas mãos de Pan, que a mais um gesto,  
brutalmente divino, a teria segura,  
num desespero hostile, desviando o corpo lesto,  
Syrinx, quasi nas mãos de Pan, se transfigura!

Transfigura-se em planta; e o silvano, que a implora,  
no aneio de exprimir a tortura que o invade,  
cortou-a, e della fez uma avena sonóra.

Certo foi quando Pan, na mysteriosa canna,  
cantou o seu ideal perdido, que a saudade  
começou a existir, divinamente humana...

## A FLAUTA DE PAN

RUDA flauta de Pan, doce tuba sonóra;  
inda hoje, sobre a Terra, o teu éco perdura,  
teu gorgueio soluça e freme, como outr'ora  
fremia e soluçava, á divina tortura...

Freme, no acre rumor das fanfarras da Aurora,  
nas surdinas do vento, entre a floresta escura,  
soluça no fragor das cascatas e chora  
na voz da Natureza, em languida doçura...

Na musica do mar, no rugido profundo  
das féras, no chorar noctambulo do vento,  
no sonóro clamor phantastico do mundo

em tudo o que hoje chora ou canta, ao nosso ouvido,  
ha um éco universal do barbaro lamento  
com que Pan celebrou o seu Ideal perdido!

## SOLILOQUIO DO FAUNO

ACORDO. A luz do céu, a auricrinita flamma  
do sol, doura a floresta e o espaço azul recama.  
Entre os verdes festões, pelos desvãos da selva,  
nascem flores, que a luz, em estos de ouro, acorda.  
A orchídea, que se agarra aos tapetes de relva,  
sobe ás frondes, enleia as grimpas verdes, borda  
arabescos triviaes, no seio da floresta,  
que palpita de vida e sussurra de festa...

O azul enche-me a vista, o oriente illuminado  
chispa, ao fulgor do sol, no ouro pulverizado  
das mais flavas manhãs, das mais fulvas auroras...  
Passam, no ar, rechinando, as cigarras sonoras,  
almas feitas de som, de prece, de blasphemia,  
como que procurando a alleluia bohemia  
das franças, que o esplendor da primavera inflamma,  
e em que o dia fulgura, em osculos de chamma...

Sáio, vou para o campo, em busca do rebanho,  
que os incendios do sol despertam, e acompanho,  
como a vultos de luar, as ovelhas esquivas...  
Enlevam-me a visão todas as coisas vivas,  
desde uma ave que chilra e que tatala as plumas,  
até o gado feliz que muge, dentre as brumas.

E assim, durante o dia, eu procuro, eu visito  
os mais longes vergeis, as mil moitas esparsas,  
os lagos cor do céu, o mysterio infinito  
dos cysnes auguraes, das sonhadoras garças.  
E quando a Noite vem, em quérulo murmúrio,  
a minha alma descança em seus fundos refólhos,  
e, através dos desvãos do meu pobre tugurio,  
são as estrellas de ouro o encanto dos meus olhos...

## A VISITA DE SELENE

ALTA noite, um reflexo azul, ás tontas,  
como o aneio de um luar, frio e funereo,  
vem do orvalho inflammar as alvas contas,  
pela paizagem de outomnal mysterio,  
e uma phosphorescencia leve acorda,  
num halo celestial de luz, nos ramos;  
e esse fogo, a escorrer na selva, borda  
o templo verde, com azues recamos...

Brilham, por todo o bosque, aureas scintillas,  
num incendio fugaz, dentro da sombra;  
e, em chispas de ouro, as arvores tranquillias  
sonham, no encantamento que as assombra:  
são aladas fagulhas que vêm pelas  
moitas, e vão valsando, pelos campos,  
como uma chuva rútila de estrellas,  
de tremulinas e de pyrilampos.

Selene desce do alto, e á luz desnuda  
os seios virginaes e os olhos gazeos,  
e arde, sonhando, toda a selva ruda,  
e a Terra accende o incendio dos topazios:  
em mago encanto, sobre o sólo agreste,  
faiscam esmeraldas lacrimosas,  
e em ténue claridade azul-celeste  
lacrimejam saphyras luminosas...

E a sylphide noctambula, na selva,  
como de luar vestida, em pompas de ouro,  
desce á planura, baila sobre a relva,  
ao sussurro dos zephyros em côro.  
E ao tibio fogo trêmulo, que valsa,  
na procissão nocturna dos lampyrios,  
o seu vulto de neve se realça  
num turbilhão de rosas e de lirios...

Pan abre os olhos, cheios de luxuria,  
e mal os olhos abre, doidamente,  
as mãos crispadas, galopando em furia,  
todo se inflamma em desespero ardente.  
Irrompe o efflúvio morno das magnolias,  
e, em nevroses de sandalo, a floresta,  
tem um surdo rumor de harpas eóleas,  
dedilhadas num fremito de festa...

Tudo acordou. As folhas crespas bolem,  
e rufla o vento, e cáe o orvalho, e canta  
o bosque, germinando a seiva e o pollen,  
no perfume que as arvores encanta.

Foge Selene, errando aos tenues raios  
da luz, nervosamente fria; e nua,  
num sonho todo feito de desmaios,  
desapparece, num clarão de lua...

E o deus pagão, com os olhos tontos, corre  
pelos socalcos, entra pelas furnas,  
e aos influxos do luar que do alto escorre,  
arde em crueis aparições nocturnas.  
Cáe, sobre a relva, um bando louro e acceso  
de pyrilampos e de tremulinas,  
e o bosque phosphoreia e brilha, preso  
de uma chuva de gêmmulas divinas...

E quando o Dia volta, todo em chammas,  
ás desgrenhadas arvores torcidas,  
ha um enredo de amor nas verdes tramas  
e a selva sonha em bacchanaes floridas...

## BACCHANAL

EBRIO, ás tontas, exausto, ao léo dos seus tropeços,  
vagueia o deus do bosque, enrosca-se na trama  
das orchideas hostis e dos festões espessos,  
donde o effluvio se agita aos beijos que derrama...  
Bailam, zigue-zagueando, os insectos travessos,  
sob as fraguas de um sol desfeito em ignea chamma,  
e ao nôto, que sussurra em doidos arremessos,  
toda a matta profunda, aberta em flôr, se inflamma.

Quando Pan apparece, assim tonto e errabundo,  
urzes sangram-lhe as mãos, flagelam-no os espinhos,  
cardos ferem-lhe os pés, e irrita-se, no fundo  
das frondes, o rumor bucólico dos ninhos...

As cigarras, ao sol, cheias de susto, em bando,  
na orgia tropical de uma festa sonóra,  
zumbem, rispidamente, e agitam-se, voejando,  
como si as acordasse a irradiação da aurora...  
A' harmonia impetuosa os leques desfraldando,  
em loucuras de som, toda a selva se enflóra,  
e as cimas colorindo, e as moitas escaldando,  
transborda o prateo orvalho em éstos de plethora...

Quando o deus rudo esfólha as amphoras de aroma,  
para beber o pranto irial das madrugadas,  
em cada flôr medrosa um sylpho azul assoma,  
trazendo o effluvio hostile das pet'las melindradas...

Em celebrando, á luz, do fulvo estio a volta,  
afla um ruido de festa, em cada sébe escura,  
e o orgiaco festim dos faunos em revolta  
á luxuria pagã das frondes se mistura.

Estúa a bacchanal de sandalos, de envolta  
com os deliquios da sésta, em ancias de ternura;  
e, aos beijos de aurea flamma, a flava Céres solta  
umia torrente real de gemmas, pela altura...

E aquella embriaguez augmenta, a cada instante,  
ao aroma sensual que o zephyro sacode,  
e em filtros de luxuria escorre a seiva estuante,  
a selva transformando em aromal pagode...

No esplendor do verão, todo o espaço corusca  
e inflamma o bosque e a Terra, em rutilas torrentes;  
brande o céo dardos de ouro, o sol a alfombra offusca,  
jorrando, sobre a relva, em conmoções ardentes.

E á passagem de Pan, em sonóro atropêlo,  
nymphas de grenha flava e olhos azues de ciume  
seguem-no, pela selva, e voltam rindo, ao vê-lo  
naquella embriaguez de orvalho e de perfume...

## O BAILE DAS DRYADAS

AO resplendor do outomno, arfa a enorme floresta,  
tinta de jalde a grimpa, exausta a longa espalda,  
e ao tépido langôr das folhas que o sol cresta,  
hirta palmeira ao vento as flammulas desfralda...

Todo o cortejo real das dryadas se apresta,  
galopando, através dos bosques de esmeralda,  
aos gorgeios sem par das avenas em festa,  
aos recamos da luz que os pincaros escalda...

Nesta hora assistireis, entre as arvores mudas,  
ao bailado pagão de alvas nymphas desnudas,  
si nesta hora as regiões da selva percorreres:

crispam-se, de voluptia, os galhos retorcidos,  
e olham a dança extranha os faunos de olhos verdes,  
occultos por detraz dos cômoros floridos...

## MISERE'RE

EM incendios de côr, o sol bravio cresta  
as arvores, tingindo as cimas de ouro-jalde,  
e acorda o seio em flôr da encantada floresta,  
para que o vento o oscúle e o estio em fogo o escalde.

Debalde o rio orvalha os saibros nús, debalde  
uma cigarra louca expira, á luz funesta;  
até que a Noite chegue e a tunica desfralde,  
andam os faunos a fugir, de fresta em fresta...

E quando o céu desvenda a argentea maravilha  
dos astros, quando o luar funereamente brilha  
e desce da montanha ás ingremes encostas,

sob o vento que geme ou cantos reaes desfere,  
o rumor da floresta é um fundo miserére  
de vultos espectraes que rezam de mãos postas...

## SYMPHONIA SELVAGEM

**E**RRANDO, pela selva a dentro, Pan carpia,  
aos módulos da flauta, a saudade profunda  
de Syrinx, e acordava, em pompas de harmonia,  
cheia de éstos de sol, a Terra moribunda!

Era a resurreição da Natureza! a selva  
e a rocha, o rio e o mar, os valles e as montanhas,  
o trigo louro e a seára, a alfombra verde e a relva,  
despertaram ao som de virações estranhas...

Tudo, dentro de um canto, á vida e ao sol, vibrava.  
Floria a primavéra, e assim florida, em gloria,  
com o pollen do aureo escriptorio, á luz fecunda e flava,  
cobria de luxuria e seiva a Terra ingloria...

Cada fronde, ao seu beijo e ao seu effluvio, uma harpa,  
em vibrações, tangia; e essa harpa eólea, em festa,  
jorrando aroma e som, por sobre o cerro e a escarpa,  
derramava o perfume e o canto da floresta...

Ruidos de aza, uma orchestra immensa, dentre o fausto,  
com que a orchidea esfolhava o seu collar taful;  
longas ancias de voar, ou do amplo vôo exausto  
de aguia real que caiu, na embriaguez do Azul...

Zumbidos, sons de festa, ancias e trillos, éstos  
e sustos, pulsações de febre, crébros hymnos,  
chilros e uivos, vozear de sylphos, ruflos léstos,  
numa orchestra brutal de fremitos divinos;

o soturno guaiar das frondes, e o lamento  
de alvos rios, a uivar em quedas de cascata,  
como que a espadanar, em furia, ao sol e ao vento,  
o almo pranto do bosque, em flóculos de prata;

todo esse canto enorme, esse gorgeio arcano,  
que dentro do amplo seio a selva immensa espraia,  
irrompia, empolgando os valles, como o oceano  
que espuma e se desfaz em canticos, na praia...

E essa orchestra sem par, de barbaros accentos,  
— surdos cantos da flora e uivos da fauna em côro —  
enchia de um rumor profundo a Terra e os ventos,  
como um ruído do céu vibrando em harpas de ouro...

## II

PAN tocava, de novo, a flauta; e novas nenias se ouviam, e outros sons divinos, e outros cantos; nymphas de grenha loura e dryadas edeneas, entre afflatos de festa, ao som de trompas enneas, rythmavam de um bailado os céculos encantos; e, olhos accesos, como extranhas maravilhas, pupillas a chispar como pedras preciosas, phosphorescendo á luz, num punhado de estilhas, fluctuavam no florido enleio das mantilhas, num aureo turbilhão phantastico de rosas...

Náiades brancas, sobre os rios caudalosos, abriam, aos frouxeis da lympha, os olhos gazeos: vinham libellulando, em circulos graciosos, os cabellos cobrir de lucidos topazios; com o veu fulvo desfeito em tenues tremulinas traziam, no voltear das clamydes ondeantes, o limpido rumor das aguas cristalinas e o effluvio tropical dos sandalos estuantes...

## III

**I**NSECTOS de ouro, á luz meridea, num torneio estridulo, volteando em torno, azas vibrando, vinham ouvir, de perto, o tremulo gorgueio da flauta; e assim vibrando, e assim volteando, num bailado fugaz, em mysteriosos hymnos, voltavam, pela selva a dentro, como um bando de azas tontas, ao som de quérulos violinos...

E ante as suaves canções da avena lamuriosa, feras bravias, entre as arvores tranquillias, vinham dos seus covis esconsos; para ouvil-as, soffreavam, de repente, a corrida impetuosa, relampagueando o vitreo incendio das pupillas...

## FONTES E RIOS

(A JULIO RUAS)

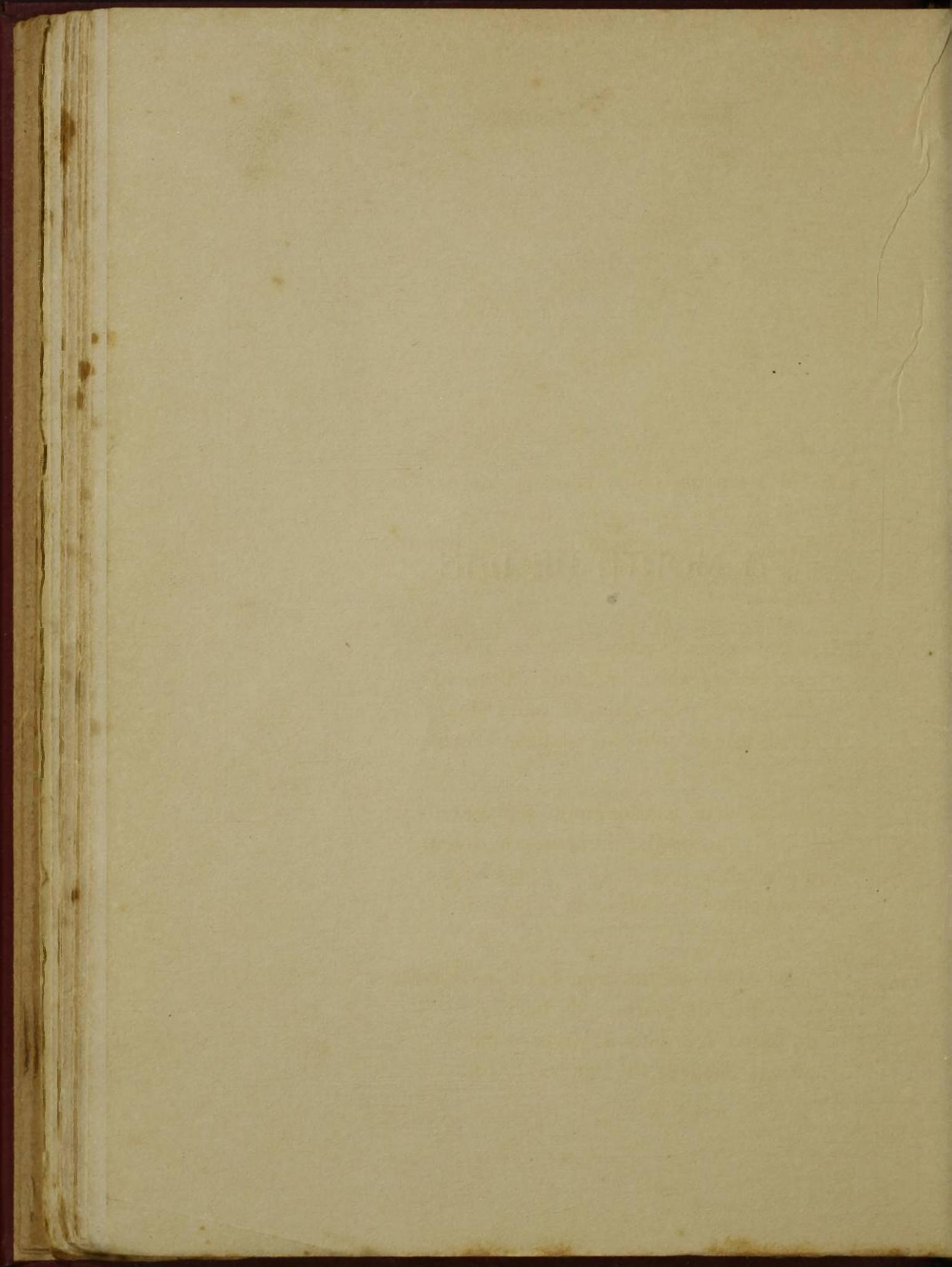
**M**AL o occiduo clarão anunciou o sol-pôsto,  
toda a Arcadia acordou, num profundo lamento!  
Pan carpia, banhando em lagrimas o rosto,  
e era um rumor de chôro o mysterio do vento...

E' que os deus infeliz, depois de haver transposto  
mil fragosas regiões, sem tregua de um momento,  
viu morrer seu ideal e pranteou de desgosto,  
como vencido heróe de algum drama nevoento...

O seu pranto escorreu, no perfume selvagem;  
e ao de novo irromper a canicula accesa,  
fez-se um templo florido a funérea paizagem.

E uma lagrima verde, entre os bosques sombrios,  
levando a dôr de Pan por toda a Natureza,  
era a resurreição das fontes e dos rios...

A MORTE DE PAN



## THAMO

THAMO era um pobre pescador de pérolas.  
Todos os dias, vélas á luz de ouro,  
sulcando o abysmo azul das ondas quérulas,  
ia em busca de um cérulo thesouro...

E entre syrtes brutaes e verdes ilhas,  
a nau veleira abria os pannos brancos,  
— ave exul, num paiz de maravilhas,  
do mar bravio sobre os glaucos flancos.

Todos os dias, nas longinquas plagas,  
em que as procellas impetuosas rugem,  
cantava uma sereia, ao léo das vagas,  
nos turbilhões revoltos da salsugem...

E esse canto annunciava, entre os escolhos,  
uma região de gloria e de belleza,  
e do nauta acordava aos tristes olhos  
fugitivas imagens de riqueza...

Conchas preciosas de argentadas valvas,  
pérolas raras, soltas dentro dellas,  
como em escriptorio real de contas alvas,  
indemnes ao negrume das procellas;

algas e asterias, sob o mar profundo,  
um mundo de coraes, dentro do oceano,  
e as maravilhas todas desse mundo  
escondidas á luz do olhar humano!

Sobre o pelago azul, todos os dias,  
agitando, ao fragor das ondas quérulas,  
numa prece de louco, as mãos vasias,  
Thamo era um pobre pescador de pérolas...

## PAN MORREU!

NUMA tarde oriental, á claridade flava  
do poente, a nave, entregue ao vento, de onda em onda,  
partiu. O mar Egeu, bravio e crespo, inflava  
e sacudia, á espalda azul, a véla cava,  
flammula tremulando, enfunada e redonda...

Certo um thesouro longe, em mysteriosas landas,  
na longinqua visão dourada de outros mundos,  
fez com que o velho Thamo, abrindo as vélas pandas,  
deixasse a terra verde, orlada de guirlandas,  
inda quentes do sol nos éstos moribundos...

Mas, em meio do oceano irado, o euro bravio  
parou. A tarde extincta, entre as longes ilhotas,  
derramava a saudade azul do occaso frio,  
esfumando, na sombra, as paizagens remotas...

Morrendo e bruxoleando, a luz de dúbios raios  
esfolhava, no céo, seu último recamo,  
no ensombramento gris dos occiduos desmaios,  
quando uma voz se ouviu, á procura de Thamo!

Thamo! e o marujo audaz, como que por encanto  
preso daquela voz que vem, não sabe de onde,  
e tomado de assombro, e livido de espanto,  
presta o ouvido, interroga os nautas, e responde.

Houve o encanto brutal de um divino traspasse!  
Todo o espaço accordou, num barbaro gemido,  
e alguém, que se não viu, lhe disse que anunciasse,  
ás regiões do alto mar, que Pan tinha morrido!

## II

UM grito de terror foi de onda em onda ouvido;  
e, de onda em onda, a nau abriu, de novo, as vélas,  
e os nautas, em tumulto, ao clamor do alarido,  
como si os surprehendesse um bramir de procellas,  
partiram para o largo oceano enfurecido...

E o salso flanco erguendo, e agitando as espaldas,  
o mar, numa lamuria impetuosa e violenta,  
levando conchas de ouro, e uivando ás verdes faldas  
do archipélago, hauria as furias da tormenta,  
num glauco turbilhão florido de esmeraldas!

Quando, depois, a nave, ao influxo iracundo  
da maré, na revolta immensa, sobre os flancos  
do abysmo, em redemoinho, alteava os pannos brancos,  
correu, por todo o espaço, um lamento profundo...

“O grande Pan morreu!” E esse grito de morte,  
o oceano revoltando em psalmos de tristeza,  
reboou de plaga em plaga, andou de sul a norte,  
como um rumor de prece enchendo a Natureza...

“O deus da Arcadia é morto!” Em ancias de agonia,  
a maruja clamava, ao léo das vagas cérulas,  
e o largo oceano, inflado, á procella bravia,  
deixava, na alva praia, o seu pranto de pérolas...

Thamo a tudo annunciava o horrendo cataclismo;  
e o seu augurio extranho, ao marulho das vagas,  
de éco em éco, acordou, ao vento, o verde abysmo,  
no equóreo turbilhão dos coraes e das fragas...

E assim, como quem esma a gloria de um destino,  
de praia em praia andou, correu de porto em porto,  
e aos mundos annunciou, no seu clamor divino:  
O grande Pan morreu! O deus da Arcadia é morto!

## III

(A ANDRÉ CARRAZZONI)

DIZEM que, quando Pan morreu, o céu profundo  
desabou, sobre a Terra, em naufragios de sombra,  
e, ao grito de agonia, estremeceu o mundo  
e um funebre rumor se ouviu em cada alfombra...

E' que a morte de um deus o espaço e a Terra assombra,  
como o espasmo de um sol, desfeito e moribundo,  
tinge de sangue o poente e de saudade ensombra  
os pincaros azues e os pélagos sem fundo!

Não sei que maior gloria entresonho e presinto:  
si a Terra, cheia de ais, chorando um deus extinto,  
extravasando a dôr que dentro em si não caiba,

ou si o olvido de quem, no mais fundo desterro,  
em cada sonho morto assiste ao proprio enterro,  
na gloria de morrer sem que ninguém o saiba...

III

CHAPTER I

OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

IN THE

YEAR

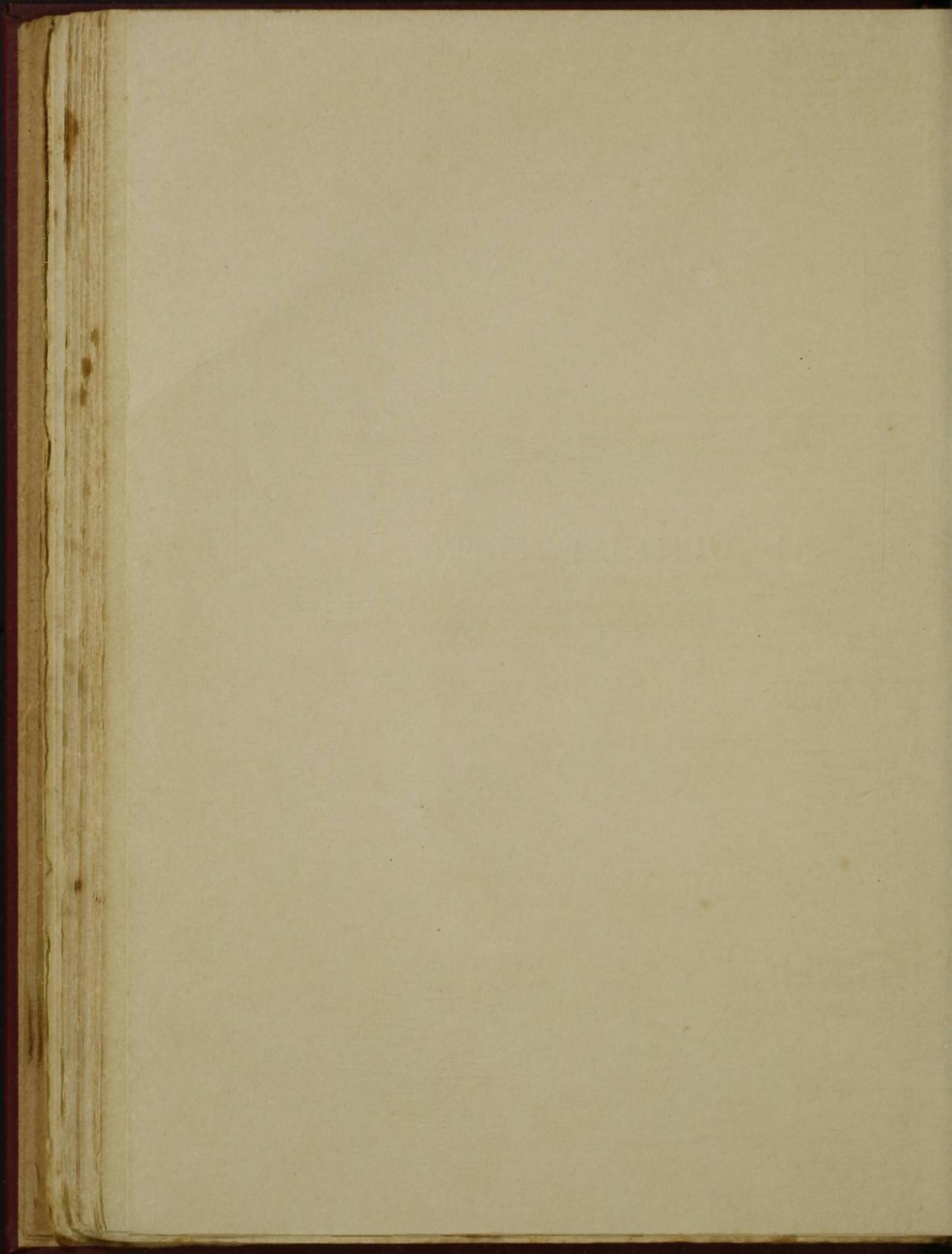
1625

BY

JOHN

WILKINS

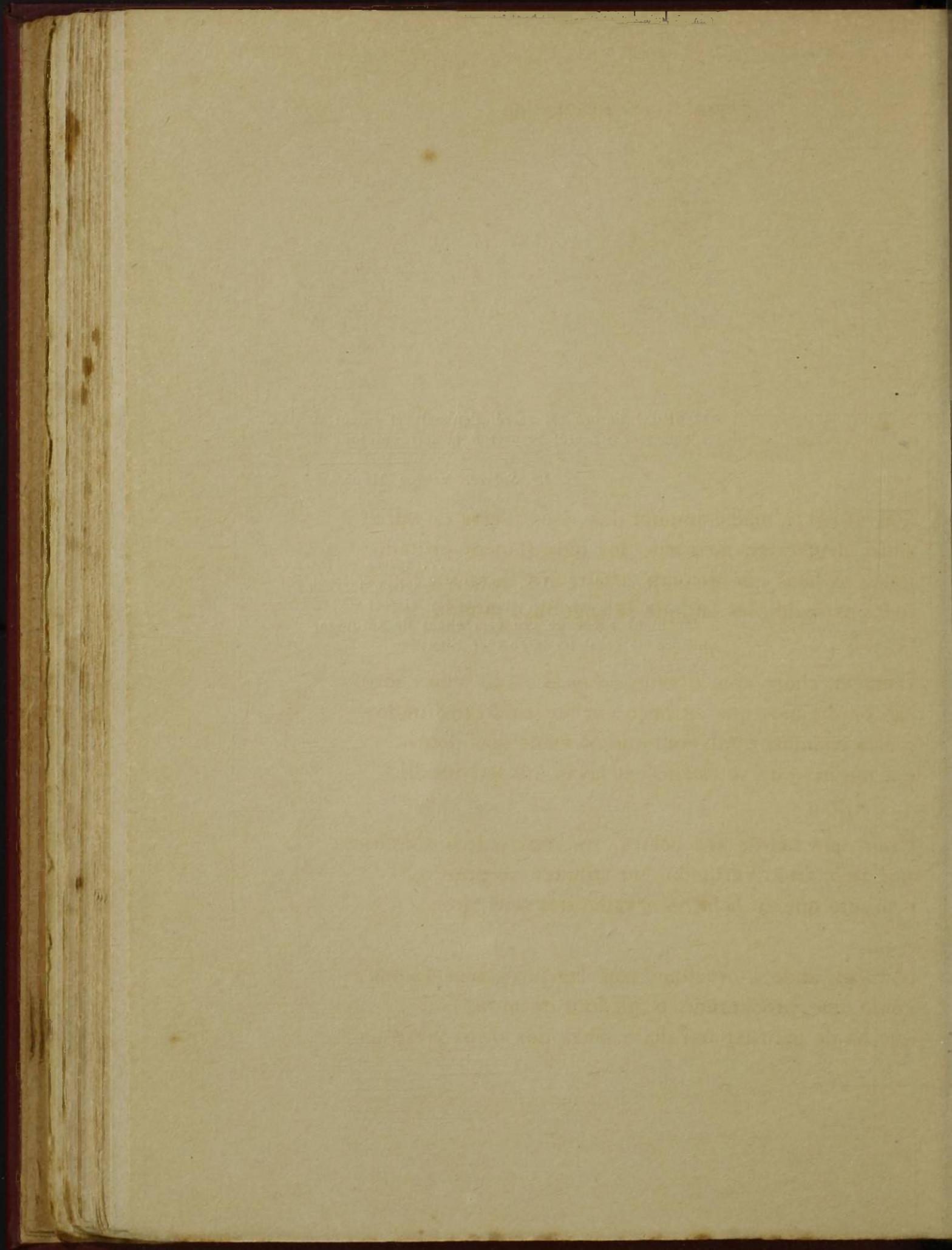
O CULTO DA TERRA



O dieux! l'arbre est sacré, l'animal est sacré;  
L'homme est sacré; respect à la terre profonde!

*Le Satyre.* VICTOR HUGO.

... fulvas seáras,  
fructos brotando á flux, flavas magnolias, myrtos,  
insectos, animaes, florestas, aguas claras;  
montanhas côr do céu com cimões de turqueza,  
insulas de coral no largo mar titan;  
Terra florida!



CREIO em ti, mãe commum dos sêres, Terra de ouro!  
sinto, dentro em meu ser, dos teus flancos oriundo,  
todos os bens que esconde o teu vivo thesouro,  
todas as maldições em que se engolfa o mundo...

Homem, choro com o vento, e os écos do meu chôro,  
são os mesmos que eu ouço em teu ruido profundo;  
e esta chamma vital, com que os meus dias douro,  
é a mesma que se estrúe em lavas, no teu fundo!

Creio que hei-de ser poeira, em teus sulcos sombrios;  
por isso, ando vertendo, em tributos de pranto,  
o pranto que eu bebi no orvalho dos teus rios;

por isso, ando a orvalhar, com lagrimas, teus fóssos,  
como que procurando o piedoso recanto,  
que ha-de guardar um dia a cinza dos meus óssos...

## NUPCIAS DA TERRA

(A OCTAVIO DE ALENCASTRE)

E' um véo branco de noiva a névoa que recama  
o rosto hispido, á Terra; é o velho amor que volta.  
A ternura do vento o aroma e o orvalho inflamma,  
pingos de ouro esparzindo aos campos em revolta.

Lavra o incendio á luxuria, entre os tufos da gramma;  
uivos crebros de angustia a selva ao longe solta.  
E o seio nú da Terra, aos beijos de aurea flamma,  
tenta o effluvio outomnal dos pomos á recolta.

Tangem harpas á alfombra alvos sylphos em festa;  
o sol, noivo crinaureo, engrinalda a floresta,  
e arfa o vento, trauteando um surdo epithalamio;

e toda a Terra, ardendo e amando, em estos brutos,  
bebe os beijos da luz, no almo enleio do flammeo,  
palpitando através das flores e dos fructos...

## OASIS VERDE

(A FRANCISCO DE SOUZA CARVALHO)

HA um longinquo paiz que ás vezes visitamos;  
extasia-se o olhar que os recantos lhe sonde,  
entre o suave frescor dos seus verdes recamos  
e a luxuria pagã que envolve cada fronde...

Essa é a patria encantada e longe, que sonhamos  
entre a poeira fugaz da lenda azul que a esconde,  
oasis que nos estende a sombra dos seus ramos  
e ao grito do viandante estremece e responde...

Vós, que andaes a sonhar, pela existencia em fóra,  
esquecei, no passado, as illusões sepultas,  
ide á verde vivenda em que a Esperança móra

Ide, mas não proveis dos fructos que colherdes,  
nesse reino feliz de esmeraldas occultas,  
nesse bosque outomnal, cheio de fructos verdes...

## EDEN OBSCURO

FIZ do mundo em que vivo um piedoso recanto  
que do mundo e da terra é o limpido resumo,  
onde sonho outro céu, onde busco outro encanto,  
em que o encanto dum céu reproduzir presumo.

E ahi, do meu castello azul, occulto a um canto,  
cujos postigos de ouro ao vento abrir costume,  
é que sonho outro sol, quando ao sol me levanto,  
é que a vida eu a entrego ao sabor de outro rumo...

Possa eu sempre viver nessa crença florida  
de nesta vida crêr na illusão de outra vida,  
de uma campã encontrar com jardins em redor;

pois, feliz ha-de ser, dentro do azul castello,  
quem sonhar neste mundo o que julga mais bello,  
quem fizer desta vida a que suppõe melhor...

## A MONTANHA

No alto, pompeando os cimos de esmeralda,  
como que a contrastar o céu que a cinge,  
a montanha inda ostenta a verde espalda,  
no seu segredo tragico de esphinge;  
inda a fronte o sol de ouro lhe corôa,  
sobre ella derramando a luz fecunda,  
quando de néve limpida esborôa  
a grinalda que os cerros lhe circumda...

Quantas vezes, em uivos de procella,  
a blasphemia celeste, á luz dos raios,  
não lhe esfolhou a rórida capella,  
não lh'a envolveu em funebres desmaios;  
quando o pincaro glauco da montanha,  
no aneio de exprimir a dôr do mundo,  
rezava ao vento a sua prece extranha,  
que o vento erguia para o céu profundo...

Cravando-lhe douradas settas rudas,  
de relampagos fulvos, sobre o dorso,  
sobre as cumiadas broncas e desnudas,  
sobre a nudez do seu perfil contorso,  
quantas vezes, em furia, a ventania,  
a corôa florida lhe arrancava  
e do seu rosto os sulcos descobria,  
aos beijos frios da tormenta brava...

Porque havia de o céu feril-a do alto,  
em arremessos bruscos, contra a Terra,  
dentre as sombrias nuvens de cobalto,  
escalavrando-a, em impetos de guerra,  
até que a Noite, lacrimosa, escura,  
— monja funérea, a caminhar, de rastros, —  
crendo-a morta talvez, viesse da altura  
extender-lhe a mortalha, cheia de astros...

E quanta vez, — no lucto que lhe as cristas  
envolvia depois, — gottas radiantes,  
rubins sangrentos, meigas amethistas,  
louros topazios, rutilos diamantes,  
chrysoprasos em fogo, chispas de ouro,  
e borrifos de luar, e ethereos lumes,  
lhe derramava, em vivido thesouro,  
o tonto phosphorear dos vagalumes...

Hoje, negra e arquejante, ruda a encosta,  
erguendo a face, aos beijos da procella,  
ao vento, ao luar, á chuva, a tudo exposta,  
pouco lhe importa o espaço que se estrélla;  
nem mais o sol, em claro incendio, os flancos  
e os cimos lhe recama, nem o vento  
desfólha mais da neve os flocos brancos,  
nem lhe mais ouve o quérulo lamento...

Mas, do socalco verde, que a circumda,  
d'onde nunca escorrêra um veio d'agua,  
como o pranto da Terra moribunda,  
como das pedras a funerea mágua,  
hoje, de um veio cristallino, escorre  
e em borrifos de orvalho as faldas banha,  
como a nutrir todo o vergel que morre,  
a lagrima suprema da montanha...

E alli, vem o viandante, quasi morto,  
sob as ascuas do sol, em tarde estiva,  
beber o pranto limpido... E um conforto,  
e um allivio, e uma lagrima furtiva,  
tem o triste zagal, na verde gruta,  
quando, exhausto de sêde, a sêde mata,  
e scisma, e sonha, e devaneia, e escuta  
o sussurro das lagrimas de prata...

E ha quem sonhe que alli, aos beijos brancos  
com que a espuma, argentando a areia, brilha,  
e se encrespa, roçando em petreos flancos,  
e a rocha, e os saibros áridos, rendilha;  
ha quem sonhe que alli, cantando em côro,  
vêm, num bailado ethéreo, á luz da lua,  
flavas nereidas, e um cortejo louro,  
na alva corrente tremula, fluctúa...

E quando vem a tarde, andam pastoras,  
em cantaros colhendo a lympha rara,  
e então, junto da fonte, scismadoras,  
cheias de encanto, olhando na agua clara,  
fitam os olhos, quêdam-se no enlevo  
de vêr seus olhos nella reflectidos,  
de vêr a propria imagem, no relevo  
de cristal dos remansos esquecidos.

Hoje a montanha, erguendo a ruda espalda,  
como que a contrastar o céo que a cinge,  
levanta ainda os cimos de esmeralda  
no seu segredo tragico de esphinge;  
e o seu vulto de Atlante, entre os escombros,  
enfara-se de azul, bebe as procellas,  
como si lhe pesasse, sobre os hombros,  
a mysteriosa abobada de estrellas...

## A VOZ DA PYTHIA

ENTRA-VOS a alma a dentro o frio dum assombro  
quando o monstro divino, ás mãos brancas de opala,  
despedaça um véo de ouro, e mostra, em cada escombros,  
a horrorosa nudez do mundo: a Pythia fala.

Fala; e a dextra vos põe, gelidamente, ao hombro,  
quando vos prende ao negro encanto de escuta-a;  
e á noite do futuro abrindo o vago ensombro,  
num recanto sem luz, vos mostra a ultima vala.

E ouvis, de vós em torno, um extranho murmúrio,  
como o ruído infernal do seu funebre augúrio,  
para o enigma cruel do porvir entenderdes;

pois, quando a Pythia fala, e nos desvenda a sorte,  
a alma do homem vacilla ante os seus olhos verdes,  
na duvida que assombra um condemnado á morte...

## O RIO

**B**ROTA de humida gruta um fio de alva prata,  
que duma órbita cava, enormemente escurá,  
vem brilhar, ante o sol; é a Terra que o desata,  
sobre os sulcos do rosto, e em pranto transfigura  
a dor de ser eterna! E a lagrima, orvalhando  
os algares, beijando as rochas, corre, brilha,  
treme, pelos desvãos da gruta; e á luz, bordando  
o alvo leito de areia, um corrego rendilha,  
com flóculos de espuma, as faldas da montanha;  
e sussurra, e borbulha, e freme; é a lympha clara  
de um regato, que aljofra as moitas e que banha  
os valles... Já não treme apenas, já não pára  
pelas pedras, volteando, ás tontas. Desce, ás soltas,  
palpita, rasga o bosque, orvalha a terra: é o rio  
que da névoa sacode as clamydes revoltas,  
como serpe a collear pelo sertão bravio...

Encrespa o dorso escameo, á luz vivida e loura,  
levando do amplo bosque as verdes palmas: canta,  
crispa-se, em atropelo, espraia a espuma, estoura  
nas quedas, engrinalda as pedras, na garganta  
dos abysmos... A selva, ás flebeis brisas trémulas,  
desfolha os ramos do alto, em fremitos de festa,  
e de flores recama, e cobre de aureas gemmulas,

á passagem do rio, as suas aguas... Cresta,  
com os seus beijos de fogo, o sol as frondes; curva,  
em arcadas de flor, o bosque os verdes ramos,  
para que o rio role os combros de agua turva,  
sob um arco triumphal de floridos recamos...

E inda ás vezes, ao luar, de novo, o rio acorda  
a illusão de que a Terra, ás orbitas das grutas,  
chora, copiosamente, e com o seu pranto borda  
como de um risco branco o seio ás selvas brutas;  
e a tetrica amplidão das noites ermas frisa,  
e a reflectir o céo, reflecte os astros; pelas  
curvas, pelos grotões, pelas vergeis deslisa,  
sobre a Terra espelhando o crivo das estrellas...

Mas, de repente, o dorso espumeo em ondas leva.  
Ruge ! quem o revolta ? e é um leão, a verde cõma,  
em borbotões de aljofre, a sacudir, na treva  
duma escarpa bravía ! é um leão que cáe, e assoma,  
mosqueado de esmeralda e prata, entre os barrancos  
e os abysmos de pedra ; é o rio que desata,  
em gloria, a coma glauca, e a esfolha, em flocos brancos  
rolando num clangor selvagem de cascata...

Na queda desvairada, as aguas fervem, lividas ;  
catadupa de neve ! e ao negro pégo, ás roncás,  
precipitam-se ; á luz do sol, torrentes vividas,  
perolados cachões de espuma, as fragas broncas

rendilham, desfazendo em alvas pedrarias  
a revôlta caudal das ondas crespas... Brama,  
em ecos, na amplidão, nas longes penedias,  
a voz do rio, em furia! E' o canto que derrama,  
selvagem e profundo, a catarata infrene,  
atirando, lá em baixo, as aguas alvi-cerulas,  
na barbara explosão do seu rugir perenne,  
na apotheose brutal de se cobrir de perolas!

Mas, o rio não morre! Antes, a queda o aviva;  
e, de novo procura, entre os juncaes, seu rumo.  
Beija-o, chorosamente, a luz da tarde estiva,  
ou cáe, sobre elle, a treva, em espiraes de fumo...

E a doce calma azul das noites claras frisa,  
e, a reflectir o céo, reflecte os astros, pelas  
curvas, pelos grotões, pelos vergeis deslisa,  
sobre a terra espelhando o crivo das estrellas...

## A CASCATA

EIS a cólera azul das aguas, na montanha;  
róla o rio, em cachões de prata, e a morte apressa;  
ninguem pode conter no olvido a dôr tamanha,  
desde que se lhe irrompa em lagrimas, como essa.

A cascata é a expressão daquella angustia extranha,  
que começa com o mal da vida, ou que não cessa,  
sinão porque me apresso ao mal que me acompanha,  
sinão porque no abysmo o rio se arremessa!

Amo-te, rio azul, que o teu curso abrevias,  
quando rólas na queda o soffrimento obscuro,  
na barbara explosão dessas ondas bravias,

como eu, que vou rolando, impaciente, sem norte,  
quando me precipito através do futuro,  
quando os passos apresso em direcção á morte...

## LAGÔA MORTA

NEGRA lagôa morta, eu sei a tua historia:  
desde que o ultimo cysne ao céo ergueu seu canto,  
não mais, em teu espelho, então azul, em gloria,  
o luar se enamorou, á luz do próprio encanto...

Antes, de plumbeo inverno a sombra transitoria,  
em noites de saudade e lucto, chorou tanto,  
que aos poucos te anuviou de névoa a margem flórea  
na immota estagnação soturna do seu pranto.

Hoje, quando se estrélla a noite, a noite escura  
do teu seio tambem se estrélla; e então acordas,  
de novo, reflectindo a luz, que vem da altura.

E ao léo de azul insomnia, a um cantochão de maguas,  
coaxam funéreamente as rãs nas tuas bordas,  
na illusão de estar vendo um céo dentro das aguas...

## O REMANSO

QUASI estanque, a dormir, sob a verde penumbra,  
o amplo rio socega as ondas... é o remanso.  
O ouro vivo do sol a selva em flor deslumbra,  
sem que a luz lhe perturbe as aguas em descanso.

Nesse recanto, obscuro e a sós, ninguém vislumbra,  
da torrente, trevosa e doida, o hostil avanço;  
que ali cessa a revolta, e das aguas resumbra  
um rumor de saudade, enternecido e manso...

Como nós que, no fim da estrada percorrida,  
paramos, com a saudade, olhando a propria vida,  
quando ao passado em pó nossa alma se debruça,

antes de entrar no oceano, as aguas páram, a esmo:  
recolhimento azul do rio que soluça,  
na angustia de sentir saudades de si mesmo...

## ORAÇÃO A' PEDRA

## I

MAIS um seculo gasta o mundo e as coisas cresta,  
derramando do tempo as leis, que alquebram tudo,  
sem que essa convulsão, redemptora ou funesta.  
possa ao menos ferir o teu rosto desnudo!

Não me vale o rugir, como um barbaro, nesta  
desvairada blasphemia, em que as dores transmudo,  
si, ao meu grito de dor, contra o tempo, não resta  
nem mesmo a maldição desse teu gesto mudo.

Soffres, como a alma soffre, e contens o teu grito;  
não como eu, que derramo, em ais, o soffrimento,  
sobre as negras paixões deste mundo maldito;

e nessa resignação funerea em que repousas,  
descubro que, por ser humano o meu lamento,  
o silencio é a expressão divina que ha nas cousas...

## II

E ao templo do Silencio as portas de ouro cerro,  
como quem se enclausura em nocturna quietude,  
e, na calma sem-fim que envolve o meu desterro,  
alcanço do silencio a esplendida virtude...

E' a virtude de ouvir minha alma que descerro,  
no fundo do meu ser, do que o teu sêr mais rude,  
quando chego ao "spleen" visual do proprio enterro,  
no aneio de que um dia em poeira eu me transmude.

E' a virtude de ouvir tua alma, pedra informe!  
que véla o encantamento em que o teu vulto dorme,  
que dentro do teu ser nocturnamente medra.

E tanta é a communhão vital que nos irmana,  
que chego a acreditar que tens uma alma humana,  
e ha quem creia que eu tenho um coração de pedra...

## A ESPHINGE VERDE

IMMOVEL contorsão da Terra, na ancia muda  
de se elevar ao céu, que o arremesso lhe cinge,  
entre as bençams da luz, misteriosa e desnuda,  
a montanha levanta a silhueta de esphinge...

O aureo fogo do dia o serro lhe transmuda  
num cocar feito de ouro, ao sol que o doura e tinge;  
e ella, immensa e impetuosa, ergue a cumiada aguda,  
e bebe o azul do espaço, e o céu profundo attinge.

E tanto assim se expõe ás coleras da altura,  
que a blasphemia celeste o dorso lhe procura,  
quando ruge a tormenta em funebres desmaios!

E a montanha, contorsa e tragica, que vive,  
na gloria de afrontar o céu, no ascenso acclive,  
pompeia a fronte azul, coroada pelos raios...

## A GRUTA

NESSA gruta, em que o sol, de leve ao menos, nunca  
foi ter, de luz coroando a treva, alguém sonhára  
que um thesouro existiu. Inda hoje as faldas junca,  
da montanha que a esconde, a trama verde-clara  
das orchideas em flôr; inda hoje, em torno, véla  
o mysterio da furna, a mesma escarpa bruta  
que em vão tentou ferir o fogo da procella,  
quando o raio clareou a escuridão que a enluta.

Tentou, em vão, sondal-a, o olhar humano. A lenda  
dos filhos da floresta alli creou abysmos,  
e em meio á negridão, naquelle treva horrenda,  
capaz de lhes trahir bravuras e heroismos,  
sonhou que, ao vir da Noite, estilhas de esmeralda,  
saphiras côr do céu, rubins feitos de chamma,  
á ampla entrada da gruta, e em meio á pétrea falda,  
chispavam como em fogo um veio que se inflamma...

E gênios de outro mundo, e sylphos encantados,  
nymphas de olhos azues, em noites mysteriosas,  
quando o luar envolvia os rios argentados,  
ou a esphera celeste era um jardim de rosas,  
vinham alli sonhar, na maravilha accesa  
que na sombra fulgia, e em meio á sombra, em ouro,  
em onyx, em opala, em pérola, em turqueza,  
marchetavam da treva o negro sumidouro...

E quanta vez alli sonhando a gloria e o fausto,  
como quem sonha um reino, um céu de maravilhas,  
um thesouro encontrar, não veiu, quasi exhausto,  
como um vencido heróe de lendas e guerrilhas,  
o errabundo viajor das mattas invias; quando,  
doida illusão! transpunha a custo a selva escura,  
para prantear alli, de aureo sonho acordando,  
a ambição que o levou á propria sepultura!

Verde guerreira audaz, viu a montanha, em gloria,  
mil vezes, colorir-se o oriente; viu procellas  
passarem, através dos tempos sem memória;  
e coroada de luz, com a grimpa entre as estrellas,  
viu mil vezes morrer o sol! E inda hoje, a fronte,  
como a sorver o azul, levanta, ao céu em chammas,  
e de ouro inda engalana os cimos no horizonte,  
das palmeiras erguendo as glaucas auriflammas...

E a gruta, que do luar, em noite alguma, os brilhos vislumbrou; que do sol, em dia algum, de leve ao menos lhe entreviu os raios; que os rastilhos de uma estrella siquer não viu, por entre a néve, como um reflexo louro; a gruta, no entretanto, nas entranhas da Terra, á sombra sem limites, a mortalha que a enluta, em estrellado manto transforma quando á flux derrama estalactites...

E em sua treva morta, ao vir do dia, o vento vem cantar, como canta, ao vir da noite, na harpa de uma alfombra, beijando as folhas; e um lamento, pelos tétros desvãos, nos anfractos da escarpa, quanta vez vem carpir, da gruta no amplo seio, quando, a voar e a chirrear, em face a pétrea porta, como uma aza macabra em célere volteio, um chiroptero insomne a sombra negra corta...

Mas, porque alli creou, em mythos de ouro, a crença dos filhos da floresta, um reino occulto? Acaso, um dia, algum viandante, olhando a treva densa que alli sempre se faz, depois que a luz do occaso bruxoleia e se esvae, de irreal escriptorio as gemmas conseguiu entrevêr? Que foragidas fadas esfolharam alli seus rutilos diademas, no enluardo esplendor das noites constelladas?

E' que ao morrer do Dia, ao portico da furna,  
como exul multidão de aureos reflexos vivos,  
gottas fulvas de sol, na escuridão nocturna,  
vagalumes da selva, inquietos e furtivos,  
vertiam-nas, na sombra; e estilhas de esmeralda,  
saphiras côr do céu, rubins feitos de chamma,  
á ampla entrada da gruta, em meio a pétrea falda,  
chispavam como em fogo um veio que se inflamma...

E muita vez bordava os vãos da arcada agreste,  
ao silencio da lua, ao léo da aura erradia,  
como uma estria azul da irradiação celeste,  
a alma em fogo talvez que um lémure accendia;  
e errava, a phosphorear, pela humidez dos fóssos,  
como saphira accesa, o lacrimoso lume,  
como num cemiterio a fatua luz dos óssos,  
pontuando da socava o barbaro negrume...

E outras vezes, da cava, em noite negra, um vulto  
sahia, a contemplar o céu; e assim, de rastros,  
á porta da cafurna, entre os desvãos, occulto  
e immovel, num terror divino, olhava os astros:  
era um tigre feroz que alli, da gruta eterna  
vinha, tal a visão do negro sumidouro,  
como que constellar a noite da caverna,  
derramando, na treva, a luz dos olhos de ouro...

## A QUE'DA DO OLYMPO

(A ARISTÊO SEIXAS)

GUERREIRA de panoplia azul, esta montanha,  
que ahi dorme, soerguendo a corcova no dorso,  
soffre a angustia sem-fim da gloria, a gloria extranha  
de arremessar ao céo o seu vulto contorso.

Precipitou-se no alto, o amplo gesto retorso,  
sobre a escarpa, os trophéos desfeitos; e acompanha,  
no azul, o seu ideal de luz, num petreo esforço.  
(Pulsa-lhe um coração de pedra, em fria entranha!)

Rasga o céo, sacudindo a flammula das palmas  
duma palmeira excelsa; e, pelas noites calmas,  
parece que recorda o estridor das procellas!

Mas, o céo não na escuta; e ella soffre, esquecida,  
sobre a lama do mundo e a estreiteza da vida,  
monstruosa, invocando a quéda das estrellas...

## ORAÇÃO A' NATUREZA

## I

NESTE verde delubro, encontro o lindo templo,  
em que rezo ou blasphemo, ao mal que me contrista,  
prégando a religião das cousas, no aureo exemplo  
desta humana e profunda oração pantheista.

A cathedral da selva, as cariátides verdes  
sustentam-na, impulsando o tecto, em rudo encanto.  
O' incredulos! rezae commigo, si o não credes,  
neste mesmo psalterio em que as preces descanto.

Vinde ao templo pagão destas alfombras ! Vinde.  
Que do estro vos inflamme a mesma gloria em febre ;  
e que o verde mysterio a floresta deslinde,  
e que o vosso baptismo a alvorada celebre.

A Natureza é a mãe de todos, mãe divina ;  
e o seu mysterio atroz, de aureo encanto, entretem-nos  
Deusa regia e pagã, que nos prende, assassina ;  
dadivosa e cruel rainha dos três reinos !

## II

Amo-te, ó Natureza inglória, que puzeste,  
como bençã da altura a quem vive de rastros,  
sobre a humana irrisão, o silencio celeste,  
sobre a humana miseria, o ouro vivo dos astros...

E encantam-me o luzir nostalgico dos poentes,  
o esplendor das manhãs, de purpura coroadas,  
desde a morte do sol, em lagrimas ardentes,  
até a resurreição da luz, nas alvoradas.

A Noite, que fecunda á Terra os brutos flancos,  
no entretecer a vida aos mysterios do somno,  
desfolhando a edelweis do inverno em flocos brancos,  
palpitando, através da seiva, ao vir do outomno;

a Noite é que desvenda os teus antros profundos,  
lacrimario que entorna em rutilos borrifos,  
no accender, sobre nós, o enigma dos teus mundos,  
no escrever, pelo azul, nocturnos hieroglyphos.

## III

Amo-te, ó Natureza, em tuas semelhanças  
e contrastes, ó mãe de todos, ou de tudo!  
desde o fundo rugir do vento ás coisas mansas,  
desde os espinhos de ouro ás rosas de velludo.

Estrellas que do céo são lagrimas divinas,  
lunar que parece mais um sol resuscitado,  
fogo-fatuo a tremer na escuridão das ruinas,  
resurreição da luz, nas ruinas do passado...

Lua que ora semelha um alfange de prata,  
suspenso sobre mim, num livido transporte,  
quando treme, através da Noite, ou me arrebatá,  
qual na treva estrellada a segure da Morte...

No rumor da manhã, na noite em que repousas,  
na treva ou no clarão, eu vejo, de mãos postas,  
que a harmonia do mundo, o equilibrio das cousas  
é cousa que provem de mil cousas oppostas...

## IV

Amo-te, Natureza atroz, nos teus abysmos,  
no recesso do mar, nos fóssos e nas furnas,  
quando a lua me prende a extranhos magnetismos,  
quando cantam ao longe as sereias nocturnas.

Amo-te, Natureza atroz, na azul vertigem  
da montanha que alteia, á escalada illusoria,  
guerreira verde que morreu na propria origem  
como que adormecida em vesperas de gloria!

Amo-te, na revolta eterna dos oceanos,  
no sangue dos coraes, em meio ás ondas querulas,  
em que sonho immergir meus lamentos humanos,  
para depois voltar com as mãos cheias de perolas...

Os teus rios são como as lagrimas do mundo,  
que expressam, mais que o mundo, a dor da eternidade;  
as lagrimas tambem são rios, pranto oriundo  
da angustia de viver; são rios da Saudade!

## V

Mãe piedosa e maldita! a belleza que inflamma,  
como um fluido vital, o almo templo em que medras,  
não é a mesma que desce aos opprobrios da lama,  
não é a mesma que infunde o silencio das pedras?

Pois eu amo a expressão de dor, viva e contorsa,  
com que a face da pedra expões ao sol e enluctas,  
como si nella houvesse a inconsciencia da força,  
silenciosa, dormido entre as arestas brutas.

Amo-te, no fulgor das menores estilhas,  
que a tua alma se vê nas coisas mais mimosas,  
pois um granulo de ouro esconde maravilhas,  
e outro mundo palpita entre as pedras preciosas...

Quanto sangue funereo em teus rubins condensas,  
no sacrificio em que pranteia a terra exangue,  
que valem muito mais que mil pedras immensas,  
porque são certamente as gottas do teu sangue!

Quanta luz do teu seio acode, em louras chispas,  
aos milagres do sol, nas ancias do teu rogo,  
mal no teu louro escritorio as garras fulvas crispas,  
topazios arrancando em lagrimas de fogo!

## VI

Amo-te, Natureza eterna, em teus recamos,  
no templo vegetal que de rosas fizeste,  
por isso é que me abrigo á sombra destes ramos,  
por que um dia mereça a sombra de um cypreste...

Encanta-me o sentir a seiva, que palpita,  
no entreabrir virginal das petalas medrosas,  
transformando-te ao sol, Natureza bemdita,  
que abres o coração nos cactus e nas rosas...

No teu verde delubro encontro o lindo templo,  
em que rezo ou blasphemo, ao mal que me contrista,  
prégando a religião das cousas, no aureo exemplo  
desta humana e profunda oração pantheista.

## VII

Amo-te, mãe humilde, em teu maximo encanto,  
ó mãe paradoxal de todos! Gloria ao mundo.  
Cesse agora o rumor falaz deste meu canto,  
que um outro vaes ouvir, mais terno e mais profundo.

Cale-se o que cantei na minha lyra obscura;  
que não paire resoando um murmurio siquer.  
Pois, todo o teu encanto e a tua formosura,  
se resumem num canto apenas: a mulher!

Tudo nella se integra. E' a perfeição, em summa,  
na mais alta expressão do Evangelho que ensinas;  
nem ha nada que mais eleve ou que resuma  
as tuas expressões terrenas e divinas...

Puzeste-lhe dois céos nos olhos, sem procellas,  
e que ostentam do céu o irradiante esplendor:  
as gottas virginaes que vertem, são estrellas,  
são rosarios de luz para as missas do amor.

Ou são verdes, e são dois mundos, tambem verdes,  
em que a esperança esconde um sombrio presagio.  
Olhos verdes, eu sou um naufrago, por serdes,  
mais do que o meu encanto, o meu verde naufragio!

Tuas rosas lhe estão no rosto, ó Natureza  
caprichosa e cruel, de ternuras infindas,  
que estas flores lhe deste, ou lhe deste a tristeza  
com que o tempo destroe essas rosas tão lindas...

Negra noite sem luz lhe pões nos seus cabellos,  
quando negros assim, sem signal de arrebol;  
e si aurea côr lhes dás são aureamente bellos,  
como em torrentes de ouro uma chuva do sol.

Os teus rios lhe são as lagrimas; e os olhos  
lhe são fontes azues ou negras. Quaes os rios,  
por mais lindos e azues, que não guardam escolhos?  
Quaes os olhos que não escondem desvarios?

Teus abysmos lhe estão no encanto, ó Natureza  
de encantos abysmaes! As paixões são abysmos  
maiores do que os teus, de mais funda belleza,  
por que nelles eu rólo em doidos paroxismos...

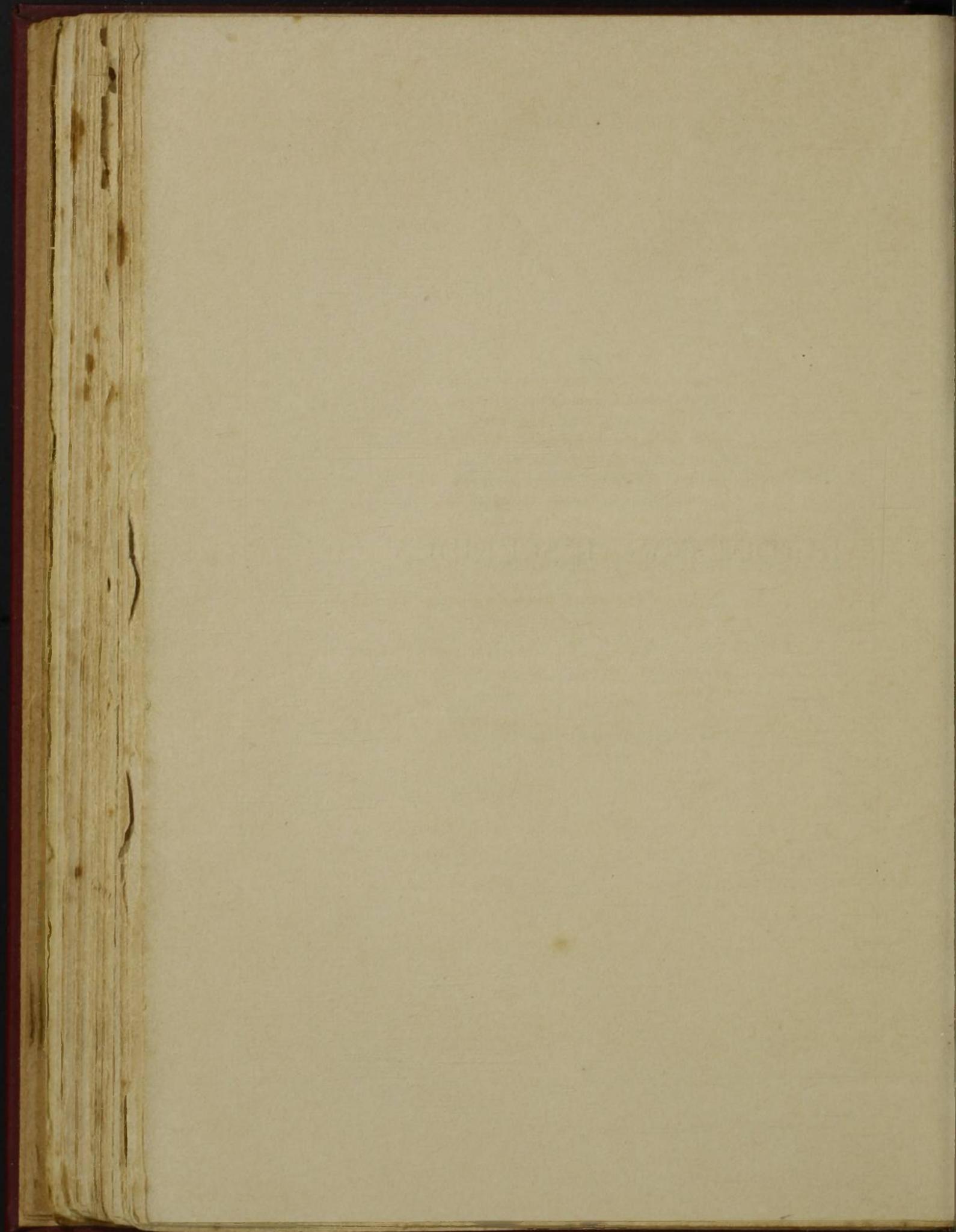
Que é uma estrella, sinão um pélagó, traidora  
maravilha, que assombra, ou incendio, que luz?  
Que seria a belleza humana, si não fôra  
como o abysmo estrellado a que o céo nos conduz?

## VIII

Esquecendo (é o seu mal) os seus proprios defeitos,  
crendo que a vida é seu exclusivo thesouro,  
o homem tenta fugir aos teus rudos preceitos,  
mas vê que o condemnaste a uma cadêa de ouro!

Ouve a prece abysmal das cousas que têm vida,  
e na doce prisão com élos de ouro atem-nos !  
O' atroz destruidôra, eu te amo ! ó mãe dorída,  
ó divina e cruel rainha dos três reinos !

JARDIM DAS HESPÉRIDES

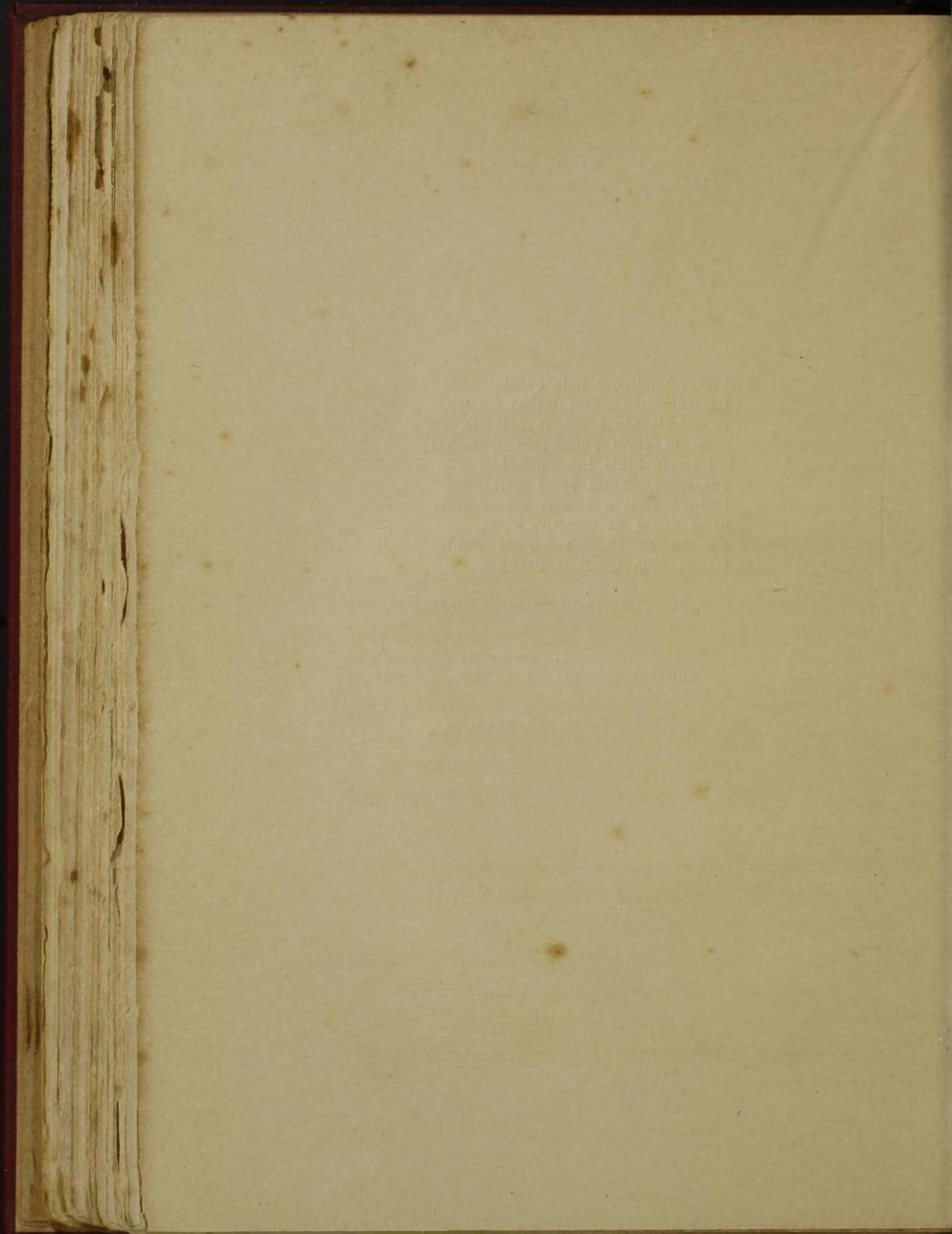


Compreendi que tudo quanto existe  
tem consciencia dum intimo destino.  
A materia não é passiva e inerte,  
como os cegos philosophos declamam;  
não tem a bruta irracionalidade,  
que lhe attribuem pêcos moralistas.  
Quando vivia o homem inconsciente,  
nessa nudez da primitiva graça,  
elle adorou os animaes, as plantas,  
fez de tudo mirificos Fetiches.

THEOPHILO BRAGA, *A verdade das Fabulas.*

... eram seus pés a imagem  
do universo inferior: os animaes, as plantas,  
a Terra.

(A LENDA DE PAN)



BUSCO, em vão, entreabrir as tuas portas, Eden,  
onde o outomno vislumbra em cheirosas vindimas;  
do teu aureo jardim quantos fructos procedem,  
com que o ideal moribundo ao sementeador arrimas!

E ólho, pelos myrtaes em flôr, que a entrada impedem,  
o teu chão virginal, de onde furto estas rimas.  
Outros, com a mão segura, a trama desenrédem,  
que me occulta o esplendor das colheitas opimas!

Eu, de mim, deste sonho ao vão desasocego,  
diante do teu solar, como num culto grego,  
cuido que o teu escriptorio o meu ideal resume.

Pois, nesta lucta inglória, ó paraizo louro,  
eu, tantalicamente, aspiro-te o perfume,  
condemnado a viver sob os teus fructos de ouro!

## HISTORIA DE UMA ARVORE

A uma semente obscura, a um granulo dourado,  
que o vento na aza trouxe em trêmulos adejos,  
a Terra verde abriu o escriptorio perfumado,  
em que guarda do orvalho as lagrimas e os beijos..

E em seu seio, que o sol fecunda e o effluvio escalda,  
cheio de humus e seiva, á luz da vida, um dia,  
abrindo, anciosamente, as folhas de esmeralda,  
a vergontea flexil de uma arvore nascia...

Toda a gloria da Terra, em suas gemmas, como  
sob a luz a tecer extranha auréola, vinha;  
e assim, erguendo, em festa, a fronde, ao verde assomo  
do caule, ella alcançou o azul; fez-se rainha!

Hoje, num régio throno, em meio ao bosque, impéra.  
Póde o vento cingil-a e os brilhos e os desmaios  
da tormenta açoital-a; o outomno e a primavéra  
fazem-na a fronte erguer á colera dos raios...

No seu diadema heril, a riqueza da Terra,  
essa arvore hoje a expõe e a ostenta, sobre os ramos,  
desde que, ao fogo da alva, o seu perfil descerra,  
em aureo encantamento, a c'rôa de recamos

Desde que, ao sol crinaureo, o seu collar de orchideas  
treme, faiscando em ouro e em flavas lantejoilas,  
ella, aberta do espaço ás explosões merideas,  
queima o seu morno incenso em virides caçoilas...

E os brilhantes de orvalho, e as lacrimosas gottas  
que a luz, nos seus desvãos, em gemmulas transmuda,  
começam de escorrer, dentre as clamydes rotas  
com que a néve lhe envolve a cupula desnuda.

E os borrifos de aljofre, e o asperges de alva prata  
que o luar, vindo do azul, beijando á selva os myrtos,  
nessas noites de inverno, em lagrimas, desata,  
são a bençam do céo sobre os seus braços hirtos!

E quando, ao vir do outomno, as folhas crespas bolem,  
ao sol, que o ouro lethal esváe, no céo profundo,  
extranha archimagia! o ouro nutriz do pollen,  
ella, á flux, o desfaz, no bosque moribundo...

Terra verde! alimenta a essa arvore florida,  
dá-lhe seiva e perfume! e ao vento, e á luz funesta,  
ella ha-de sacudir, em commoções de vida,  
a auriflamma triumphal da primavéra, em festa...

Ha-de ao certo ostentar, na altiva pompa, o aneio  
de florir, de triumphar, de erguer os ramos brutos,  
ostentando o esplendor de vida que em teu seio  
lhe deu vigor ao caule e a recamou de fructos.

E os teus dons, e os teus bens, e os teus encantos, tudo;  
e tudo o que em teu seio é amôr, é vida, é essencia,  
ella ha-de expôr ao sol, nas folhas de velludo,  
na ancia de celebrar a gloria da existencia.

E o teu gorgueio, e o teu lamento, arias e cantos  
que o pétreo coração das montanhas esconde,  
nas furnas, nos covis, em todos os recantos,  
certo ella os verterá nas citharas da fronde...

E o céo ha-de os ouvir, ouvindo as vozes que ella,  
ao sol e ao vento, á luz e á noite, ao luar e á sombra,  
derramar, quando uma aura ou sopro de procella  
beijar ou sacudir a grimpa em flôr que a ensombra!

E cada vez que o céo, como em divina bençam,  
ouvir, da arvore, no alto, a invocação profunda,  
ha-de tambem ouvir as ancias que se adensam  
dentro em teu coração de mãe, Terra fecunda!

## A FLÔR DO GELO

DESPONTA a flôr do gelo em flóculos de pranto,  
como si o céu sem luz, que o pólo circumscreve,  
em pétalas, o luar abrisse, por encanto,  
sobre a cumiada hostil das montanhas de neve...

Que aventura galante um dia a obter se atreve  
a gemma de alvo escriptorio? e quem se atreve a tanto,  
que a esperança feliz de tel-a ás mãos não leve,  
que não volte do inverno ao rispido quebranto?

Assim vive a edelweis, sobre a cuspide acclive,  
como o ideal que a florir perpetuamente vive,  
no tortuoso alcantil cuja escalada tento:

abre as folhas de luar, do gelo sobre os flancos,  
onde ao despetalar da neve pelo vento  
uiva pesadamente a ronda de ursos brancos...

## SANDALO

(A FABIO LUZ)

UM fluido morno escorre, aos deliquios da sésta,  
e circúla, através dos ramos, e enche a flóra,  
em filtros de luxuria, ao sol que as folhas cresta,  
coando o orvalho aromal que a madrugada chóra...

Ao calor do aureo estio, esfolha-se a floresta;  
arfa, em ondas de effluvio, a paizagem sonóra,  
no ouro vivo e lethal que esparge a luz funesta,  
na seiva que palpita em ancias de plethóra.

E a Terra, toda em flôr, em beijos longos arde,  
até que desça ao mundo o mysterio da tarde,  
na transfiguração azul de uma apotheóse.

E até que a Noite sorva o aroma das cimeiras,  
a selva, emmaranhada, em éstos de nevrose,  
move languidamente os léques das palmeiras...

## MAGNOLIA

(A ANTUNES VIANNA)

Ao cheiro vivo da arvore, dourada  
abelha zumbe; ao sol, que a selva offusca,  
desde o primeiro beijo da alvorada,  
dos seus ramos em flôr o pollen busca...

E é de se ouvir, na grimpa perfumada,  
dos zephyros azues a leva brusca,  
na embriaguez da fronde auri-bordada,  
a encher de efflúvio a tarde que corusca.

Ao sussurro das citharas eóleas,  
louros enxames ávidos parece  
que estão sorvendo a vida das magnólias:

em cada flôr uma aza de ouro assoma,  
uma abelha precipite enlouquece,  
ou morre um sylpho, bebedo de aroma...

## JARDIM DE ROSAS

DENTRO de aureo jardim fechado, em doido encanto,  
prendi-me; as illusões floriram; e entre as rosas,  
fechando os olhos da alma, em florido recanto,  
dormi sob a traição das alfombras cheirosas...

A saudade entreabriu as petalas, a um canto;  
e a outro canto floriu um sonho. Auras curiosas,  
pelas frestas e vãos, entraram voando, enquanto  
minha alma, já sem luz, dormiu, na alma das rosas.

Nas rosas em botão dormiu; mas, no Eden louro,  
das minhas illusões, forçando as portas de ouro,  
no aneio de esfolhar recamos do porvir,

fremiu a realidade, em seu sopro iracundo,  
e as portas do jardim se abriram para o mundo,  
e as rosas em botão morreram sem abrir...

## MATTA VIRGEM

**M**AL sussurram do Dia as sonóras fanfarras,  
a que a selva, revolta, em seus écos, responde,  
sobre o enredo pagão das orchideas bizarras  
Euro vem dedilhar a harpa eólea da fronde...

A ave trila, na sombra, e a féra crisca as garras  
no seio, aberto em flôr, dos ramos crespos, onde  
doideja, ao sol merideo, o canto das cigarras,  
e em que o séquito azul das dryadas se esconde.

E a floresta bravia, entre as urzes e os myrtos,  
ora ergue aos temporaes os rudos galhos hirtos,  
ora quêda e adormece ao baloiço das ramas;

os contrastes fataes da alma humana recorda,  
que ao sopro das paixões temporarias acorda,  
ou dorme no mysterio immenso dos seus dramas...

## PAPOULA

EM seu calix de sangue, em que á morte declino,  
bem me fôra sorver-lhe o seu doce veneno;  
pois mais vale, no bem da morte, um mal divino,  
do que vale, no mal da vida, um bem terreno.

No effluvio que lhe é proprio, o meu proprio destino,  
— pena extranha de amor em cuja gloria eu peno—  
passára como passa um rumor de violino,  
dormira como dorme a lamuria dum threno...

O encanto que ella infunde é a belleza traidora,  
que o veneno do mal, como si um bem lhe fôra,  
no seu calix produz, doridamente langue;

por isso que me leva a um magico transporte,  
papoula em cujo encanto adormeceu a morte,  
coração que se abriu em pétalas de sangue...

## DIOENEA MUSCIPULA

ESPALMA a folha ao sol o amplo velludo quieto,  
que de esmeralda envolve a mysteriosa planta,  
no aneio da attrair, em seu perfume, o insecto,  
que ás nevroses da luz, com as azas tontas, canta...

Quanta verde traição, na chlorophyla! quanta  
perfidia, no esplendor, na seducção, no aspecto,  
com que ella chama e tráe, com que ella atráe e encanta  
a pobre mosca de ouro, em seu volteio inquieto!

Com que aneios de vida os lóbulos comprime,  
entre a insidia e o perfume, a folha tentadora,  
como que a se ufanar da gloria do seu crime,

quando pousa, sobre ella, o insecto, quasi exhausto,  
na apotheóse final da dôr, como si fôra  
um martyr, no estertor divino do holocausto...

## CAMELIA

O almo escriptorio de Flora um periantho descerra:  
és tu que vens tremendo ao pedunculo exangue,  
com essa alvura de luar, sobre o negror da Terra,  
sobre a Terra florida em papoulas de sangue.

Não te importe o zumbir que entre as plantulas erra,  
por mais que o teu recato á abelha de ouro zangue;  
nem manches a alva cor que a virgindade encerra,  
por mais que chore o vento, enternecido e langue...

Vejo-te com a visão ensombrada dum triste,  
melindrosa vestal que a alma virgem abriste,  
sobre as manchas da Terra, a que a tristeza engoiva!

Talvez porque esse alvôr á duvida me leve,  
de que o inverno floriu nos teus fólhos de neve,  
de que o luar entreabriu o teu seio de noiva...

## NA'IADE

QUEM da selva penétra o templo, e ouve os riachos,  
que rolam a agua viva entre os tufos da gramma,  
sob a copa do mato, aberta em verdes cachos,  
cuida que a sombra verde algum mysterio trama.

E' que na agua-corrente, espumando em pennachos,  
ao flébil cascadear do vento em cada rama,  
mal o oriente se inflamma entre tochas e fachos,  
um bailado de amor os rythmos de ouro inflamma...

E' uma loura visão que ao sol sanguineo assoma,  
sobre os flocos de prata, em que as fórmas agita,  
com os topazios da luz radiando em aurea coma.

E quando mais ninguem consegue surprehendel-a,  
dentre o encanto nocturno, em que a selva palpita,  
fulge o mysterio azul dos seus olhos de estrella...

## ORAÇÃO DA PALMEIRA

O mundo é uma prisão, a que o céu me condena,  
prisão d'algemas de ouro em que vivo sonhando;  
dóe-me a sêde de azul em que minh'alma pena,  
na belleza sem par deste mundo execrando!

Quando ergui, para o céu, a prece verde; quando,  
na illusão de subir, sobre a angustia terrena,  
sonhei que ia alcançar as nuvens, fui parando...  
Foi crescendo este mal que a esperança envenena!

E parei, na escalada excelsa sem um grito,  
bracejando através do meu sonho maldito,  
ora aos sopros do norte, ora aos ventos do sul.

O mundo interrompeu-me a subida illusoria,  
guerreira adormecida em demanda da gloria,  
palmeira estacionada em caminho do Azul...

## SACRIFICIO E RECOMPENSA

AMA a Terra; e terás, sobre os seus flancos brutos,  
a sombra virginal das arvores cheirosas;  
semeia, e colherás o dulçor dos seus fructos,  
canta, e receberás o premio que ha nas rosas.

Ama a Terra; e, soffrendo, os teus longos tributos  
de dor transformarás nos ideaes que mais gosas;  
chora, e reviverão os seus rios enxutos,  
numa resurreição de lagrimas piedosas!

E quando te cobrir a sombra dum cypreste,  
mil rosas florirão pelo bem que fizeste:  
teu consolo ha-de ser o de quem volta ao nada,

na certeza feliz de que cumpre um destino,  
passando da materia insana e desvairada,  
para a compensação dum silencio divino...

## O SANGUE DA TERRA

A Terra, a mãe obscura e atroz, que traz no seio,  
cheio de ouro e maldade, os abysmos do mundo;  
a Terra tambem soffre e sangra! Soffre em meio  
das urzes, como nós soffremos; sangra ao fundo

das lavas, como nós sangramos. Doido anceio,  
com que ella, sob a lama, o corpo moribundo,  
a face tenebrosa e oppressa, em flóreo enleio,  
abre em flores o seio e implora o céo fecundo!

Terra bravia! o teu soffrer e as tuas dores,  
(e nisto esse teu mal ao meu não assemelhas)  
dão-te triumphos bem diversos; dão-te flores.

Pois, nesse sacrificio obscuro, quasi exangue,  
rasgas o coração em papoulas vermelhas,  
offertando a belleza em calices de sangue!

## SONHO PAGÃO

PARA sonhar a vida e o encanto que ha na selva,  
é preciso beber o perfume das rosas,  
dormindo ao balouçar das arvores cheirosas,  
de um tapete macio entre os tufos de relva...

Certo, vós que sonhaes assim, si me entenderdes,  
sonhareis, na floresta, o meu sonho dourado:  
o meu sonho é viver num castello encantado,  
com arcadas em flôr e de columnas verdes;

um castello que á luz do céu desvenda as portas,  
para que as illusões azues venham em bando,  
como em doida revoada andorinhas chilreando,  
mal espalha o funereo outomno as folhas mortas...

Em torno, á ondulação do vento, entre os barrancos,  
a agua clara rolando, em cachões e em pennachos,  
vem monotamente erguer seus flócos brancos  
no doido cascatear dos mais vivos riachos...

Doido sonho! ó visões da selva, ó nymphas de ouro,  
este aroma divino e traidor arrebatá-nos!  
Vamos a alma escutar das rosas! ó thesouro  
de luz, doura e pratêa os pampanos e os platanos!

Quero que o meu castello esconda as pedrarias  
do oriente: e os seus rubins, seus berylos e pérolas,  
a alvorada os derrame, em orvalhadas frias,  
quando do meu castello abrir as portas cérulas...

Quero dormir á sésta, em a rêde de plumas  
que a mão alva de um sylpho entretecer; e á sésta,  
em volupia oriental, de alvos frouxéis e espumas,  
sorver todo o excitante aroma da floresta..

Quero ouvir, em silencio, a alma das coisas mudas,  
segredando com o orvalho e com as rosas vermelhas,  
até que com o vir d'alva ás arvores folhudas,  
sobre ellas endoideça o bando das abelhas...

E logo que, ao vir da alva, ao fogo da canicula,  
eu, contra o céu e o mundo, em desespero, impreque,  
certo irei, ao gemer de um zéphyro frondicula,  
furtar, de uma palmeira, as palmas, para um leque...

E assim que, de illusões, para um paiz mais bello,  
um dia, um bando azul ou dourado, transmigre,  
serão, durante a noite, a ronda do castello,  
phosphoreando, na treva, os dois olhos de um tigre.

E, no castello verde, eu dormirei; dormindo,  
quando a myrrha exhalar o incenso das caçoulas,  
nunca mais abrirei os olhos! Como é lindo  
dormir sob a influencia extranha das papoulas!

Para sonhar a vida e o encanto que ha na selva,  
é preciso beber o perfume das rosas,  
dormindo ao balouçar das arvores cheirosas,  
de um tapete macio entre os tufos de relva...

## O ESPELHO MALDITO

UMA arvore estendeu, nascida dentre a relva,  
sobre as aguas do rio, a alleluia dos ramos;  
e fez-se, no seu throno, a princeza da selva,  
por que o rio espelhasse os seus régios recamos...

E floriu. E entreabriu os galhos, na illusoria  
vaidade de a si mesma olhar, no espelho frio;  
que outro encanto não viu, nem sonhou outra gloria,  
na encantada visão da floresta e do rio...

E esqueceu-se da Terra; esqueceu-se do mundo,  
que ficara o seus pés uivando... Aureo destino!  
Pois, no enlevo sem par dum aneio tão fundo,  
erguera o caule e a fronde a outro mundo divino.

Esqueceu-se do sol, que no berço a embalára,  
por entre bençams de ouro, e as flores, que lhe dera,  
no entreabrir virginal da luz vívida e clara,  
no suave trescalar em flor da primavera.

Esqueceu-se da selva escura, em cuja sombra,  
nos dias de aureo estio, entre as urzes e os myrtos,  
dentre a palpitação das aguas e da alfombra,  
numa reza soturna, ergueu os braços hirtos...

Esqueceu-se da noite, em que dormia, pelas ramadas infiltrando a seiva, ao vir do outomno, quando a selva sonhava ao fulgor das estrellas, quando se recolhia aos mysterios do somno...

Passaram annos. Já cançada e envelhecida, como quem, através da gloria, os annos esma, essa arvore quedou scismando, ao fim da vida, na atroz contemplação extranha de si mesma.

O inverno lhe arrancou as folhas; as procellas lhe feriram o tronco; e o espelho mysterioso, sem folhas reflectiu-a, e as folhas amarellas mostrou-lhe á tona azul das aguas em repouso.

Correu, por toda a selva, ao vento, o surdo grito, com que a arvore deserta olhou a sombra na agua, vendo o seu proprio vulto ante o espelho maldito ou sentindo a oppressão duma funerea magua.

Teve ella de assistir á alvorada da morte, pranteando, sob o vento, a nenia da tristeza, no horror de não poder mentir á propria sorte, á verdade do espelho eternamente presa.

E morreu, na visão da morte debruçada; sobre as aguas erguendo o vulto de avantesma, martyr que ahi ficou, de pé, fakirizada, nessa contemplação eterna de si mesma...

## II

Hoje, ao declínio azul das horas, que o mysterio  
derramam da saudade, uma linda pastora,  
daquelle espelho frio ao encanto funereo,  
qual si esbelta princeza entre as mais lindas fôra,

entre rosas levando o seu cantaro de ouro,  
desfolha a virgem sonho, ou contempla-se, a furto;  
contemplando os anneis do seu cabelo louro,  
revendo a sombra azul do seu vestido curto...

Descem, furtivamente, os sylphos, a espreital-a;  
sonham, virginalmente, as rosas, a entrevel-a;  
e o enlevo espiritual de tão perto lhes fala,  
que todos cuidam nella a illusão de uma estrella...

Vós, que me duvidaes, ou que a mim me não credes,  
ide ouvil-a, como eu, que a escuto, em flebil scisma,  
desde que lhe contemplo a luz dos olhos verdes,  
verdes como a esperança em que meu ser se abysma.

E ella, si não souber, si não vir que a estaes vendo,  
ha-de no espelho extranho os olhos seus olhar;  
nessa mesma visão com que a exalto e comprehendo,  
naufrago que comprehende uns olhos cor do mar...

Mas, um dia ha-de vir, em pós de muitos annos,  
em que a linda pastora os seus sonhos transmude,  
porque o tempo destróe os sonhos e os enganos,  
quando açoita ou desfolha as rosas de saúde.

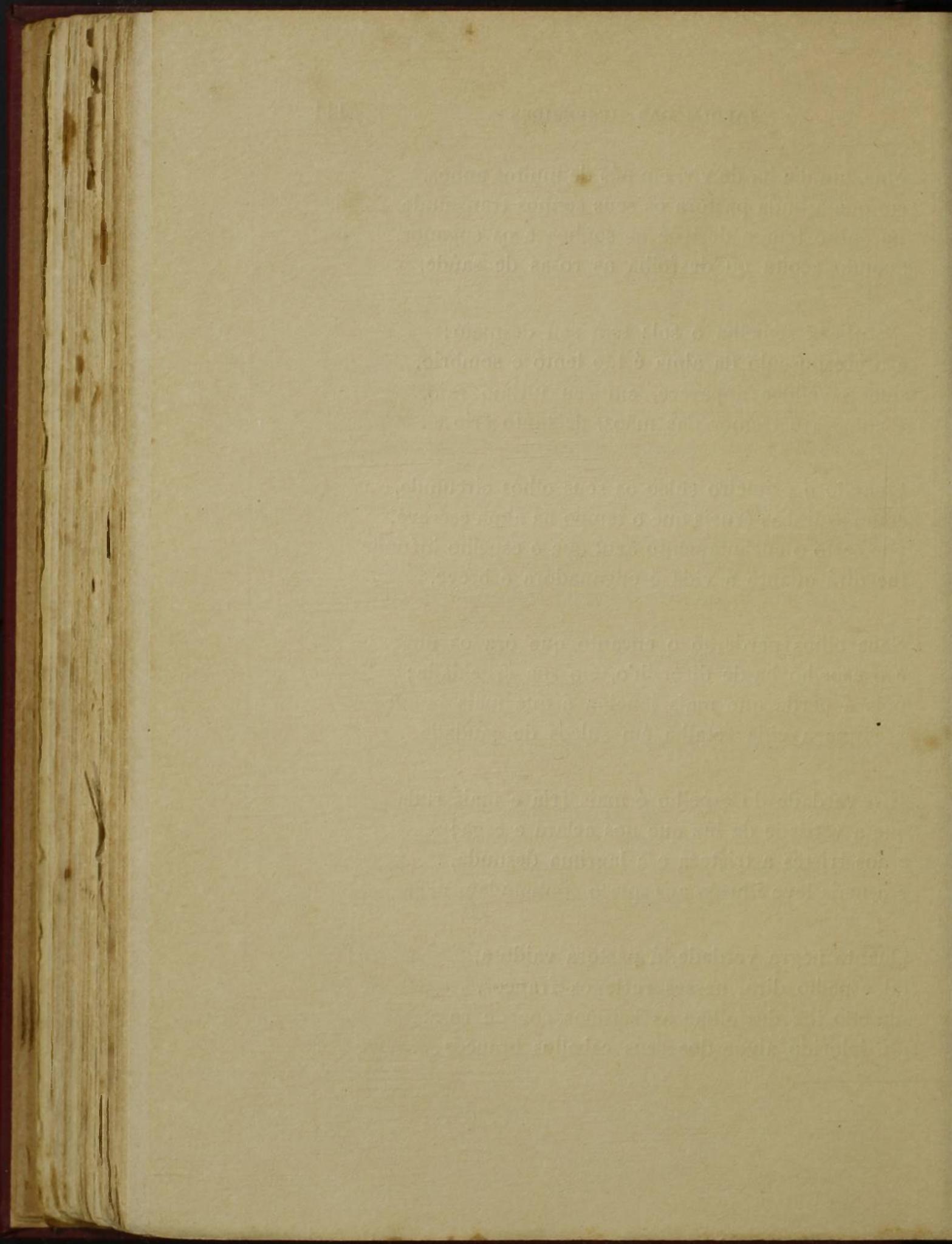
A belleza semelha o sol: tem seu desmaio;  
e o crepusculo da alma é tão lento e sombrio,  
que a velhice apparece, em seu ultimo raio,  
e começa o tremor das mãos, de tanto frio...

Quando o primeiro sulco os seus olhos circumde,  
como as linhas crueis que o tempo na alma escreve,  
por certo o encantamento azul que o espelho infunde  
lhe dirá quanto a vida é enganadora e breve.

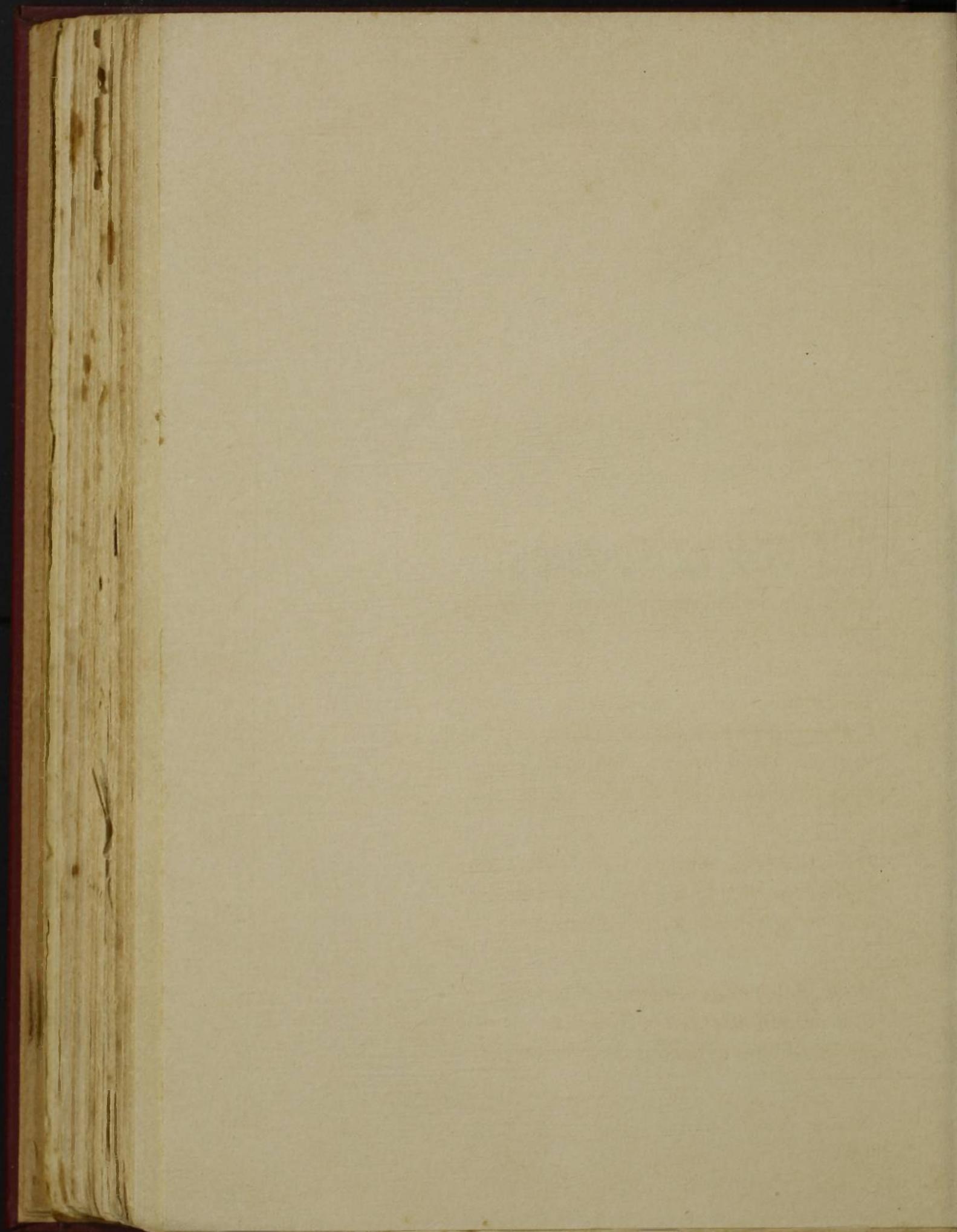
Seus olhos perderão o encanto que ora os unge,  
e o espelho ha-de dizer-lh'o, em sua crueldade;  
pois a perda que mais lancina e que mais punge  
é a que a vida retalha em sulcos de saudade...

E a verdade do espelho é mais fria e mais ruda  
que a verdade da luz que nos aclara e céga;  
e aos tristes a tristeza e a lagrima desnuda,  
e a mais leve illusão aos que o contemplam nega.

Quanta negra verdade, á pastora vaidosa,  
tal espelho dirá, nesses reflexos francos,  
quando lhe desfolhar as scismas cor de rosa,  
no dolorido alvor dos seus cabellos brancos...



A VOZ DOS SÊRES



## ANDORINHAS

QUANTA vida esbanjada, ou mal vivida,  
frivolas horas, feitas de ouro e luz,  
essas que andaes gastando, em aurea lida,  
sem saber que alegria vos conduz.

Felicidade doida e appetecida,  
ó andorinhas graciosas e tafues,  
essa que assim buscaes, dentro da vida,  
num limpido rumor de azas azues...

De que serve, pensando em coisas reaes,  
buscar no mundo a propria desventura,  
quando a felicidade assim buscaes?

Doce philosophia, ingenua e obscura,  
essa de que esta vida não é mais  
que um divino momento de loucura...

## O DRAMA DA SELVA

GARRAS de ouro crispando em meio á relva hirsuta,  
ruivo tigre um rival em furia ao solo abate.  
Canta a inubia do vento... E' um relampago a lucta.  
Treme o chão da floresta ao clangor do combate!

Saltam flores de sangue, entre as flores da gruta:  
são os rubros trophéos que fulguram no embate,  
quer sangue o coração condoído á selva bruta,  
quer um rio o seu pranto em perolas desate...

E quando a Noite desce ás cafurnas e aos fossos,  
ao envez de cobrir de sombra o solo exangue,  
vem com plumas de luar sobre os negros destroços;

e a túnica da treva arrastando na matta,  
sobre os flancos de lucto e os regatos de sangue,  
verte o pranto divino em estrellas de prata...

## VAIDADE DUM PAVÃO

SEI dum regio pavão que extranho orgulho encanta.  
Não no enleva outra cor que alheia pluma ostente,  
quando da cauda em arco as plumas reaes levanta,  
como alguém que ostentasse os berylos do oriente.

E a vaidade que o enleva e insuffla é tal e é tanta,  
que outro ideal não procura e outra gloria não sente,  
sinão essa loucura azul em que a alma canta:  
fechar e cauda, e a cauda abrir, sumptuosamente...

Cego de alma, no céu obscuro, em que se abysma,  
quando, ó noite do orgulho, os olhos lhe constellas,  
lembra um mago idealista, a olhar por falso prisma.

E abre as plumas em leque, e o seu encanto é vel-as,  
crendo, porque sonhou com o céu, em doida scisma,  
que abre sobre este mundo uma cauda de estrellas...

## AGUIA-REAL

DESDE que viu o céu, no gris deslumbramento  
da aurora, essa aguia real, pensando em ser rainha,  
quiz mais perto viver das nuvens, no aureo assento  
da montanha, ou beber a luz, que do ether vinha.

E as plumas, de oriental fulgôr, no afflar violento  
de um surto excelso abriu, sobre a sinuosa linha  
das silhuetas azues dos cerros, quando o vento,  
em furia, a fez rolar, do vôo que a sustinha!

Aguia! o mundo te prende, a altura te repêlle!  
mas, não quedes, no exilio, alheia a tudo e imbelle,  
pois essa ancia de voar é que te faz divina.

Quando o azul te attrair de novo, sê mais forte:  
vôa levando ao céu a dôr que te domina,  
traze voltando ao mundo a redempção da morte...

## CONDOR

MARTYR do proprio ideal que o illumina e que o cega,  
sobe á loucura azul de crêr que um céu existe.  
Não no assusta o sangrar de dôr na heril refrega,  
nem receia cair do céu com a presa em riste!

Seu mister é subir, como quem a alma entrega  
ás vertigens do azul! que si á luz não resiste,  
si não resiste ao surto a que as forças emprega,  
pouco importa rolar grasnando á Terra triste...

Mas, si á queda se insurge, ou si um dia se prostra,  
traz uns restos do céu para viver de rastros,  
rouba um pouco do azul que a distancia entremostra;

morre de tanta luz nas funestas torrentes,  
mas nos olhos esconde a saudade dos astros,  
e traz na alma o fulgor das estrellas cadentes...

## A ÚLTIMA ABELHA

CHEGOU a última abelha: é a mensageira  
das rosas virginaes, loura e offegante;  
percorreu, no aureo enxame, a selva inteira,  
para ficar das outras tão distante.

Andou, da tarde gris, na plumbea poeira;  
tonta de sol e de ouro, a todo instante.  
E só quando a turvou hostile canceira,  
trouxe o pollen da selva palpitante...

E quasi se perdeu, da flora em meio,  
quando, da noite morna, o ermo negrume  
desceu do espaço, ás arvores cheirosas.

E foi essa, que após as outras veiu,  
a que trouxe á colmeia mais perfume,  
a que furtou no bosque a alma das rosas...

## PHILOSOPHIA DUM SAPO

O' Natureza! ó mãe divina, que me deste,  
sobre o esplendor da Terra, este mundo de lama,  
de onde vivo soffrendo a ingratitude celeste,  
no culto da belleza que me inflamma.

Quando, o corpo nauseante, a cortir o desdouro,  
nos opprobrios do lodo, em que esta alma chafurdo,  
ólho anonymamente os teus recamos de ouro,  
eu sinto o encanto de um destino absurdo.

Numa interrogação de duvida, aprofundo  
(doida philosophia)! o meu tetro destino:  
porque será que a lama em que se afoga o mundo  
não borrija nem turva o mysterio divino?

Quem será que me poz sobre as aguas lodosas,  
sem se polluir a mão que me fez tão de rastros?  
quem será que creou o perfume das rosas?  
quem no céo espalhou o ouro vivo dos astros?

O' Natureza! bem o sei; bem sei que tudo,  
quer a estrella que luz, quer quem vive de rojo,  
foi feito por quem fez as rosas de velludo,  
por quem assim me fez tão vil, causando nojo.

Mas, na lama em que móro, eu vingo-me, de todo.  
Viver é uma vingança aos que têm vida obscura.  
Que me importa viver com o ventre sobre o lodo,  
si a belleza da vida me procura?

No charco, a que o desprezo humano e hostil me leva,  
não sei que dubio encanto o meu ser arrebatada,  
quando a Noite destrama os andrajos da treva,  
viuva negra chorando estrellas cor de prata...

quando, na limpidez da mais doce virtude,  
das auras offegando ao leve açoite,  
brotam alvas cecens no lodo da palude,  
como restos de luar desprendidos da noite...

quando, na solidão soturna deste charco,  
que a tristeza sem fim do crepusculo engoiva,  
sob a luz dum crescente em fórmula de arco,  
leve garça luariza o seu vulto de noiva...

quando, do poente roxo, aurea cinza resumbrada,  
qual poeira de ouro moído em pleno céu escampo;  
e o silencio germina os cactus na penumbra,  
pondo em cada negrume um pyrilampo;

quando a Noite é tão linda e tão languida a prece,  
que não ha coração que a scismar não se ponha;  
pois não sei si sou eu quem na lama enlouquece,  
ou é alguém que no azul limpidamente sonha...

Como as gottas de orvalho em que a sêde desfaço,  
sobre o immundo atascal em que o ser encafurno,  
tremem cheias de brilho aureas gottas no espaço,  
o orvalho de ouro no jardim nocturno.

Tal a scisma dourada em que esta alma se abysma ;  
e a alma limpida e pura entre os pantanos levo-a,  
quando o mundo contemplo através desse prisma,  
alma cheia de luz, olhos turvos de nevoa...

Philosophando assim, destes brejos no fundo,  
illumina-me o ser uma doida esperança :  
viver coaxando sobre a lama deste mundo,  
pois o simples viver no lodo é uma vingança.

Pois o simples viver no pantano, de rastros,  
é a purificação que infunde um tal supplicio ;  
e erguer a alma sem nódoa ao encanto dos astros  
é ser puro de mais sobre a lama do vicio.

Neste vago rumor, com que os homens aturdo,  
com que nojo lhes causo, a gloria lhes ensino :  
cantar o bem da vida ao céo, si o céo é surdo,  
vingar o proprio ser contra o proprio destino.

Pois o surdo coaxar, soturnamente crebro,  
é uma negra vingança ao meu odio profundo ;  
por que nessa blasphemia anonyma eu celebrou,  
nos opprobios dum charco, a belleza do mundo...

## PROCELLARIA

QUANDO, ao furor das ondas, a procella,  
demente negra, em cólera, desata,  
no céu, a grenha espessa, e o espaço estrella  
de coriscos, coroando o mar de prata ;

vens afrontar o oceano ! Treme a véla  
da nave afoita ; é o vento que arrebatá,  
em glória, a vaga espúmea, e assim, sobre ella,  
chora a tormenta, em lúrida cascata . . .

Amas o oceano em furia ! amas a lucta !  
vôas sobre os parceis do sorvedouro,  
que o relampago aclara e a treva enluta !

E abres as pennas sobre o abysmo, ufana,  
como a esperança que abre as azas de ouro,  
nas tempestades negras da alma humana . . .

## SCISMAS DUM GATO

E IL-O, quedo, a scismar, no mais fundo sigilo,  
vendo a vida através a cor verde dos olhos;  
ama a obscura virtude o recesso tranquillo  
da alma que se recata em secretos refolhos...

Mal o encanta o rumor mais leve, põe-se a ouvil-o;  
é o somno que o convida a sonhar... E entre os folhos  
da aurea trama dum sonho, em gracioso cochilo,  
elle esquece do mundo a belleza e os escolhos...

Interrogae, como eu, a alma branca dum gato,  
si o encontrardes scismando em soliloquio abstracto,  
a invocar da esperanza a illusoria virtude.

E em lhe ouvindo o rosnar, si um dia lh'o entenderdes,  
vereis quanto é feliz uma alma que se illude;  
vendo a vida através a cor duns olhos verdes...

## A MORTE DA CIGARRA

TODAS as outras se perderam na floresta,  
num côro de alegria, entre surtos de festa.

Todas as outras, mais felizes, mais bizarras,  
as azas sussurrando ao sol fulvo do estio,  
foram cantar ao longe, onde tantas cigarras  
enlouqueceram, num sonóro desvario...

E tu, doida cigarra hostil, doudivaneando,  
passaste o dia todo, entre o sonóro bando  
das outras, a cantar, desesperadamente;  
e agora, na mudez desta hora commovente,  
dentre os fundos desvãos duma arvore florida,  
cantas excelsamente a belleza da vida...

Emmudeceram as estridulas fanfarras,  
com que o vento celebra a passagem do dia;  
todos os ruidos de existencia e de alegria,  
todas as vozes do concerto das cigarras,  
morrerám, ao morrer da tarde, humida e fria;  
e tu, porque te pões a recordar, nesta hora  
de tristeza e quietude, a alegria sonóra  
da tua desvairada e extranha partitura,  
do teu concerto de harmonia e de loucura?

Não tarda a Noite vir, desenrolando as sombras,  
sobre os verdes vergeis, sobre as ermas alfombras;  
não tarda o céu fulgir, coberto de recamos,  
como si abrisse de algum templo a etherea porta  
derramando o silencio em que nos extasiamos...  
Porque cantar assim, quando a alegria é morta?

Porque cantar assim, nesse encanto funereo,  
quando a nossa alma sonha em divino mysterio,  
quando emmudecem, numa azul melancolia,  
os canticos do vento e os sussurros do dia?

Tua extranha canção, que o crepusculo corta,  
como um grito profano em cathedral dormida,  
suggere-me a impressão duma alma enlouquecida,  
que vem doudivanear quando a alegria é morta,  
e que morre cantando a alegria da vida...

No entanto, quando a luz, cheia de aureos recamos,  
vier acordar de novo os ruflos da floresta,  
outras cigarras, a cantar, por entre os ramos,  
saudarão a existencia, em fremitos de festa;  
outras cigarras, numa extranha partitura,  
felizes como tu, terão a mesma sorte:  
a cantar, loucamente, a canção da loucura,  
hão de ou certo morrer cantando a tua morte...

## MARIPOSA

MARIPOSA dourada! em torno á véla  
que se transmuda em lagrimas de chamma,  
pensas acaso que esse fogo é a estrella  
de algum céo que não vês e que te chama?

Vem vêr commigo a noite que se inflamma  
e que accende do espaço a curva umbella;  
olha quanto fulgor o luar derrama,  
quanto pó de alva prata o azul constella...

Cumpre, idólatra doida, o teu destino:  
vôa pela amplidão do Eden celeste,  
dentro de um sonho rútilo e divino...

Queima as azas na luz de um astro louro,  
sonha, e morre sonhando que morreste,  
de uma estrella do céo no abysmo de ouro!

## BORBOLETA

A inconstancia do mundo é o mal que te transporta,  
de uma flor a outra flor, sem possuir flor alguma ;  
certo ao bem que te encanta a vida, pouco importa  
que a inconstancia do mundo em teu ser se presuma.

Ao devaneio hostile das auras, quando morta,  
rolarás no vergel que os teus sonhos perfuma :  
levam-te os ventos maus que o voo mal supporta,  
como levam ao céu um flóco de alva pluma...

Mimo de ouro e velludo ! a belleza que encerra  
a versatilidade e o sonho, é o bem que gosas ;  
unico bem que vês, sobre os males da Terra.

E assim, tão pequenina, a esse exemplo fecundo,  
furtas a virgindade e a innocencia das rosas,  
resumes a belleza e a inconstancia do mundo...

## MONOLOGO DA RÃ

QUE eu amo, ninguém sabe, ao certo. Ninguém pensa, quando me ouve coaxar, nas bordas da palude, que amor possa nutrir quem pela treva densa em vão ergue da lama uns restos de virtude...

Amo, do céu de prata, aquella estrella immensa, que com brilhos de gloria os meus olhos illude; amo a nuvem, o sol, a luz, na doida crença de que, naquella estrella, um dia, eu me transmude!

Misera! no negror da Terra! olhando os astros; vingo-me de mim mesma a furto- me a entendel-a, salto em ancias de azul e quedo-me de rastros;

ponho, na alma gelada, a febre de quem ama, amo perdidamente o fogo de uma estrella, sentindo o coração pulsar dentro da lama...

## O ULTIMO CYSNE

**P**ORQUE será que o lago, antigamente cheio de ondulações azues, hoje é deserto e mudo, alheio ao sussurrar dos zephyros, alheio a estes dias de sol, que vertem ouro em tudo?

Nem um cysne perturba a superficie calma da lympha, quasi morta! Essa monotonia bem me lembra a tristeza immovel de minh'alma, em que nunca se ouviu um ruflo de alegria...

Vão-se os raios do sol; passam, cheios de festa, os dias da existencia; a vida, em tudo, acorda; e no aroma, na luz, no som se manifesta, como que preludiando um hymno, em cada corda da harpa flébil do vento... A Natureza empresta recamos de velludo ás arvores, e borda, de hera e musgo, os desvãos sombrios da floresta.

No entanto, na mudez do lago, liso e quedo, morreram, pouco a pouco, os cérulos matizes. E nas alfombras marginaes, de manhã cedo, não mais se ouve o rumor dos passaros felizes;

e mais dubia se faz a agua quieta e indecisa,  
quando as cegonhas vão poisar junto a outros lagos,  
e desce á solidão, que o mundo immobiliza,  
a cinza roxa dos crepusculos presagos...

Uma vaga saudade, um profundo mysterio,  
cobrem algidamente o seio da agua morta,  
dizem que, na mudez desse lago funereo,  
que hoje agoniza, sob o mal que o desconforta,  
naquella estagnação de lacrimosas maguas,  
sussurrou, certa vez, uma canção dorida,  
um canto de ave, surdo e meigo, sobre as aguas,  
e nunca mais se ouviu outro signal de vida...

Direis: um canto de ave ! ao lago azul, que importa ?  
si, loucas e joviaes, as aves, todo o dia,  
ante a quietude agreste, ante a paizagem morta,  
descantavam a vida, em languida harmonia ;  
si uma orchestra pagã de musicas bizarras  
casava o seu fragor á desvairada orgia,  
quasi céga e feliz, das bohemias cigarras  
que morrem de cantar a canção da alegria ?

No entanto, nunca mais, sobre as niveas espumas  
do lago, então azul, se ouviu um ruflo, apenas ;  
nem uma garça abriu, na sombra, o luar das plumas,  
nem um cysne ostentou, ao sol, o alvor das pennas...

E em vez de vir a luz afugentar as brumas  
com as douradas manhãs de gloria e alacridade,  
a alma negra da Noite anda a chorar, nalgumas  
arvores, já sem vida, e nenia da saudade...

E' que a voz que se ouviu foi o supremo canto  
dum cysne, sobre o lago escuro, que hoje escorre,  
pela face da Terra, o orvalho do seu pranto...  
Dizem que o cysne canta, quando morre.

Desça a sombra da Noite, o zephyro soluce;  
o bando virginal das cigarras inquietas  
emmudeça. Somente a Noite se debruce,  
sobre o mysterio, negro e hostile, das aguas quietas...

Nunca mais sôe em torno o preludio mais vago,  
até que, para sempre, a palude se tisne;  
naquella estagnação dolorida do lago,  
cantou funebremente o ultimo cysne!

## CANTO DE MORTE

**P**ORQUE um cysne cantou, na penumbra do lago,  
correu, por toda a lympha, um tremolo funereo,  
como si, por encanto, esse rumôr tão vago  
fosse a transformação do lago em cemiterio...

Começou de rezar o vento, em meigo afago,  
na harpa verde da selva, um dorido psalterio:  
é que o canto do cysne é um lamento presago,  
tal de um canto de morte o nocturno mysterio.

E' que o cysne morreu cantando. Eil-o no olvido,  
como um floco de espuma ou neve, adormecido,  
longas plumas de luar abertas, sobre as aguas.

Eu quizera esquecer a dor que me quebranta,  
como o cysne feliz esquece as suas maguas  
e no instante da morte abre as azas e canta...

## CARACOL

DESDE que o mundo acorda e á luz os olhos abro,  
numa interrogação me quedo, de mãos postas;  
impressiona-me a vista o teu vulto macabro,  
levando da existencia o fardo, sobre as costas...

Sobre a terra, tisonada em negro descalabro,  
sob o céu que se perde entre montes e encostas,  
tu, que tens o teu céu no horror de um volutabro,  
os embates da vida e do destino arrostas!

Não sei porque me vem, si ás vezes te contemplo,  
um desejo cruel de te seguir o exemplo,  
de inquirir o teu rumo, através dos escombros!

Por certo, como tu, no teu penar profundo,  
eu sinto, ao vêr a luz, ao divisar o mundo,  
o fardo de viver pesar-me sobre os hombros...

## A CEGONHA

SOBRE a margem do lago, a exilada cegonha,  
em quedo soliloquio, em dolorida scisma,  
tem a dubia expressão abstracta de quem sonha  
e olha o mundo através dum mysterioso prisma...

Uma alma irmã da minha! alma obscura e tristonha.  
o seu vulto, sombrio e extatico, prediz-m'a:  
não a vejo uma vez siquer, sem que supponha  
vel-a na mesma angustia em que meu ser se abysma!

Minha alma, como a sua, á duvida propensa,  
na clausura encantada, em que ás vezes descança,  
olha tudo ao sabor duma tristeza immensa.

Sua alma, irmã da minha, em extase profundo,  
vive continuamente invocando a esperança  
de insular-se da vida e esquecer-se do mundo...

## O CANTO DO CYSNE

(A PAULO LABARTHE)

TEM nossa alma a apparencia azul da erma lagôa,  
em que o cysne morreu cantando... A todo instante,  
uma branca illusão de azas novoentas vôa,  
oscillando ao sabor da ondulação fluctuante...

E rompe a lympha, ao vento, ou vae boiando, á tôa,  
até que as plumas abra e, como um cysne, cante;  
— alvo sonho de luz que o espirito esbotôa,  
na escura estagnação de um sonho agonizante...

Vem, desse lago occulto, o orvalho que, nos olhos,  
nos derrama a saudade e nol-os enche d'agua,  
quando canta a illusão, da vida entre os escolhos;

quando morre a illusão da vida e em meigo encanto,  
como um cysne que canta o seu canto de magua,  
derrama dentro em nós a magua do seu canto...

## TEIA DE ARANHA

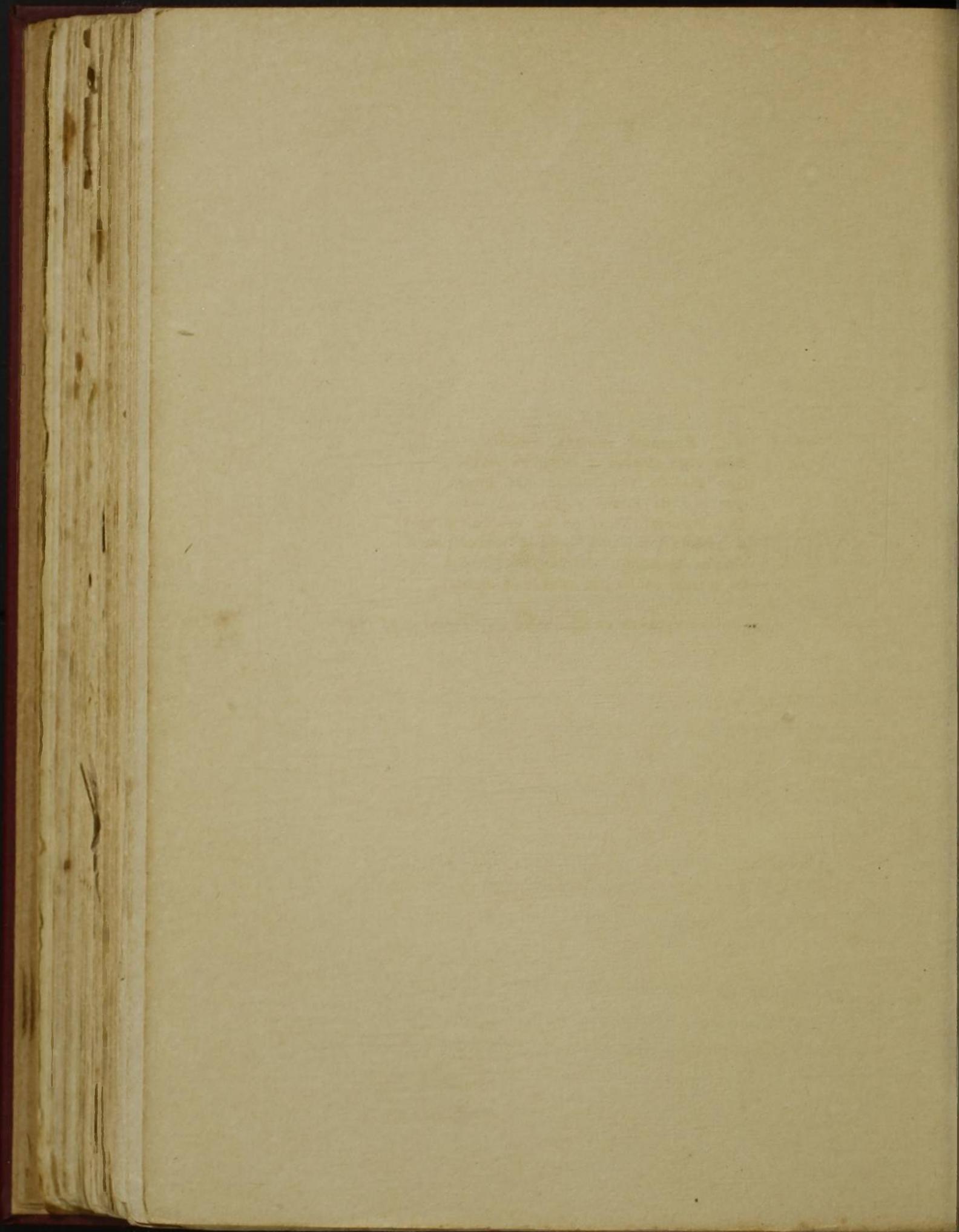
A luz do dia a encontra urdindo as tramas fôscas  
de um enredo traidor, de uma insidiosa teia,  
em que se hão de enroscar as irrequietas moscas,  
cujo séquito azul em derredor volteia...

E assim, alheia ao tempo e ao sol dourado alheia,  
ella o seu tear expõe, sobre as ramagens toscas,  
ou nos fundos desvãos que o musgo verde enleia  
e onde a orchidea se agarra em espiraes e roscas...

Sobre o vento revolto, em lufadas hostis;  
róle o mundo, vencido em tétro descalabro,  
— vejo-a sempre tecendo o seu mundo feliz.

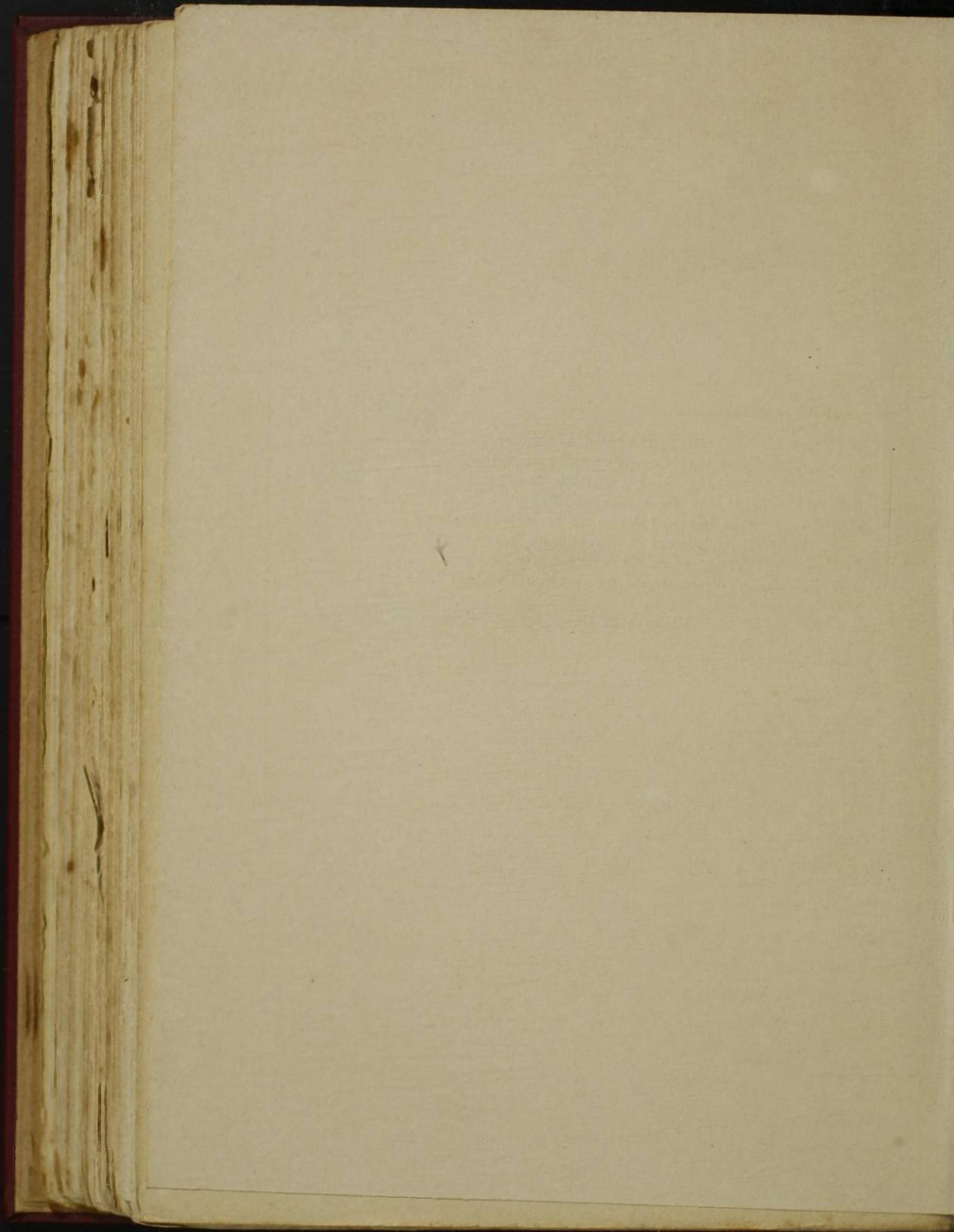
E entre essa teia azul e a trama das orchideas,  
recorda-me o vae-vem do seu vulto macabro  
a alma humana, tecendo enredos e perfidias...

SYMPHONIA DAS ONDAS



Ninguém entenda, embora,  
Esse vago clamor, marulho ou versos,  
Que são da tua solidão nas praias,  
Que são da minha solidão na vida...  
Que importa? Vibre no ar, acorde em ecos  
E embale-nos a nós que o murmuramos...  
Versos, marulho! amargos confidentes /  
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

VICENTE DE CARVALHO — *“Palavras ao Mar”*.



## HYMNO AO MAR

ÍDO'LATRA do mar, gosto de vê-lo  
a sacudir a grenha de esmeralda,  
quando as ondas, em férvido atropêlo,  
lhe correm, soluçando, sobre a espalda;  
gosto de vê-lo revoltado, em fúria,  
beijando as ilhas de ouro, quando espraia,  
em rispida e monotona lamuria,  
o seu pranto de pérolas, na praia...

Quando interrogo o seu mysterio verde,  
como que a interrogar o meu destino,  
sobre o seu dorso o meu olhar se perde,  
e eu sinto na alma um frêmito divino:  
não sei que estranho aneio me arrebatá,  
quando o vejo, num impeto violento,  
como que a sacudir gottas de prata,  
erguendo a espuma branca ao firmamento...

No meu culto de idólatra do oceano,  
eu conto, á sua magua, as maguas minhas,  
quando me empolga o grito quasi humano  
que á terra vem das solidões marinhas...

Rézo, ante o abysmo equóreo, que as procellas  
açoitam, ao rugir dos ventos, quando,  
na curva do horizonte, brancas vélas,  
ao léo das ondas, passam, flammulando,  
azas perdidas no atro sorvedouro  
do salso pégo, em cujas vagas cérulas,  
sonho que vão remando, em naves de ouro,  
os caçadores de coraes e pérolas . . .

Quantos parcéis na espuma, quantas fragas,  
sob a névoa traidora, onde as sereias  
deixam tredo amavio em notas vagas,  
torvelinhando, em languidas choreias,  
ou cantando, nas rochas e nas ilhas,  
com doçuras do céo no ethéreo threno,  
feito de essencias e de maravilhas,  
desfeito em subtilíssimo veneno . . .

Quantas vezes, em sonho, eu desço ao fundo  
do mar bravio, em que a sereia canta,  
em meio do polypos, no aureo mundo  
dos coraes tentadores, na garganta  
do pélago brutal de ondas bravias,  
que esconde o aljofre branco, em roseas valvas,  
e do meu sonho azul, com as mãos vasiaas,  
volto, em ondas de luar, nas praias alvas . . .

## II

Revolto oceano verde! eu te compreendo,  
quando, nas conchas, ouço o teu murmúrio,  
e desse teu bramido, bello e horrendo,  
presinto, nellas, o funéreo augúrio;  
quando as escuto, e os ecos do teu grito  
lhes interrogo, em êxtase, scismando,  
como si fôra o teu irmão afflicto  
as tuas afflicções interrogando!

Certo si um dia, naufrago, exilado,  
eu não ouvisse mais a voz equórea,  
de uma concha no seio aurilavrado  
inda te ouvira a dolorida historia;  
inda te ouvira o soluçar violento,  
no meu culto de idólatra do oceano,  
pois resume uma concha o teu lamento  
como a saudade o coração humano...

E em meu exilio, em terra extranha, -- ao certo,  
quando, em noites de insomnia e nostalgia,  
tudo, em torno de mim, fosse deserto --  
eu te invocára, em languida magia,  
com os teus combros de prata e de esmeralda,  
com as tuas ilhas e com as tuas vélas,  
que a brisa, em noite azul, infla e sofralda,  
sob a poeira dourada das estrellas...

Eu te invocára, em suave fetichismo,  
quando cantasse, a ouvir as notas de ouro,  
em que esta concha esconde a voz do abysmo,  
como escondêra as contas de um thesouro;  
e á saudade da patria, em meu recanto,  
si algum dia eu chorasse, esse meu chôro,  
como um ruido de préce, em mago encanto  
ella o guardára, em seus gorgeios de ouro...

E tanto, em meu lamento, te invocára,  
e o teu lamento, nessa concha, ouvira,  
que dessa urna do pégo, amphora rara,  
si eu escrutasse o seio de saphira,  
ficaria, em meu triste isolamento,  
dentro de um sonho mysterioso e infindo,  
sem distinguir si ouvindo o teu lamento,  
si o meu lamento dentro della ouvindo...

E si algum dia, em tuas alvas praias,  
voltasse a te inquirir o verde arcano,  
como que a olhar um pélago sem raias,  
no meu culto de idólatra do oceano,  
eu te daria a concha que me deste,  
e, dentro della, em vez dos teus bramidos,  
em vez do teu rumor, quasi celeste,  
os meus cantos no exilio desferidos...

## III

Bravio oceano immenso! que mysterio  
te faz guaiar, alteando a verde grenha  
borrifada de pérolas? que imperio,  
sobre o teu dorso glauco, se despenha,  
quando a Noite, crivada de borrifos,  
sobre o teu desvario, o luar desata,  
accendendo as estrellas, hieroglyphos  
feitos de luz e lagrimas de prata?

Que desespero as ondas te subléva,  
quando o céo docemente se debruça,  
ou em noites sombrias, pela treva,  
na voz das ondas rispido soluça,  
e como que se espelha, na ardentia  
que te illumina os flancos, que te inflamma  
os coraes, que te as syrtes arrepiã,  
que o teu dorso phantastico recama?

Que desespero tragico e divino,  
— quando um austral insuflo te arrepiã —  
revólta as vagas, num furor leonino,  
aos beijos desvairados da procella,  
e de coriscos brancos te engrinalda,  
quando ferves, em cóleras supremas,  
e triumphas, com a juba de esmeralda  
salpicada de espumas e de gemmas?

## IV

No meu culto de idólatra do oceano,  
eu conto, á sua magua, as maguas minhas,  
quando me empolga o grito quasi humano  
que á terra vem das solidões marinhas...

## NEREIDA

(A LICÍNIO MACHADO)

ESTA concha que o mar, no seu fundo, guardava,  
e entre as ondas, e a esmo, ora oscilla e fluctúa,  
abre-se agora ao luar, longe da rocha brava  
que a escondia da luz, como reliquia sua...

Abre-se toda ao luar, e do seu seio, núa,  
branca, os olhos azues, a cabelleira flava,  
vem bailar, mudamente, aos desmaios da lua,  
a nereida feliz que nella se occultava.

De anjos anda no céo todo um cortejo louro;  
cada estrella que surge é uma pupilla accesa  
que se abre a interrogar o seu cabelo de ouro...

Freme e inflamma-se o luar, nos seus reflexos frios,  
quando a nereida passa, ao léo da agua surpresa,  
sobre o oceano desfeito em verdes arrepios...

## O CANTO DA SEREIA

SACUDO a poeira de ouro, em que dórmem as lendas,  
e eis-me um grego primevo, entre faunos e ondinas:  
e ouço, ao fundo do mar, sobre as fragas horrendas,  
as sereias em côro, infernaes e divinas...

Como um thalamo, ondeando em frouxeis de alvas rendas,  
o oceano rasga a nevoa em prateadas cortinas,  
quando, á voz que me arrasta, eu sonho azues vivendas,  
quando o meu coração á praia volta, em ruinas...

Vós, que vos abysmaes na belleza do mundo,  
que as sereias do mal vos levam da alma ao fundo,  
vós que tambem buscaes ouvir o ethereo canto,

que ellas vivem cantando ao longe, si o não crerdes,  
quebrae ao plumbeo pó das lendas o ermo encanto,  
sulcae com remos de ouro o abysmo de aguas verdes...

## II

E ouvireis o rumor, com que cada sereia  
vela uma concha rósea, occulta em negras fragas:  
gemmae de alva espuma esquecidas na areia,  
alvos corpos rolando ao sussurro das vagas...

E esse canto de morte a ouvir (é o que supponho)  
balança de onda em onda o cortejo das velas,  
que a peregrinação encantada do sonho  
foi levando ao bramir do oceano e das procellas.

E' uma etherea canção, com a doçura das plumas,  
que as nymphas adormece e que as ondas embala,  
quando atráe aos parceis, aljofrados de espumas,  
o viajor que lhe ouviu os gorgeios e a fala.

E hirtas conchas acorda, e as pérolas inflamma;  
e as nereidas empolga, e as ondinas em côro;  
e os tritões estremunha, e os delfins de aurea escama,  
e as estrellas do mar accende, e as ilhas de ouro.

Quebra-se o somno atroz das syrtes; estremece,  
como nervosa e langue, a alva areia da praia;  
passam velas, ao léo do vento; ouve-se a prece,  
com que o vento passou, com que a vela desmaia...

O luar derrama, sobre o espectro dos rochedos  
bravios, um pallor cinereo; azues magnetismos,  
como filtros de amor, em amavios tredos,  
casam a luz do céu ao canto dos abysmos...

## III

E' a sereia que canta! os meigos caçadores  
de perolas, estão remando, ao luar de prata;  
partem-se remos de ouro entre os parceis traidores,  
e a inquietude do oceano as velas arreбата.

Vem, da terra longinqua, o perfume das flores,  
e a Noite o seu collar de sóes no céo desata.  
Não ha quem lhe resista ao canto; e os pescadores  
prendem-se á trama azul duma prisão abstracta.

E' em vão seu desespero, aos crueis amavios,  
amarrados que são aos mastros dos navios,  
quando o oceano sacode as triremes e as velas.

A voz dum prisioneiro ao longe se levanta;  
e as victimas estão rezando, ante as estrellas;  
e os coraes vertem sangue; é a sereia que canta!

## A ESTRELLA DO MAR

NO antro verde do mar, o pescador vislumbra,  
dentre o glauco mysterio, o seu luzir disfórme:  
é um ser que o oceano esconde em funerea penumbra,  
por mais que ao céo sacuda e ao vento o dorso enorme...

Pouco importa o rumor que a onda brava resumbra,  
pouco importa que estoure a vaga e espumas fórme;  
a hirta estrella do mar, que as nereidas deslumbra,  
num leito de coraes, em rochas negras, dorme.

Cercam-na, em regio throno, as pleiades, em bando,  
e alvas conchas, ao léo das ondas, despertando,  
olham, cheias de assombro, a extranha maravilha.

Todo um cortejo azul de perolas vem vê-la,  
e a asteria, sob o mar, nas fragas em que brilha,  
sonha que está num céo, por ter nascido estrella...

## A UMA CONCHA

(A JOSÉ VAZ DO AMARAL.)

MICRO-vivenda humilde, a concha, a voz do oceano  
num sussurro immortal, e o éco das ondas, guarda,  
como em restos esconde o coração humano  
de um passado longinquo a voz funerea e tarda...

A procella, o ulular do vento, o verde arcano  
das vagas, e um naufragio, e uma véla galharda,  
e as syrtes, e o mar crespo, e as ilhas, e o mar plano,  
lembra esta concha morta a quem lhe o seio esguarda!

E o barbaro bramir do equóreo sorvedouro,  
dentro em seu fundo azul, se muda em notas de ouro,  
lembrando o conto real das sereias da lenda.

Deu-lhe o oceano á humildade a gloria de um destino;  
guardar do abysmo verde a symphonia horrenda,  
na transfiguração do seu clamor divino...

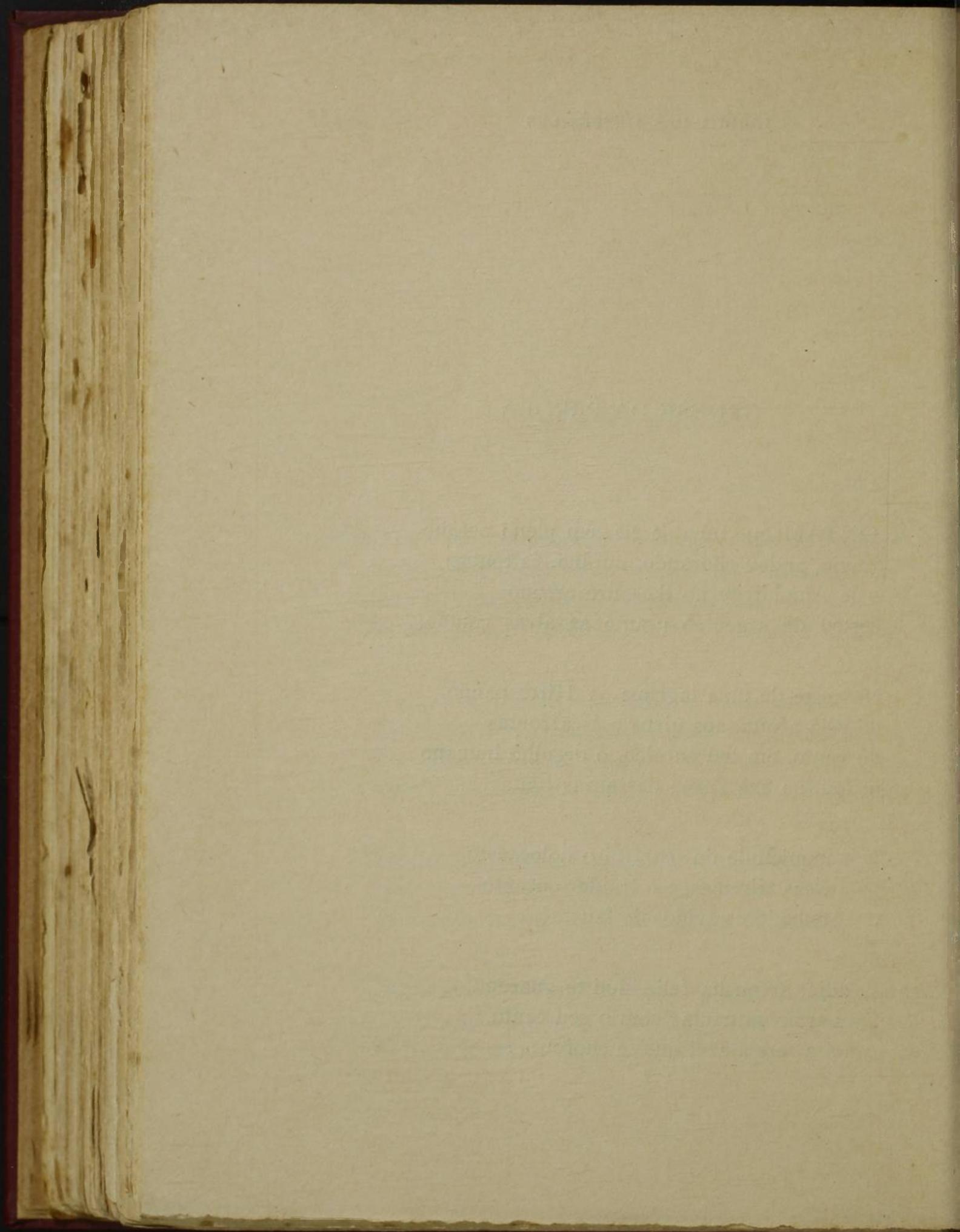
## GÊNESE DA PÉROLA

CONTAM que uma sereia, em pleno oceano  
bravio, andou chorando, um dia, ás tontas,  
e de Amphitrite no thesouro arcano  
verteu de argenteo pranto as alvas contas...

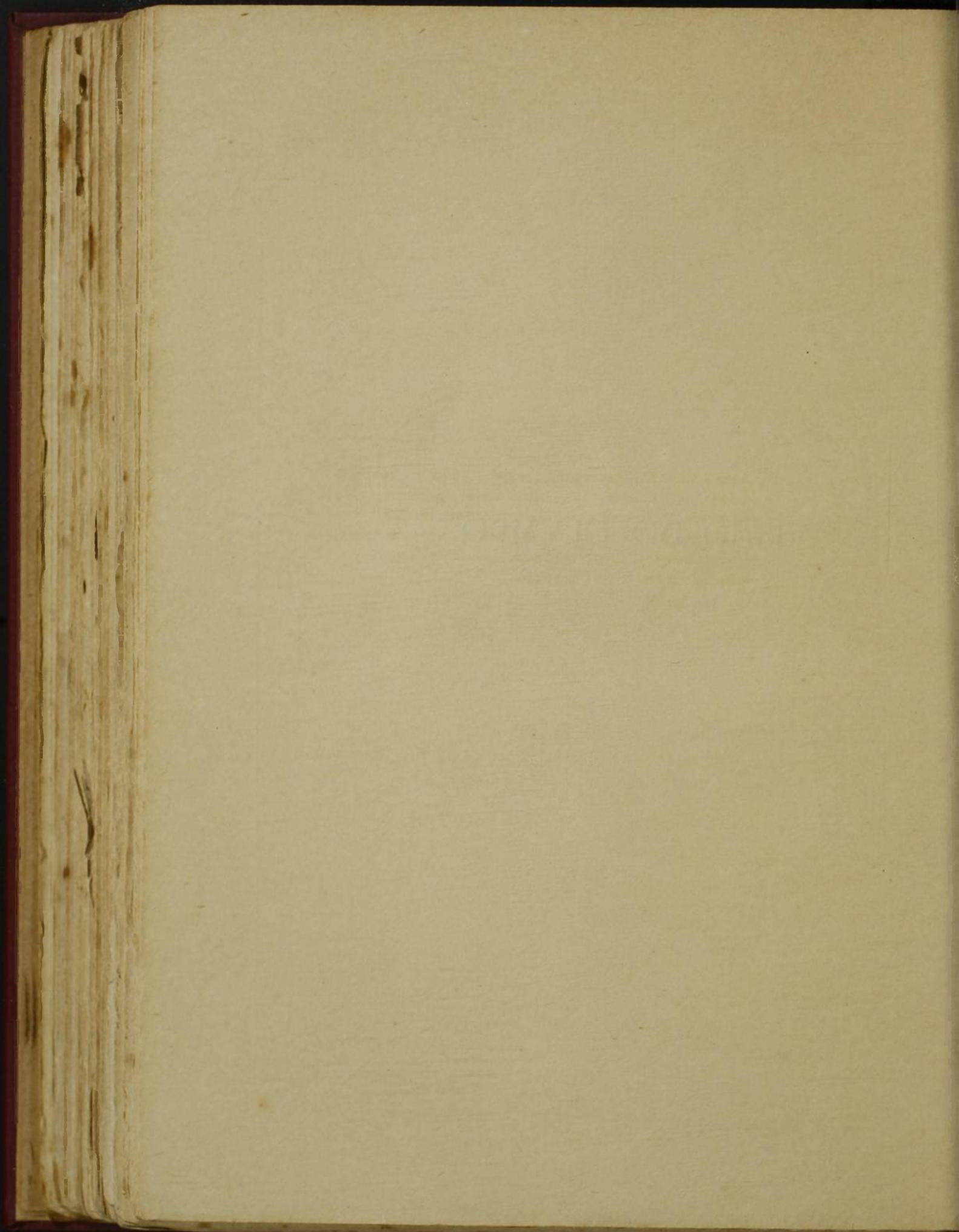
Nasceste de uma lagrima... Hirto panno  
de véla afoita, aos uivos e ás afrontas  
do vento, em teu encalço, o orgulho humano  
inflou, na aza fugaz das auras tontas...

E a inquietude do mar foi o holocausto  
de aureas triremes, e o traidor encanto  
dos sonhadores avidos de fausto!

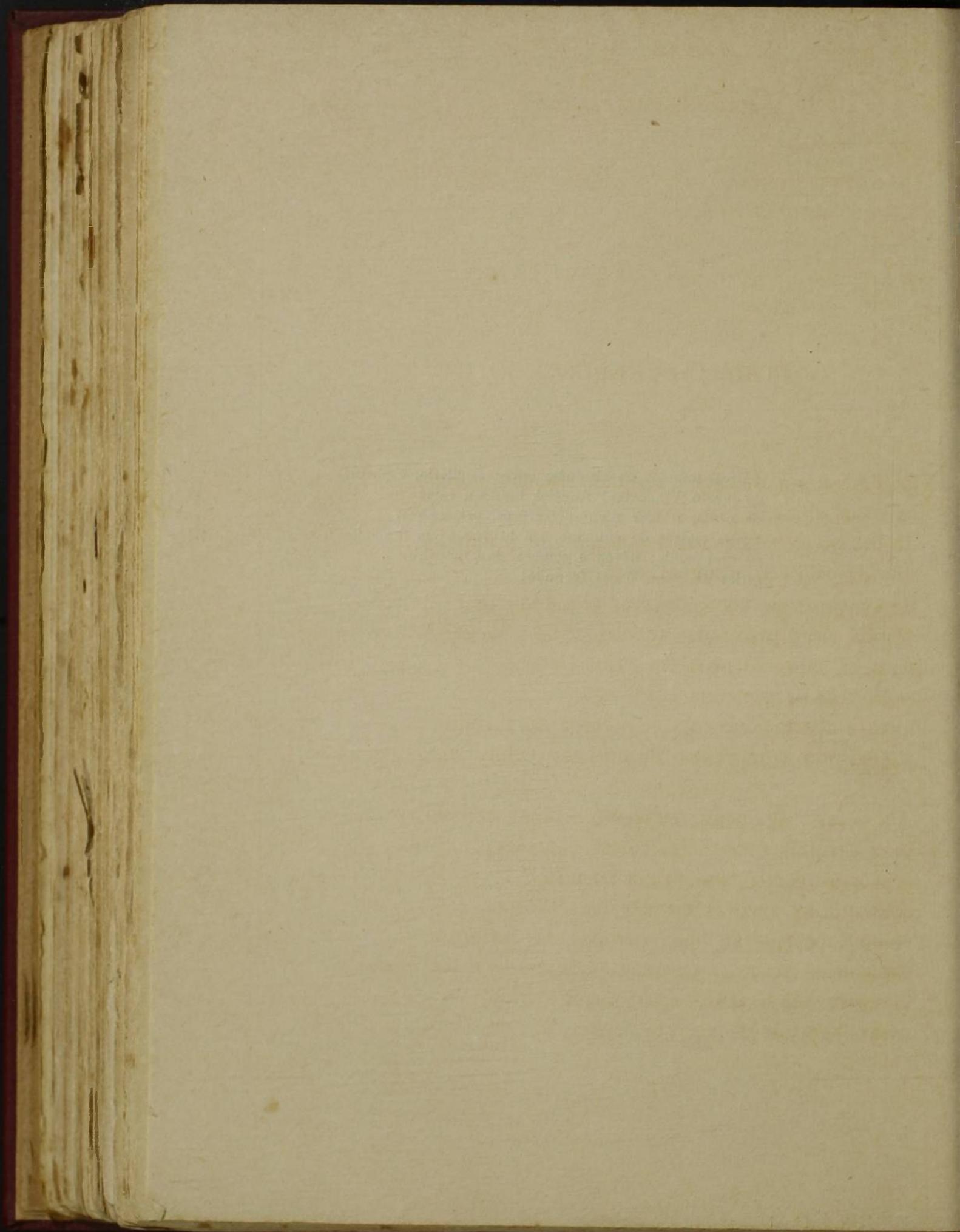
E hoje, á concha feliz, que te guardou,  
para trair os nautas com o seu canto,  
canta a sereia azul que te chorou...



VISÃO DO OLYMPO



Astros, mundos de chamma, aureo estellario, espheras  
de luz, ó Via-lactea! Anceios brancos, raios  
de prata, ó luar divino! Auróras, primavéras,  
tardes meigas de outomno, em brilhos e em desmaios  
de crepusculo; névoa e sombra, invernos hirtos.  
estios de ouro, ó sol fecundo!



## A' HORA DO CREPUSCULO...

NESTAS horas de calma, em meu silencio, inundo  
os meus olhos, á luz violacea e fria  
do occaso — triste luz, desfeita sobre o mundo,  
diluida pelo céo, numa etherea agonia  
de syncopes de cor e de desmaios brancos.  
Minha visão profunda, ás vezes, se prolonga,  
para os lados do mar, em cujos flancos,  
cada vela parece uma aza longa,  
hirta e aberta, que foge, em rumo do infinito,  
suggerindo a impressão de que não volta mais...

A's vezes, vagamente, eu volvo o olhar afflicto,  
para a funda mudez das coisas naturaes;  
e procuro sentir essa intima tristeza,  
com que as arvores ermas, nas encostas,  
como espectros ao luar, mumias da Natureza,  
erguem os braços nus, quaes monjas de mãos postas,  
e rezam, sob o vento, uma oração dorida,  
a saudade talvez que lhes restou da vida.

As douradas ficções da minha mente obscura,  
crescem, no encanto azul que me infundem os poentes,  
quando a dor da saudade me procura,  
quando procuro ouvir a dôr dos outros entes;  
e na infinda mudez desse instante de calma,  
volto a emotividade ás coisas exteriores,  
e tanto tranquillizo as dores de minh'alma,  
que me julgo escutando o segredo das flores...

E, sob a roxa luz do crepusculo vago,  
sinto a extranha emoção, por mim sempre sentida,  
de ouvir o ethereo adeus, tristissimo e presago,  
com que vejo morrer mais um dia de vida;  
talvez porque, nos meus instantes mal-seguros,  
penso sobre a existencia fugidia,  
que doura os pequeninos e os obscuros,  
aos quaes é a vida o azul relampago dum dia...

Na encantada mudez das sombras mysteriosas,  
entristecem, de leve, as coisas innocentes:  
as flôres entreabertas, silenciosas,  
as aves silenciosas e dormentes...

Passa, pelo declive dos caminhos,  
a branca romaria dos velinhos,  
que, no occaso da vida — os olhos soffredores,  
as faces enrugadas pelas dores —  
rezam constrictamente uma dorida prece,  
quando o dia se esvae e o crepusculo desce,

e andam juntos, esmando estradas frias,  
no rumo que os conduz aos seus ultimos dias...

Tristes horas de calma,  
estas, em que minha alma  
se volta á observação das coisas naturaes,  
e os meus olhos extaticos, de crente,  
embebidos num poente  
de sombras mysteriosas e auguraes,  
ficam immoveis, cheios de tristeza,  
como que interrogando a dor da Natureza...

Folhas dispersas no ar, meigas flores fanadas,  
arvores spectraes que erguem os ramos nus,  
quaes martyres erguendo as mãos fakirizadas  
á saudade do vento, á agonia da luz;  
aves fugindo ao longe, em busca de outros ares,  
como um cortejo de almas peregrinas,  
cysnes meigos que vão, erraticos, aos pares,  
cantar a ultima vez no silencio das ruinas;  
velas soltas no mar, sobre plagas desertas,  
velas niveas, bailando, enfunadas, redondas,  
azas hirtas que vão continuamente abertas,  
como cysnes de luar na ardentia das ondas;  
tudo isto me suggere o deliquio do poente,  
quando ás vezes minha alma, immovel e silente,  
na profunda visão dos meus dias finaes,  
se concentra e recorda, tristemente:  
inaiis um dia que passa e que não volta mais...

## HYMNO A' TARDE

(AO DR. MARIO GALVÃO)

O UVE, Musa encantada: é a surda lithania,  
que nest'hora desfere o vento, em ais supremos,  
chorando, nos rosaes; é a musica sombria  
da selva, preludiando um psalmo, em gloria... Oremos.

Morre, no poente em fogo, o sol, fonte do dia;  
e vem, de um céu longinquo, um céu que nós não vemos,  
esta ancia incomprehendida em que a alma se extasia,  
esta extranha saudade em que nos comprehendemos...

Bem me fôra, por certo, ó Musa dolorida,  
no extase que ao passado ás vezes me transporta,  
fechar, á luz do dia, as palpebras, sem vida,

quando, ao morrer do sol, entre um rumor de chôro,  
o Crepusculo azul, beijando a Tarde morta,  
em suave extrema-uncção lhe fecha os olhos de ouro...

## A ESTRELLA DA TARDE

NA curva gris do poente, o sol morreu! No entanto,  
num halo zodiacal de luz, gloriosa e viva,  
uma estrella surgiu, como ao funéreo encanto  
com que a Noite o amplo céu de cyrios flavos criva...

E' uma lagrima irial, que a plumbea tarde estiva  
derramou, do alto azul, nas dobras do éreo manto;  
— negra viuva do sol, da Noite a alma furtiva  
verte a primeira gotta immensa do seu pranto!

Gloria a ti, Vesper flava, e ao céu que te desvenda,  
a illuminar do sol a morte fulva e horrenda,  
como um cyrio a luzir, nas cinzas dum thesouro.

Gloria ao astro que morre e á estrella que inicia  
o aureo pranto de luz que, na viuvez do Dia,  
a Noite ha-de verter num lacrimario de ouro...

## ORAÇÃO A' LUA

RELIGIOSA do Azul, Soror nivea das lousas,  
Noiva morta do Alem, alva deusa sem vida,  
lua que vens diluir, sobre todas as cousas,  
o teu pallor cinereo, a tua luz dorida ;  
luz que pareces mais um fluido lactescente,  
agonia de cor que do céo te derramas,  
fogo-fatuo dum sol ensanguentado e ardente  
que no occaso morreu, desfeito em ouro e chammas.

Todas as cousas vivas,  
sob a tua algidez, nestas horas de magua,  
hão-de ao certo ficar immoveis, pensativas ;  
hão-de ter, como eu tenho, os olhos rasos d'agua.  
Pois, é diante do luar que alongo, vagamente,  
a minha lacrimosa e lurida pupilla,  
na deserta mudez da noite, erma e tranquillã ;  
e fico horas assim, num arroubo de crente,  
tal um monge a rezar, evangelicamente,  
na immobilização nocturna dos sentidos.

E' sob o luar que sinto anceios doloridos,  
um desejo cruel de me esquecer do mundo,  
para depois viver, no silencio profundo  
dalgum recanto azul, dum suave esquecimento,  
ermo como esta noite, intimamente fundo  
como a funda mudez deste recolhimento;  
é que eu sinto a emoção de uma feliz tristeza,  
a tristeza de quem se faz silente e triste,  
para poder ouvir nesta hora a Natureza,  
a alma virgem de tudo o que na Terra existe.

O' Noite, amo-te assim, quando, em teu seio fundo,  
dorme, sem um rumor, o coração do mundo,  
sob as resteadas do luar, e os sonhos, no ar dispersos;  
e minha alma, enlevada em extase, fluctúa,  
desfeita na tristeza ingloria destes versos,  
em que ha restos de sonho e fluctuações de lua...

E este luar que me vem, na religiosa calma,  
nostalgia do céo que me dóe dentro da alma,  
suggere-me a visão (encantada virtude!)  
de uma noite divina, em cuja atroz quietude,  
irei tremulamente, alquebrado velhinho  
como que procurando um nevoento caminho,  
um caminho talhado entre arenosos flancos;  
noite em que irei sonhar, no fim da minha vida,  
com os fanados ideaes duma idade esquecida,  
tendo o luar da velhice em meus cabellos brancos...

## CÉO E MAR

QUANDO a vela, ao sabor de algum sonho bemdito,  
deixando o litoral, do horizonte no fundo,  
baila e treme, hesitando, ao longe, sem um grito,  
na emoção de fugir em busca de outro mundo;

é tão crebro o rumor do mar, tão crebro e afflicto,  
á saudade do poente, ou do sol moribundo,  
que, si a vela se afunda, através do Infinito,  
cuido que a alma deserta em lagrimas afundo...

Tudo porque nessa hora, entre syrtes e fragas,  
o gemido do vento e o nocturno das vagas  
trazem ao meu silencio os augurios que infundem;

e aos longes do horizonte, á luz crepuscular,  
o azul do céu e o azul do oceano se confundem,  
como um naufragio azul do céu dentro do mar!

## HYMNO A' NOITE

NEGRA monja divina! Eu te amo, quando desces,  
do teu claustro azulado abrindo a porta... Eu te amo!  
E's tu quem me abençoa, ouvindo as minhas preces,  
quando te pões a ouvir a dôr em que a alma inflammo.

E's tu que a terra hostile semeias de aureas méeses,  
pondo, com o teu orvalho, um fructo, em cada ramo;  
e em cada flôr sequiosa uma lagrima esqueces,  
como em funda saudade o pranto que eu derramo...

Em teu lucto é que eu choro a morte dos meus dias!  
certo ao termo fatal das minhas ancias quérulas,  
tu me virás fechar os olhos, com as mãos frias.

E então reza, por mim; que o fulgido estellario  
é o teu rosario azul de estrellas ou de pérolas,  
e o Cruzeiro do Sul é a cruz do teu rosario...

## MEIA-LUA

NO silencio de treva a meia-lua assoma...  
Um vago encantamento o meu ser arrebatá.  
Não sei que phantasia, a que o senso não doma,  
me faz vêr no crescente um alfange de prata.

Vem, da noite deserta, ao meu recanto, o aroma  
da Terra, que palpita e estua; e a mente abstracta,  
diante da treva hostile que estrélla a negra côma,  
toda em falsas visões e augurios se desata...

O' Noite mysteriosa, em que meu ser fluctua:  
quando em teu lucto eterno esplende a meia-lua,  
como um livido alfange em divino transporte,

não sei que doida scisma a minha alma confrange,  
que eu chego absurdamente a desejar a morte,  
sob um golpe de luz do teu livido alfange!

## NOCTURNO

**H**A um querulo rumor dentro da noite calma...  
A treva, densa e má, funereamente espalma  
as plumas auguraes, sobre as ermas alfombras.  
Que alma errante andará, no silencio das sombras,  
a chorar e a gemer sobre as coisas sem alma?

Dizem que, na mudez desta hora, fria e morta,  
a saudade procura os entes infelizes,  
e anda, triste e dorida, a errar, de porta em porta,  
e entra, e vem orvalhar as nossas cicatrizes...

Quantos tristes estão com os olhos rasos d'agua!  
quantos soffrem da vida os rispídos escolhos,  
nestas horas de lucto, horas feitas de magua,  
em que o orvalho da dor nos humidece os olhos...

Parece que a nossa alma abandona, tranquilla,  
a clausura que envolve, e vem, de leve, em gottas,  
concentrar-se e scismar, sobre a negra pupilla,  
em pranto distillando as esperanças rotas.

A noite abre, lá fóra, as azas vulturinas...  
O vento, a soluçar, somnambulo, soturno,  
passa monologando extranhas cavatinas,  
e parece augmentar o segredo nocturno.

Horas feitas de lucto, horas de nostalgia.  
A treva esconde o oceano, o antro verde dos pegos.  
— como não será triste a noite erma e sombria,  
sem um signal de luz, noite immortal e fria,  
em que vivem sonhando os que nasceram cegos?

Ha no seio da noite um querulo lamento...  
As arvores senis, de momento a momento,  
despertam, surdamente, um ruido, em cada galho:  
o inverno é que as acorda ás citharas do vento,  
e chora, em cada flor, uma gotta de orvalho...

E quando o dia vier, num incendio de cores,  
a gente ha-de suppor que genios singulares,  
pranteando a noite toda, em languidos scismares,  
andaram orvalhando o coração das flores...

## SOROR SOMNAMBULA...

SILENCIO! estão dormindo as rosas. Reze a turba.  
Sonhem, virginalmente, o mundo e a coisas mansas.  
O crepusculo é um templo. Um chilro não perturba,  
nestas horas azues, o somno das creanças...

Quem será que passeia ao longe, que mal deixa,  
dentre a névoa, accender a lampada? quem anda,  
com a mão nivea, espalhando estrellas? vaga endeixa  
sussurra, e não no diz. A luz, ethérea e branda,  
que o pórtico da Noite encanta, ascende, lívida;  
sobe, transfigurada, e mais se transfigura,  
pouco a pouco mais alva, e por certo mais vívida,  
quando, por traz da selva, a lampada fulgura...

Insomnes cherubins, olhos verdes abrindo,  
revôam, pelo azul, em fuga; e como brazas,  
cuja cinza soprasse o vento, em céo tão lindo,  
os astros chispam ouro, ao leve ruflo de azas.

Ha uma palpitação, na selva; os sylphos de ouro,  
que dos anjos talvez são irmãos ou são êmulos,  
abrem, á luz funerea, o seu vivo thesouro,  
no esplendor dos rubins e dos topazios tremulos:

e assim, na chuva etherea, ardendo azues pupillas,  
nos cerros, nos desvãos da mata, pelos campos,  
pela planicie turva, ou nas moitas tranquillias,  
começa de esplender a luz dos pyrilampos. .

Tudo se ajoelha e reza, ante o suave magismo  
das cousas; tudo acorda. E a Terra, toda em gloria,  
como si fosse um seio azul o proprio abysmo,  
celebra, com o silencio, a escalada illusoria  
da rainha nocturna: e erguendo o véo escuro  
da nuvem, que lhe envolve o rosto, alma noctâmbula,  
descobre-se, banhada em luz, do sonho obscuro,  
tremula da algidez do céo, Soror Somnambula. . .

Descobre-se, prateando a nuvem. . . Sobe ainda,  
quasi que adormecida entre tunicas cérulas,  
e cada vez mais branca, e cada vez mais linda,  
parece estar desfiando um rosario de pérolas. . .

E reza; e ninguem ouve. E' muda a sua prece,  
é a oração do silencio! Ouvem-na ao certo as rosas;  
pois que todo o jardim vagamente estremece,  
no leve estremunhar das coisas silenciosas. . .

Ovem-na, quem no sabe? os mysticos e os crentes,  
no encanto virginal da poesia noctambula;  
que é preciso sonhar com as cousas innocentes,  
para poder ouvir rezar Soror Somnambula!

Sáe do seu claustro em flor; e entre as nuvens fluctua,  
como que procurando em seu lume aquecel-as;  
e, em torno do seu claustro, assim tremula e nua,  
fecha nocturnamente o seu jardim de estrellas...

Sáe do seu claustro ethereo, esmando o seu destino,  
dispersando um rosario azul, no céo inteiro,  
e genuflexamente, em silencio divino,  
põe-se agora rezando ao altar do Cruzeiro...

Tudo é sonho, na Terra; ha gritos de loucura.  
dentro dos corações transidos, a espreital-a;  
que cada coração num sonho se enclausura,  
diante do seu pallor de perola ou de opala;

e o mar, quando lhe sente a luz, louco e bravo  
sob o doce esplendor da noite fria ou cálida,  
todo espumas se estorce, em languido arrepio.  
só porque a vê passar, divinamente pallida...

E assim, monja funerea, em seu destino obscuro,  
mal o dia lhe quebra a belleza noctambula,  
encobre-se, desfeita em luz, num véo escuro,  
tremula da algidez do céo, Soror-Sonnambula!

## ESTRELLA CADENTE

O ouro acceso dos sóes, a extranha maravilha  
dos mundos, o fulgor do cósmos que se inflamma;  
e o espaço que fulgura, e a existencia que brilha,  
no fúlvido clarão que o estellario derrama...

De repente, através da sombra, como a estilha  
de uma constellação, um orbe de aurea chamma,  
uma lagrima em fogo o curvo azul rendilha  
e cáe, como um sol morto, em pleno cosmorama!

Ninguem ouve o rumor do bello cataclismo:  
é um astro que soalheira o concavo do abysmo,  
e queima o ether azul, e rasga os céos profundos...

Tomba o espéctro da luz, no fulvo sorvedouro,  
como que borrifando uma lagrima de ouro  
na tragédia divina e barbara dos mundos!

## A MORTE DA ESTRELLA

**B**RUSCO arrepio de ouro as estrellas inflamma,  
como um sopro divino em que bailem os mundos;  
tremeluzem de susto os astros de aurea chamma,  
quando cáe uma estrella azul dos céos profundos.

Deusa negra, que a luz em lagrimas derrama,  
passeia a Noite ao longe, entre os sóes moribundos,  
com os cabellos de luz ardendo em loura trama,  
e esparzindo outros sóes, das lagrimas oriundos.

Uivam, aqui na Terra, os ventos... Sobre os campos,  
em verde procissão nocturna, os pyrilampos  
são estrellas que vão caindo, doidamente.

E o Cruzeiro do Sul é a cruz da sepultura;  
e os astros, na amplidão do céu, soturna e escura,  
são os cyrios azues duma camara ardente...

## ESTRELLA D'ALVA

NA alva resurreição que o oriente em fogo aclara,  
não tarda o sol mostrar a auréola que o circumda;  
no entanto a régia estrella o incendio fulvo encara,  
— lagrima que esqueceu a Noite moribunda...

Não lhe turvou o aspécto a luz violenta e clara  
que os astros de ouro offusca e o céu de gloria inunda,  
e ella, do alto, inda ostenta a aurifulgencia rara  
de um topazio estrellando a abóbada profunda...

E quando a treva esfólha o lucto feito em réstos,  
a estrella d'alva esconde a flava e real pupilla,  
ao sol que a luz derrama, em ósculos funestos.

E antes que o espaço e o mundo a canicula açoite,  
inda esplende uma vez, inda uma vez vacilla,  
aureo ponto final na transição da Noite...

## ORAÇÃO AO SILENCIO

SILENCIO! religião dos mysticos, mysterio  
das horas virginaes, alma virgem das cousas!  
Recolhimento azul, cháos divino e funereo,  
sombra que na minha alma em extase repousas;  
templo em cuja quietude o meu ser aprofundo,  
Silencio em que socego os transees do destino,  
bemdito sejas tu, que entre os males do mundo  
abres as portas de ouro ao teu mundo divino...

Desce, ó Silencio; desce, em dolorido encanto,  
nos teus folhos fechando os meus extases lívidos;  
que á doce communhão, no espirital recanto,  
cessem nocturnamente estes meus cantos vívidos!

Na virgem tentação azul das tuas tramas,  
no entreabrir virginal do thesouro em que medras,  
quero aos labios tomar a mudez que derramas,  
quero ter a mudez divina que ha nas pedras;  
quero que estes meus ais com o tempo e o vento rolem,  
por que guardes, Silencio, as suas horas cérulas,  
como em flórido escriptorio os granulos de pollen,  
como no seio azul das conchas reaes as pérolas.

Quero ser mudo assim, para a mudez das cousas silenciosas ouvir; quem me dera a virtude de algum dia entender a quietude das lousas, dialogando com a Morte em funerea quietude?

Quanta palavra de ouro a Terra negra esconde ( e essa voz interior a floresta relata-nos) que só se ouve gemer com os zephyros da fronde, que só se ouve cantar na alleluia dos plátanos; quanta volupia esconde o perfume das rosas, quantos gritos de sangue as papoulas vermelhas, sem que ninguem lhes ouça as falas silenciosas, sinão porque as melindra o rumor das abelhas...

Silencio! dá que eu beba, em teu calice de ouro, tal um tonico da alma, o repouso dos musculos, pois que guardas talvez no teu dubio thesouro, os mysterios da Noite, o languor dos Crepúsculos.

Dá-me, piedosamente, a belleza que occultas, na suave inspiração que com o teu fluido animas, como ardentes rubins com as facetas incultas, como nos versos de ouro a esmeralda das rimas; dá-me o dom de acordar as scismas que procuro, no afan de entretecer os meus carmes romanticos, para que a alma palpite em cada verso obscuro e o meu plectro irradie a plethora dos canticos.

Desdobra, sobre mim, como um pallio divino,  
o teu pallio, que é a Noite, o véo com que me cubro,  
quando, como um pagão, a fronte ruda inclino,  
rezando o meu psalterio ao teu negro delubro;  
quando, em face da Noite, a minha alma se ajoelha,  
no magismo sem par duma reza noctambula,  
e a lua, a tua noiva, a tua alma semelha,  
no mystico pallor de uma soror somnambula...

Silencio! religião dos mysticos, mysterio  
das horas virginaes, alma virgem das cousas!  
recolhimento azul, chaos divino e funereo,  
sombra que na minha alma em extase repousas!

Vem commigo acordar as cousas silenciosas,  
vamos afoitamente ouvil-as e entendel-as...  
Silencio! quero ouvir o que sonham as rosas...  
Silencio! quero "ouvir a fala das estrellas"!  
Quero ouvir, afinal, o que rezam as cousas  
que a morte adormeceu; o mal da vida, vence-o,  
por certo, quem descança, ou dorme sob as lousas:  
quero agora morrer, quero sonhar... Silencio!

## ORAÇÃO A' MORTE

BUSCO ás vezes ouvir o que o Silencio expressa,  
pelas boccas em flor das tumbas e dos fossos,  
quando o rictus feral das caveiras começa  
na marcha funebre dos ossos...

O rumor do cypreste, aos sussurros do vento,  
dá-me a negra illusão de palavras doridas,  
que andam entretecendo um funereo lamento  
no desespero de outras vidas.

São palavras talvez que dizem surdas cousas,  
que não nas pode ouvir o coração mais forte,  
quando o Silencio infunde, entre as campas e as lousas,  
o poema livido da morte.

E' que a immortalidade é um mal quasi divino,  
por certo bem maior que o mal da sepultura,  
que as miserias da vida e os trophéos do destino  
em cinza ou poeira transfigura.

As estrellas e os sóes não são lagrimas de ouro,  
que essa immortalidade azul dos cosmos verte?  
e as lagrimas de luz não são da treva o choro,  
que em gottas de ouro se converte?

Os rios que, através do valle e da montanha,  
derramam borbotões de prata ao mar profundo,  
e as lagrimas que verte a minha dor extranha  
    não são as lagrimas do mundo?

Essas gottas de luz que, nas noites ardentes,  
se desprendem do céo, do vento ao leve açoite,  
como uma chuva azul das estrellas cadentes,  
    não são as lagrimas da Noite?

O' anjo negro da Morte! as tuas leis divinas,  
para que a alma sem luz não lograsse entendel-as,  
escreveste-as no céo, com letras diamantinas,  
    nos hieroglyphos das estrellas!

E a Noite é a tua irmã, que o teu mysterio abrupto,  
em seu escriptorio negro esconde, friamente:  
a tunica de treva é a dobra do teu lucto,  
teu alfange de prata é a foice do crescente...

Mas, ao silencio atroz do funereo transporte,  
sob o gelido esgar da mascara que arrancas,  
encontras a caveira humana a rir da morte,  
no rictus que escancara as mandibulas brancas.

## HYMNO AO SOL

ALVA, a noiva do sol, coroada de ouro e rosas,  
que abre, ao fundo do oriente, as pupillas medrosas,  
para anunciar ao mundo a aparição dourada  
da luz, vem-me acordar, com beijos de alvorada;  
entra por tenue fresta, aclara os leves fólhos  
do meu leito e, com as mãos de néve, abre-me os olhos...

A alma negra da Noite as plumas reaes espalma.  
como si ao céo levasse a noite de minha alma,  
e os seus olhos sem luz de monja céga alonga,  
como que a olhar os meus, que se abrem, numa longa  
penetração de luz, tão tristes como os della;  
e com o manto estrellado aberto, vae á cella,  
longinqua, onde se ajoelha e réza, ante o cruzeiro,  
sempre acceso, de azues estrellas...

Ao primeiro  
deslumbramento irial, que o dia accende, em gloria,  
vae-se-me, da alma escura, a sombra merencórea  
de Nyx; é mais um dia, em que o aureo encantamento  
da luz me é dado ver, menos um dia! O vento  
rouba ás flores o aroma, o sol me leva os dias  
no seu gyro dourado!

E aquece-me as mãos frias,  
quando a minha oração lhe rézo, de mãos postas ;  
desde que o vejo em fogo, atraz de altas encostas  
cheias de prata, erguer a fronte, e a auréola clara,  
que lh'a cinge, irradiar ; desde que a selva e a seára  
brilham, no seu fulgôr, e os ramos tremem, cheios  
de fructos de ouro ; ouvindo a festa dos gorgeios  
que o saúdam, eu ergo as mãos, na ancia incontida  
de suplicar ao sol que doure a minha vida ;  
que a terra beije e escalde os bosques moribundos,  
que em viva irradiação, em ósculos fecundos,  
sua bençam de luz derrame e a c'rôa real  
das arvores esmalte ; e, no culto de Baal,  
peço ao deus do esplendor, que oscúle a selva flórea ;  
que encha de gloria as mãos aos que lhe pedem gloria,  
aquelles que, sulcando á Terra os flancos brutos,  
sonham colher do outomno os ourejados fructos ;  
que a sua luz recame as eiras, beije os rios,  
leve a chamma celeste aos tugurios vasios,  
encham os celeiros de ouro ao sementeador exausto,  
dando á nudez da Terra as pompas do seu fausto !

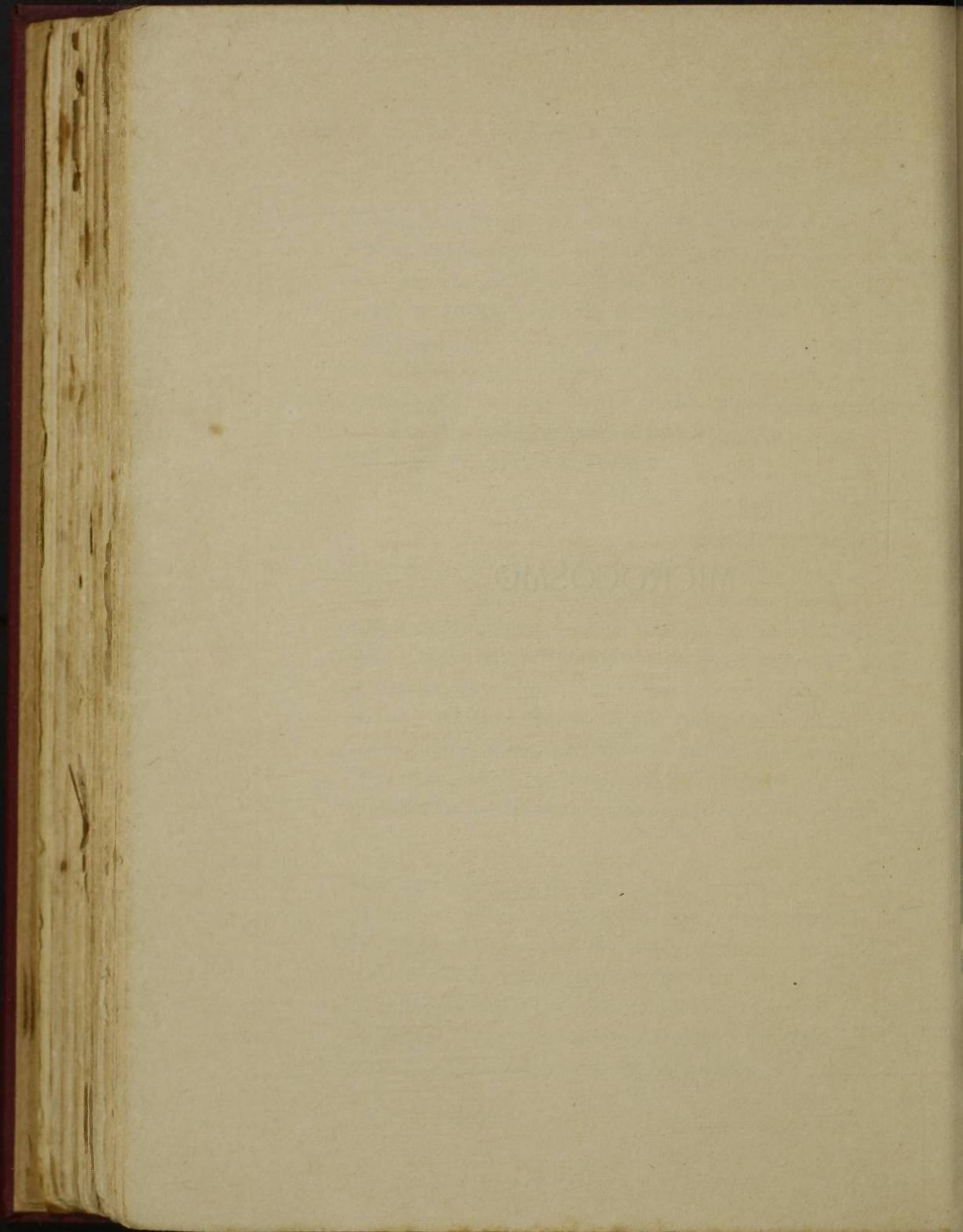
Acorda-me, aureo sol, si os braços cruzo, inerte ;  
e antes que os braços cruze e nunca mais desperte,  
quero sorver ainda, em longos haustos, tua  
claridade immortal ! E's a verdade núa,  
que estes meus olhos nús não podem vêr ; mas pedem  
os meus olhos a luz, com que clareias o Eden

da altura! querem vêr meus olhos a belleza  
da tua apparição, na maravilha accesa  
das chammas orientaes, feitas de prata e de ouro,  
como as portas talvez de um paraizo louro,  
que abres ao teu clarão! querem vêr tuas flamm  
de rubins, que no poente aurifero derramas,  
quando a ti mesmo esvaes, como um viajor divino,  
auricomo nababo, a quem o aureo destino  
de sentir-se immortal enfara...

ó deus que impéras,  
na sidérea attração radiante das esphas!  
amo ver-te no céu, no occaso em chammas; amo  
vêr no azul apagar-se a luz, em que me inflammo,  
para depois surgir, tauxiando a longa espalda  
das montanhas azues e os cimos de esmeralda;  
não me invade a illusão da tua morte! eu creio  
no teu cyclo immortal de luz; nunca o receio  
de que te vaes rolar sem vida á occidua curva,  
a minha vida assombra e os meus scismares turva!

Meu receio é morrer, sem inda vêr teus raios,  
quando vieres de novo, em brilhos e em desmaios  
de crepúsculo, encher de vida o céu e o mundo;  
o meu receio é vêr, não no teu céu profundo,  
mas da minha existencia ao lúrido mystério,  
a Noite, sobre mim, num pôr-de-sol funéreo,  
uma cruz accender de azues estrellas...

MICROCOSMO



E's tudo: oceanos, rios e florestas.

OLAVO BILAC

L'homme est sacré, respect á la Terre profonde!

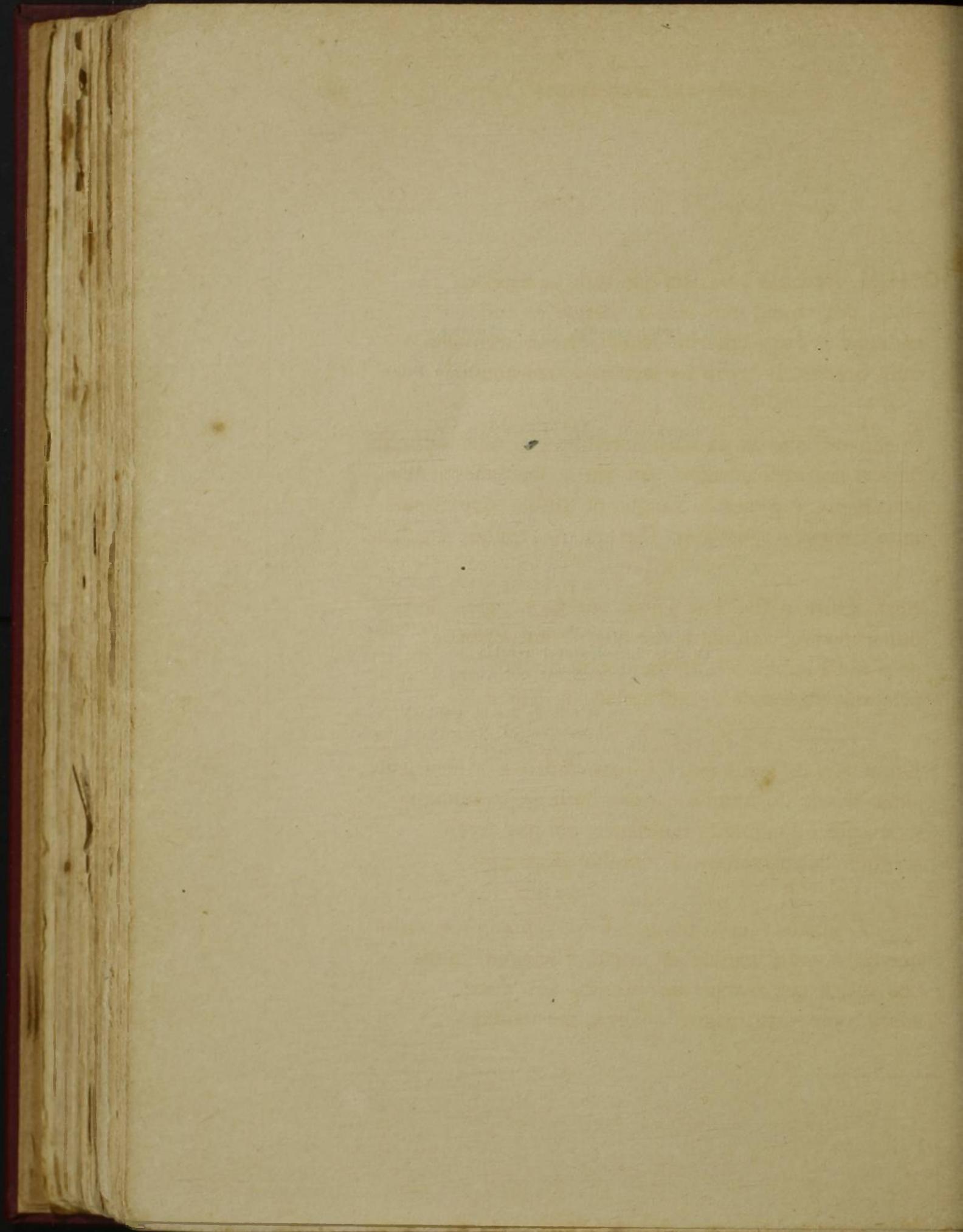
VICTOR HUGO

... divino e horrendo,  
de homem possuía as mãos e o corpo.

(A LENDA DE PAN)

O homem, naquella hora,  
O dom incomparavel recebia  
Das energias cosmicas que encerra!

Cyclo da Lucta, Canto V, Visão  
dos Tempos. THEOPHILO BRAGA.



1 OMEM, synthese viva, em que tudo se espelha,  
sinto, dentro em meu ser, o resumo de tudo:  
na alma o fogo transmudo em divina scentelha,  
num oceano de treva as lagrimas transmudo.

O sangue, que as paixões accende, e o odio estimula,  
dentro em meu coração, em que a maldade humana  
blasphema, é o mesmo sangue ou fluido, que circula  
num tronco; é a seiva em flor que as frondes engalana.

Posto entre o Céu e a Terra, invejo o aureo destino  
duma arvore, voltada á luz que o azul encerra,  
pelo caule subindo a algum sonho divino,  
pela raiz descendo ás entranhas da Terra...

E que são os meus ais, e o meu choro, e o meu grito,  
sinão a voz do mundo a ecoar num grito humano,  
sinão o éco longinquo e obscuro, em que repito  
o rumor da tormenta e as revoltas do oceano?

E estes sulcos, que o tempo abriu, sobre o meu rosto,  
que outra coisa hão-de ser, sinão a imagem funda  
dos sulcos que o rolar dos séculos tem posto  
sobre o teu rosto negro, ó Terra moribunda?

Vim do teu amplo seio ,e, no meu ser contendo  
o mysterio sem fim que ha nas tuas entranhas ;  
não sei que ancia de luz eu trago donde venho,  
que me faz procurar o azul, como as montanhas . . .

Tambem eu, como tu, na minha angustia incalma,  
duma invisã cratera as vivas lavas noto,  
si, ao choque das paixões em fogo, dentro da alma,  
sopra de atra psychose o extranho terremoto.

Si aos teus abysmos de ouro o mysterio profundo  
interrogo, na sombra em que mergulho e scismo,  
perplexo ante a belleza e a maldade do mundo,  
sinto na alma um abysmo em face de outro abysmo . . .

E em meio á cathedral florida, o verde templo  
em que celebrou Pan, de mãos postas exclamo,  
no real deslumbramento em que me prostro, a exemplo  
de tudo que ama a vida, amando a Terra: eu amo!

## HOMO SAPIENS

## I

F OI Pan; e andou correndo, nas florestas,  
atrás de loiras nymphas caprichosas,  
na innocencia do mundo, quando as rosas  
se desfolhavam, no languor das séstas.

E chamavam-lhe deus; e as buliçosas  
ondinas, ou as dryadas, mais lestras,  
em perfumadas, em floridas festas,  
fugiam-lhe ás demencias voluptuosas.

Por fim, fugiu do bosque; e a Natureza  
fechou-lhe as portas de ouro, os céos e os valles.  
Por isso que, sem Eden, sem realeza,

correndo atrás da gloria (é o seu destino)  
sobre tantos defeitos, tantos males,  
lhe resta qualquer coisa de divino...

## EM CAMINHO DE THEBAS

## II

NÃO quizeste escutar o agouro ás pythonizas,  
que traçaram, com a mão funerea, o teu futuro.  
“Não vás, Ædipo doido! a terra que idealizas,  
é uma estrella traidora ardendo em céu escuro.

Não troques o viver nos campos, meigo e obscuro,  
por essas glórias vãs do mundo que improvisas;  
não vás, tonto de luz, o gesto mal-seguro,  
forçar, de um templo extranho, as portas indecisas...”

Mas, alheio á razão das cousas, não quizeste  
das gitanas do bosque ouvir a voz celeste;  
pois que, dentro do ideal, que hoje os homens encanta,

vinhas ouvindo (é a sina humana) ó Ædipo louro,  
vinhas ouvindo, pela estrada, a canção de ouro,  
que a sereia do mal divinamente canta...

## EDEN PERDIDO

## III

O homem, simples e ingenuo, ao esplendor dos annos, vindo da idade obscura, ou do templo apollineo, numa doida renuncia aos seus ritos profanos, sentiu as ambições da gloria em seu dominio...

Sobre as ruinas da crença e dos ideaes humanos, via o sol bruxoleando em funereo declinio; e ampliou, deu azas de ouro a outras crenças e enganos, de outros mundos e ideaes desvirginando o escriptorio.

Deixou as bacchanaes, as colheitas cheirosas dos fructos que a sazão poz á bençã das chuvas, Deixou os egipans em communhão com as rosas,

os cachos cõr de sangue e cheirosos das uvas. E ouviram-se, através das matas tenebrosas, nymphas de olhos azues, chorando, como viuvas...

## VOZES NA SOMBRA

## IV

“NÃO vás.” Disse-lhe o bosque; e as avenas chorósas da Tarde, muito ao longe, em notas quasi extinctas, repetiram-lhe o appêllo. E as náíades, e as rosas, diziam-lhe crueis palavras indistinctas...

O homem, que outros ideaes, em revoadas grandiosas, arrastavam, ao mundo, a um albôr de aureas tintas, escutou o rumôr das folhas buliçosas:

“ó doido, aonde irás ter, que o mesmo mal não sintas?

“Vês? a selva florida é o teu pèrvio thesouro; e emquanto vaes, cedendo a aspirações incautas, a Terra florirá num paraizo louro,

e andarão a bailar, pelas vindimas lautas, dryadas virginaes trincando fructos de ouro, ao dorido langôr de lamuriosas flautas...”

## NA SOMBRA DA DUVIDA

## V

E VEIU; e, no caminho, aos poucos, sem alarde,  
provou a sensação do mundo. E, ao conhecê-lo,  
sentiu, com o frio na alma, a angustia dum covarde,  
mãos erguidas ao céu num dolorido appello...

A sombra da razão a mente obscura encarde.  
(Œdipo tinha as mãos mais frias do que o gelo)  
Pára e hesita; ao morrer do dia, á luz da tarde,  
parecia-lhe a Terra um torvo pesadelo.

Sentiu no coração um abysmo sem fundo;  
e ante o céu, que o convida, e o silencio, que o assombra,  
genuflexo, ante a gloria e a belleza do mundo,

quasi de rastros, sobre a Terra obscurecida,  
pela primeira vez, mergulhado na sombra,  
o homem quiz decifrar o mysterio da Vida...

## DIANTE DO MUNDO

## VI

OLHOU o céu; e viu a lua, lá no fundo,  
como quem o sonhar das estrellas profana,  
cimitarra celeste, erguida sobre o mundo,  
prompta para cortar o fio á vida humana.

Homem, vindo da poeira, e das cousas oriundo,  
sentiu què o seu destino ao das cousas o irmana:  
para entrar da existencia ao mysterio profundo,  
furtara de almo escrínio o novello de Ariana...

Viu as estrellas, não quaes rosas num deserto,  
mas, uma reticencia azul num livro aberto:  
e o silencio da Terra obscura e constellada,

pareceu-lhe, no horror das sombras de velludo,  
pela primeira vez, uma expressão do nada,  
fria interrogação do nada que anda em tudo...

## TENTAÇÃO

## VII

AO passar pela curva, inda ao longo da mata,  
que sussurra, ao rumor do vento, ouviu-lhe o choro:  
o homem presta-lhe o ouvido, e a duvida o arrebata,  
(flebeis frautas de Eolo o chamavam em côro)

Um jardim encantado abriu-lhe os portões de ouro,  
onde voavam faisões com plumas de escarlata;  
onde, para esconder o divino thesouro,  
faiscavam ao sol tres repuxos de prata...

Veu-lhe a dubia voz duns recantos celestes,  
feita de auras em choro e de avenas agrestes.  
Era o verde pomar das Hespérides, onde,

sazonando, ao fulgor do sol, ou sob as chuvas,  
aureos fructos de jalde oscillavam da fronde,  
cachos vivos de sangue explendiam das uvas...

## ŒDIPO E A ESPHINGE

## VIII

È a Esphinge lhe propôz um enigma tremendo,  
quando elle a escura porta abria: "E' o teu tributo!  
Decifra-o, e ganharás o mundo que estás vendo..."  
È mostrou-lhe, com a mão gelada, o céu de lucto.

O homem, méro mortal, áquelle gesto horrendo,  
mas divino, e sem luz, tremia, irresoluto.  
Viu na Terra um deserto, em que andava soffrendo,  
misero, sobre o pó do seu caminho enxuto.

È decifrou-o; mas o acerbo raciocinio  
das cousas lhe turvou os seus dias de tedio,  
fustigando-lhe a mente, em seu longo declinio.

E hoje pára, e ahi pensa; e ajoelhado, no fundo  
duma philosophia amarga e sem remedio,  
o homem vive a soffrer, mas abençoa o mundo...

## A MALDADE DO MUNDO

## IX

A BELLEZA do mundo é um segredo divino,  
que o inferno e o paraizo, o mal e o bem encerra;  
pois vivemos soffrendo, e abençoando o destino,  
pois morremos sangrando, e bemdizendo a Terra.

Todo o encanto do mundo é um fulgor assassino;  
é a belleza traidora e a lama em que o homem erra,  
vendo tudo através dum sonho crystalino,  
que dum céu infernal a porta azul descerra!

Possa a gente viver na illusão dolorida,  
sob o enlevo e a traição daquelle céu profundo,  
bemdizendo e cultuando a maldade da Vida;

pois, o encanto da Terra é um lurido transporte,  
neste abysmo em que fulge a belleza do mundo,  
neste mundo em que canta a sereia da Morte...

## ATALANTA

## I

QUANDO, lépida e loura, Atalanta passava,  
pelas moitas em flôr, pelos campos em fóra,  
rios, vales, montanha, ou céu, tudo cantava,  
numa doida alegria, esplendida e sonóra...

Pois que, nessa corrida extrenua, doida embora,  
sacudindo a um sol fulvo a cabelleira flava,  
ninguem, na idade de ouro, entre as nymphas d'outr'ora,  
com mais lesta esvelteza os píncaros galgava!

Ninguem lhe arrebatava, á alipede afoiteza,  
a virtude sem par que lhe deu o destino,  
quando via esvoaçar seu vulto de princeza.

Quando o via esvoaçar, de tão lépido e louro,  
que era dentro da sombra um sussurro divino,  
que era dentro do bosque um relampago de ouro...

## II

HYPOMENE, que, em vão, no orgulho de vencel-a,  
através da corrida, entresonhava a gloria,  
dando, em flores de sangue, o esplendor da victoria,  
pelo verde esplendor dos seus olhos de estrella ;

Hyppomene, que assim sonhava, ancioso pela  
loucura de possuil-a (ó esperança illusória!)  
do hespérido jardim violando a entrada flórea,  
furtou, nos fructos de ouro, o ardil com que prendel-a.

E os fructos dispersando através da corrida,  
vendo-a que se detem e que esse ardil a encanta,  
conseguiu alcançal-a, em doida arremettida.

Hoje, cada um de nós, no mal que nos quebranta,  
illusões a espalhar, correndo atraz da vida,  
é Hyppomene a correr no encalço de Atalanta!

## III

MINHA felicidade mentirosa  
prometteu-me que, ao termo desta estrada,  
a um pôr-de-sol de tarde cor-de-rosa,  
havia de tecer minha pousada.

E, dizendo-me adeus, lesta e maldosa,  
fugiu, correndo, ao brilho da alvorada;  
fugiu, numa alegria buliçosa  
de quem promete mas não cumpre nada.

Andei, então, sangrando, nos espinhos,  
sobre as urzes, na curva dos caminhos,  
onde via passar seu vulto louro.

E hoje, quando a suppunha de mim perto,  
sobre a areia, da vida no deserto,  
encontro apenas o seu rasto de ouro...

## IV

O' feliz lenhador, que estás cantando,  
num florido casebre, á tarde morta,  
não viste si passou, nem sabes quando,  
uma princeza, pela tua porta?

Ha muito tempo, nas estradas, ando,  
só por busca-la (é a luz que me conforta)  
emquanto o mundo sáfaro, execrando,  
tão justo ideal á vida me não corta...

O velho ergueu o olhar, já meio escuro.  
Pouco adianta a loucura de correrdes,  
disse, com voz soturna e gestos francos

Essa que procuraes, tambem procuro:  
— celeste mentirosa, de olhos verdes,  
que deixa os homens de cabellos brancos...

## DESTINO COMMUM

## I

HOMEM, da Terra oriundo,  
certo não te desdoura a unidade do Mundo.

Irmana o teu destino ao destino das cousas.  
Vê que o teu sentimento, esses ideaes divinos,  
em que através da vida, inglorio, não repousas,  
são os mesmos e iguaes em todos os destinos.

## II

OLHA em torno de ti quantos males puzeste,  
quantos mythos semeaste em torno á tua origem,  
porque buscas no mundo uma origem celeste,  
como um nectar divino aos ideaes que te affligem.

Não tens hoje descanso e não tens horas suaves,  
como na idade de ouro, em que andavas, nos campos,  
na meiga communhão das rosas e das aves,  
sob o claro docel azul dos céos escampos.

E' vão o teu receio, a gloria que procuras,  
fructo das ambições mais vivas, ancia incauta,  
não é a que procuraste, em epocas obscuras,  
pelos campos em flôr, tocando a tua flauta...

Hoje, no teu castello, amontoando um thesouro,  
não são horas azues os teus dias de tedio,  
no afan de construir os teus idolos de ouro,  
preso ao vivo aguilhão duns ideaes sem remedio...

## A NUDEZ DA VERDADE

CEGOS os que a não vêm exposta á luz do dia,  
com a nudez desvairada e divina de Venus:  
é a escultura pagã que inflamma a pedra fria,  
animando-a, através dos seus niveos acenos...

Mão de artista a entalhou, com a tristeza sombria  
de quem prova da vida os dourados venenos,  
vendo o mundo abysmado em languida agonia,  
sob o encanto da carne e dos vícios terrenos.

Ao vê-la, exposta ao sol, arde em gritos a turba,  
entre o apupo e assobio, a um tregeito garoto,  
que a nudez da Verdade os seus olhos perturba:

e ao sentir que a virtude, entre os homens, não medra,  
arranca o pobre artista o manto, velho e roto,  
cobrindo, loucamente, o symbolo de pedra...

## ODIO

O ODIO é cego, e illumina os olhos, a quem cega ;  
a alma humana se estrue em torrentes de lava,  
e a si mesma se queima, e a si mesma se nega,  
quando á propria tormenta e ao proprio mal é escrava.

Raiva, sobre a pupilla, um clarão de refrega,  
incendio que a alma accende, abysmo que ella excava,  
qual procella estouraz, a que o mundo se entrega,  
de raios de ouro e luz da noite o seio crava.

E tanto a raiva ruge, em rugidos de oceano,  
na accesa collisão dos sentidos em jogo,  
no barbaro bramir do coração humano,

que o instincto se desata á furia que o subleva,  
que esse extranho raivar das pupillas em fogo  
lembra os olhos dum tigre a phosphorear na treva...

## SUPERSTIÇÃO

PSALMODIAM um canto as ermas casuarinas...  
Quem será que perturba a mudez dos escombros,  
e desperta nesta hora o éco surdo das ruínas,  
e enche a noite de mysticos assombros?

A credence dirá que algum genio funereo,  
alma que se exilou do ermo dum cemiterio,  
tragicamente vem, de tugurio em tugurio,  
augmentar do Silencio o atroz mysterio,  
trazer da Morte o dolorido augurio...

Vós, que em horas assim, visionarios e tristes,  
procuraes auscultar da Noite o negro seio,  
e ouvir o segredar das cousas, certo ouvistes  
esse vago rumor, de dores cheio...

Quando a Terra piedosa e tristemente dorme,  
e a nevrose augural da insomnia nos afflige,  
quem o ouvido prestar ao seio enorme  
da solidão nocturna e desconforme,  
ouvirá, com assombro, o soluço da estrige...

Ella vem, triste e a sós, na paz tranquilla  
do cemiterio, e chora, e gargalha, e soluça...  
Transida de terror, minha alma, para ouvil-a,  
nos meus olhos immoveis se debruça:

e como si a espreitasse, através da pupilla,  
acobarda-se, livida de pasmo,  
na completa nudez mysteriosa das cousas,  
ouvindo acerbamente o dorido sarcasmo,  
que ella infunde no lar das campas e das lousas...

E quando, a rir de mim, sobre a casa em que móro,  
a coruja desfere os seus cavos gemidos,  
a nevrose da insomnia, em augurio sonóro,  
mil perguntas crueis blasphema aos meus ouvidos...

## MARCHA-FUNEBRE DE CHOPIN

À BELLEZA cruel da musica sombria,  
que me dóe, dentro da alma, em seu fundo trespasse,  
sinto o encanto dorido e atroz de quem cuidasse  
que a alma se lhe desfez em restos de harmonia...

E a tristeza, e a saudade, e a lagrima, e a agonia,  
irrompem, no meu ser, num brusco desenlace;  
e, entre o mal, que me punge, e o som, que me extasia,  
tenho a fria illusão dum "requiescat in pace"...

Mas, si ao vago rumor, procuro o proprio olvido,  
dubia nevoa encantada os meus olhos inunda,  
na immobilização dum extase dorido;

e vindo não sei d'onde, e caminhando a esmo,  
sob a minha visão ensombrada e profunda,  
passa funebremente o enterro de mim mesmo...

## OUVINDO UM VIOLINO

QUANDO o escuto gemer, em meio á noite morta,  
cuido que estou rezando em minha propria calma,  
o rumor dum violino ao azul me transporta,  
porque é um ruido do azul que desce ao fundo da alma.

Sinto um céu, dentro em mim; é um céu que me conforta;  
é a virtude do som que os meus transees acalma;  
é o rumor de outro mundo, a que se abriu a porta,  
por que eu fuja a este mundo atroz, que me desalma.

Minha alma tremeluz, como lagrima fria,  
que em meu ser se derrama, em notas de agonia;  
tudo porque o violino a voz de ouro desperta,

com que as scismas expande e as saudades acorda,  
gemendo, na amplidão desta noite deserta,  
como si lhe gemesse uma alma em cada corda...

## POEIRA

DOE-ME a supposição de que o pó que eu levanto,  
nuvem de ouro, ou de terra, em que passo, esquecido,  
seja o pó dos ideaes desfeitos, ao quebranto  
do tempo, que o meu ser arrasta, para o olvido.

Ninguém hade encontrar meus rastos, no recanto  
do mundo, em que sonhei o céo, e em que hei vivido,  
pois na Terra, que calco aos pés, terei o encanto  
de ser pó, que outrem calque, a outros pés revolvido

Posto entre o céo e o mundo, eu soffro as doidas penas  
de viver sobre o pó das miserias terrenas,  
sob a poeira divina e encantada dos astros,

tendo na alma a visão das covas e das lousas,  
por que alcance no pó, exanime, de rastros,  
a fria communhão dos homens e das cousas. . .

## A ESPERANÇA

QUANDO, em meio aos espinhos que ha no mundo,  
a mão ferirdes, procurando a gloria,  
não vos importe o soffrimento, oriundo  
desta escura existencia merencorea...

Pois a Esperança, que não deixa o fundo  
do coração que sangra, essa illusoria  
mensageira da luz, que o moribundo  
reanima para a vida transitoria;

a Esperança estará, toda ternura,  
vossas queixas ouvindo; pois o encanto,  
que doura desta vida o mal sem cura,

nos momentos de angustia ou treva, é o terdes,  
diante dos olhos, humidos de pranto,  
a luz divina dos seus olhos verdes...

## CASTELLO AZUL

SER um meigo, um bucolico idealista,  
sobre o mundo miserrimo e execrando,  
viver soffrendo, mas morrer sonhando,  
sem alardes de gloria ou de conquista ;

ter a sêde do azul, acreditando  
que um céu piedoso sobre a Terra exista ;  
e, sem crer que a distancia illuda a vista,  
correr atraz do azul, de vez em quando ;

no encalço de saphiras lacrimosas,  
como o idolatra obscuro da belleza,  
sorver todo o perfume que ha nas rosas ;

morrendo, um dia, sob os céos escampos,  
num castello com torres de turqueza,  
illuminado pelos pyrilampos...

## SOROR-SAUDADE

SEI dum claustro sombrio — azul morada  
que foi de voluptuosas borboletas —  
hoje uma ruina escura, abandonada  
num deserto de goivos e violetas . . .

Si a Noite, a negra sylphide encantada,  
vela das campas frias as silhuetas,  
vê-se, lá dentro, a solidão, pejada  
de roxas velas e de cruzes pretas.

Vê-se, dentro do claustro, todo em ruínas,  
uma visão, com lagrimas divinas,  
arrastando o sudario pelas portas :

é que Soror-Saudade, horas inteiras,  
monja de maguadissimas olheiras,  
passa rezando sobre as coisas mortas . . .

## DIOGENES LEIGO

NOVO Diogenes leigo, ando á cata dum homem:  
certo o mal de que soffro é o bem que ora procuro,  
pois as ancias de luz que meu sonho consomem,  
são frias decepções dum passo mal-seguro...

E chego ao por-de-sol do meu declinio obscuro,  
perguntando do mundo aos vicios que o carcomem,  
si na lama da Terra existe um homem puro,  
si o veneno do mundo ha boccas que o não tomem.

E o crepusculo chega; e a duvida desata,  
quando oscillo, ao pensar na morte, que vem perto,  
entre o lucto da treva e o sangue do arrebol;

e a lua silenciosa é a lampada de prata,  
com que a Noite, chorando estrellas no deserto,  
procura inutilmente o cadaver do sol...

## ALMA DE HAMLET

UM soliloquio de tristeza e de abandono,  
muitas vezes me ponho a pensar sobre a vida;  
e enquanto os olhos meus não se fecham de somno,  
eu de scismas ensombro a mente dolorida...

Canta o vento, lá fóra, as saudades do outomno...  
Cáe, como o lucto eterno, a noite, adormecida;  
e eu, na lida glacial da treva, reflexiono,  
philosophicamente, extranho á propria lida.

Olho o passado; busco e sondo o atro mysterio  
de eras immemoriaes, como quem procurasse  
riviver illusões, dentro dum cemiterio.

Alma de Hamlet, na dor destas horas de spleen,  
entre o dia que morre e a esperança que nasce,  
a duvida infinita acorda dentro em mim..

## TREVA

VAE-SE, com a luz do dia, a vida dos meus olhos...  
A alma queda em si mesma, o olhar morto a reduz,  
na angustia do meu ser, nos profundos refolhos,  
em que ficam sonhando os vislumbres da luz...

O somno entreabre um véo de plumas e de folhos,  
no ermo encanto da sombra, ante os meus olhos nus;  
e obriga-me a esquecer a doçura e os escolhos  
deste mundo cruel que me abysma e seduz.

E apaga-se, na treva, o aureo enlevo da côr,  
até que o dia volte aos meus olhos sem vida,  
quando a noite desfeita em brilhos d'alva fôr...

E enquanto a luz não volta e o espaço não transluz,  
debate-se o meu ser, numa angustia dorida,  
como Milton chorando a saudade da luz...

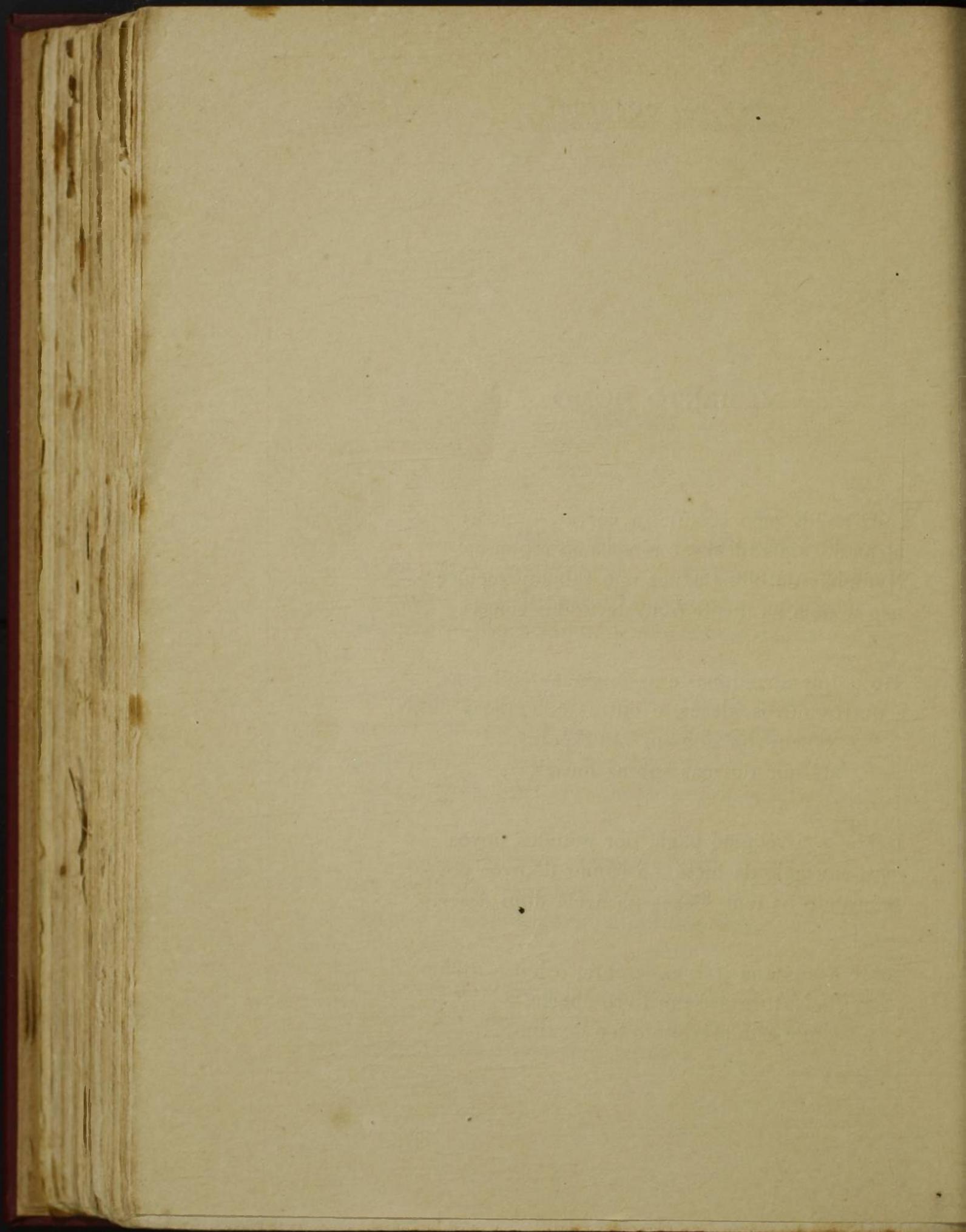
## MEMENTO, HOMO...

ANDASTE pelo bosque, a correr, noutras eras,  
atrás dos teus ideaes, e ainda não repousas.  
Nymphas de olhos azues não sabiam quem eras,  
não te doía na mente o mysterio das cousas.

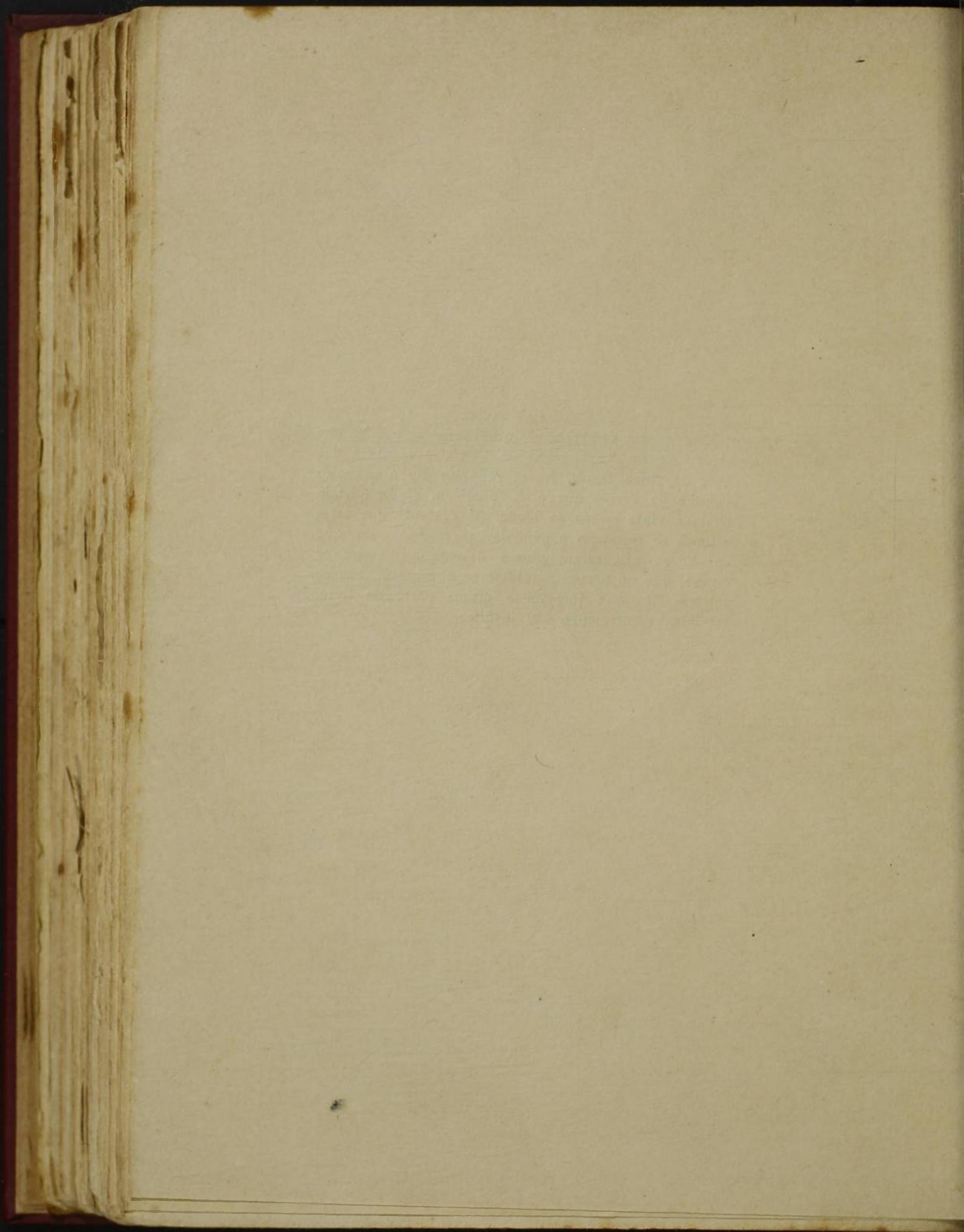
Hoje, que abandonaste as ingenuas chimeras,  
e outros novos ideaes, e outras conquistas ousas,  
o bem sonhado em vão esperas,  
até que durmas sob as lousas.

Deixaste a religião pagã, por mundos novos,  
mas, em meio da lucta, ao rumor doutros povos,  
semeando os teus ideaes na areia dum deserto,

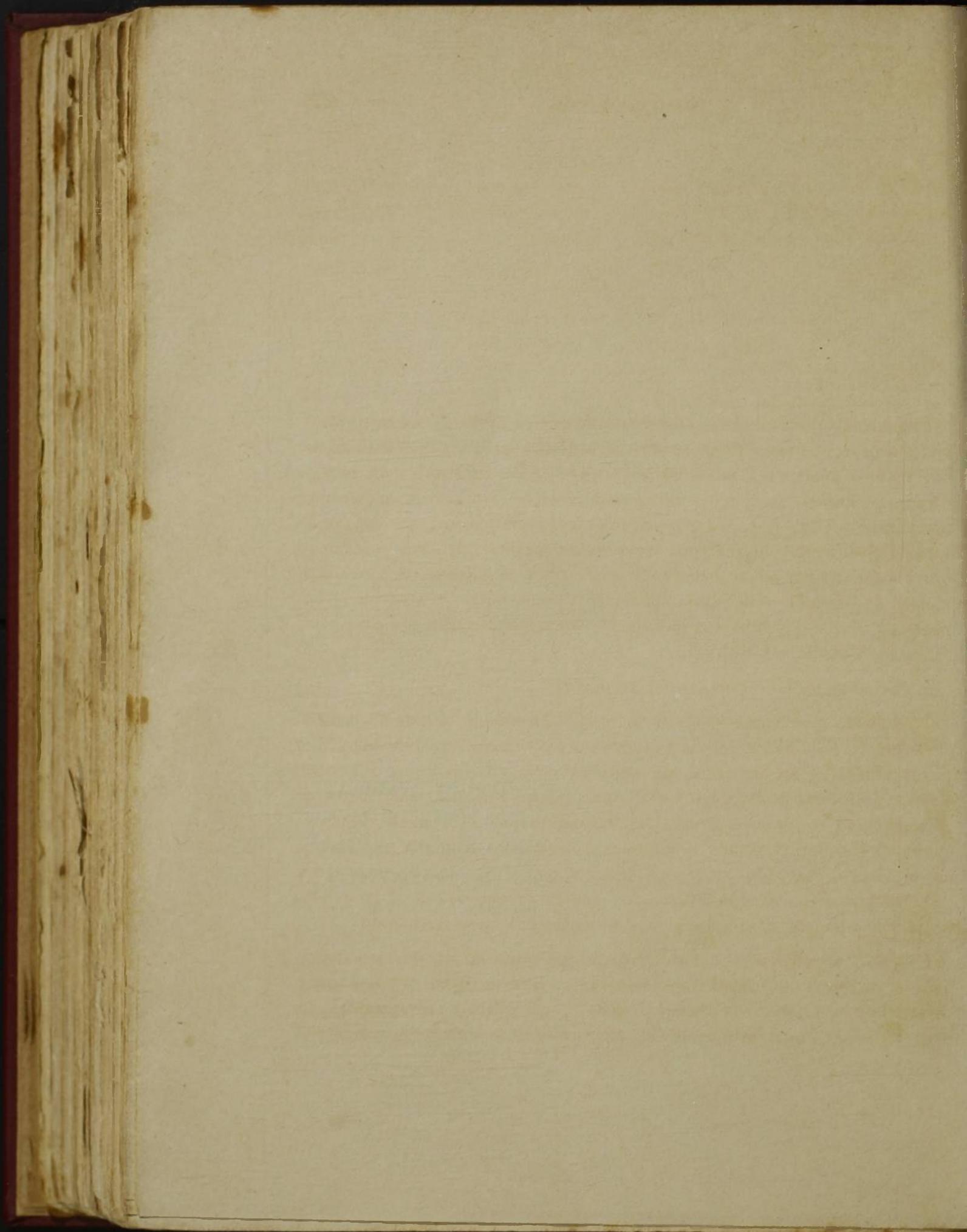
sobre a humana irrisão, lembra, ó louco divino:  
a Natureza é um livro aberto,  
onde está escripto o teu destino...



Este volume comprehende quasi todas as poesias que figuraram no "Evangelho de Pan", e algumas das que, ha cinco annos, foram reunidas em o primeiro volume de versos que o A. publicou, ainda quando contava vinte annos de idade. E' evidente que estas ultimas se resumem a pouquissimas composições, que ao A. se afiguraram menos desvaliosas. Todas as outras, que no presente volume se encontram, não se falando das que fórnam a ultima parte do livro, escripta recentemente, são inéditas.



ALGUNS JUIZOS CRI-  
TICOS SOBRE OS LIVROS  
"EVANGELHO DE PAN"  
E "DENTRO DA NOITE",  
DO MESMO AUTOR.



Paganismo e classicismo, observa um critico italiano, vieram caminhando passo a passo, flanco a flanco, a desbravar a espessa hostilidade dos tempos medievaes, na cruzada benemerita de substituir por formas diversas, rutilas e sadias, as raras manifestações de arte, quasi sempre macabras, ou mysticas, ou grosseiramente supersticiosas, que encontravam. Procuravam desannuiar das preoccupações lugubres o espirito humano. Tangiam-no a abeberar-se nas primitivas fontes, bellas e gloriosas, da Hellade e de Roma. Exhortavam os poetas a que interrompessem o canto das lithanias nas escuras naves dos conventos para reler Horacio, Virgilio e Catullo...

E reatou-se assim o culto pagão da Natureza.

E' debalde que Roma se torna a Capital do mundo christão. O christianismo teve de fazer concessões: ceremonias pagãs insinuavam-se disfarçadamente entre os ritos da religião nova. No povo, a transição desses deslocamentos se operou de uma fórmula tal que, pode dizer-se, o paganismo continuava a viver, metamorphoseado. A alma rude não apprehendia, naturalmente, distincções especialistas e subtis. Os santos, protectores do lar, dos campos, das colheitas, das luctas guerreiras, afiguravam-se-lhe reminiscencias dos deuses e semi-deuses, e com elles se iam aos poucos confundindo nas funcções que desempenhavam.

O que a incultura produzia na plebe, produzia a cultura nos escriptores e poetas. O classicismo resuscitou as divindades mythologicas. Resuscitou o espirito pantheistico, com a sua cohorte de nymphas, de musas, de satyros e faunos. Dahi, frequentemente, resultava um hybri-

dismo bizarro, as crenças christãs acotovelando imagens polytheisticas, Apollo, Marte, Neptuno, acamaradando-se na mesma pagina ou na mesma estancia com os apóstolos e thaumaturgos da fé catholica.

Até o seculo XIX nenhum escriptor conseguiu emancipar-se verdadeiramente desse dualismo inconsequente. Nenhum desses que alimentavam veleidades de ostentar qualidades ou tendencias gregas ou romanas, o conseguia perfeitamente, porque lhes faltava, diz Agresti (La filosofia nella leteratura moderna) "il concetto della giocondità della vita, della serena contemplazione della Natura".

Só no seculo XIX se constata o advento desse real espirito de paganismo. E varias são as suas modalidades, resultantes da variedade de indoles literarias, da variedade de culturas philosophicas e da variedade de ambiente.

O paganismo de Goethe, por exemplo, é uma concepção serena e calma da vida: a Natureza não lhe apparece (traduzimos quasi literalmente do autor citado) como uma criação destinada a um fim preestabelecido; e sim como um conjuncto de forças e de esforços que se entretecem, se accumulam, neutralizando-se alternativamente, destruindo-se ou renovando-se: indifferente, insensivel aos movimentos humanos, ora casualmente amiga, ora inimiga, mas sempre impavida, superior. O homem não é para Goethe sinão um objecto de pesquisas e observações, apenas mais curioso e complicado do que os demais que nos offerece a Natureza.

O paganismo de Schiller, filiado talvez ao de Goethe, já possui, porém, a serena tranquillidade, a olympica indifferença perante os casos da vida, onde a alegria e a dôr, o amor e o odio, se inscrevem apenas como motivos de analyse mais ou menos agradável.

Inspira-o, sim, uma aspiração anciosa para uma forma mais poetica de crenças, o desejo de libertar-se uma vez por todas da oppressiva, tetrica e obscura impressão da cathedral gothica, do constante pensamento da morte, da atroz ameaça de uma eternidade de castigos; e, arredadas todas essas obcessões, voltar-se aos ritos joviaes dos bosques e das flores, aos tempos cheios de luz e de fragancias, á adoração de Aphrodite, branca e risonha, fonte encantadora da alegria e da vida.

Para Swenburge, consistia o paganismo em ter na alma uma parte da consciencia grega, concebendo a moral como naquelles tempos maravilhosos, em que as raparigas podiam jogar o disco, no circo, inteiramente nuas, sem que o seu pudor, nem o dos seus concidadãos, se melindrassem. Para outros, como Keats, autor do "Endymion" e contemporaneo de Shelley, o paganismo se limita a uma enamorada contemplação da Natureza e dos phenomenos naturaes; não visa, de modo algum, o conceito profundo do sentido da vida, interpretada como uma representação qualquer de força e de belleza. E' um extase, nada mais.

Nessa ultima categoria é que poderemos enquadrar, sem que disso resulte absolutamente uma diminuição de seu merito, o novo livro de Cassiano Ricardo, "Evangelho de Pan".

O autor estreou-se, ha tres ou quatro annos, com um excellente livro de versos, "Dentro da Noite", já senhor de uma forma tersa e elegante, de copioso e preciso vocabulario. Increparam-lhe os criticos a sua tristeza, o seu pessimismo, como si isso até não fosse antes o cunho dos espiritos de escol, avessos a frivolidades e apparencias. O seu novo livro não é triste nem alegre. E' impassivel. Parnasiano? Naturista? Que importam classificações, quando o livro, pelo seu proprio titulo, está definindo as tendencias do poeta, o seu encantamento pantheistico, a sua luxuria visual!

Saudemos, sem outras preocupações secundarias, o artista do rythmo suave, das rimas melodiosas e virginaes, do vocabulo pomposo, cheio de sonoridades, cheio de evocadoras intenções, ora de antitheses felizes, ora de onomatopéas opportunas. Basta reconhecer-se o artista requintado, porém discreto e tranquillo, sem rastacuerismos exhibicionistas, sem tonitruancias jogralescas, como tantos outros que buscam por taes processos attrahir a admiração e impressionar os leitores.

O verso limpido, escoreito, sem alternativas obscuras, sem palavras superfluas que denunciam os hiatos da ideação e tornam hydropico o estylo de tantos escriptores, pode comparar-se á forma ondulante e ao mesmo tempo marmorea de Francisca Julia. As rimas alternam-se harmoniosamente, nas doze syllabas de cada alexandrino as vogaes

se succedem cantando como si uma desconhecida gamma musical entrasse em vigor.

Leiamos a primeira composição — “Bosque Sagrado”. Do conjuncto geral parece resultar o rumor das folhagens, o sussurro do vento, a mysteriosa linguagem das frondes e dos troncos. Não ha um só verso em que predomine uma unica vogal, monotonizante e insipida; assim como á successão das rimas preside igual criterio de novidade e euphonia.

Na segunda quadra, por exemplo:

E' a cupula do bosque, ao céu erguida e ao vento,  
cheio do morno effluvio em que o zephyro a esfolha,  
quando o outomno, a tingir os fructos de ouro e argento,  
fecunda o chão bravio e em seiva as folhas molha.

Observe-se a felicidade com que se succedem as vogaes, como que obedecendo a ordem natural da sua pronuncia. Nessa quadra falta quasi por completo o *a* e é sobre os tons das outras quatro que a symphonia se desenvolve, grave, em variações ascendentes, dando a impressão de que se está a ouvir um trecho descriptivo das rhapsodias de Liszt.

O bosque é o templo em que o poeta desejaria entoar os seus hymnos e orações:

E assim, eu rezaria, ao sol, e ao luar, e ao vento,  
no culto em que consagro a Natureza e a vida;  
e, no templo de Pan, o meu fugaz lamento  
seria um grito humano em cathedral florida...

O seu pantheismo leva o poeta a sentir-se identificado com a Terra, com o mar, com todos os phenomenos da materia:

E que são os meus ais, e o meu choro, e o meu grito,  
sinão a voz do mundo a ecoar num grito humano,  
sinão o eco longinquo e obscuro em que repito  
os ruidos da tormenta e as revoltas do oceano?

Uma exposição de cuidadas e luminosas telas são as paginas successivas do formoso livro. O culto de Pan é um pretexto ao começo para encantadoras miniaturas, quadros da mythologia, episodios da lenda do deus capripede. Descrevendo a correria do lubrico silvano em pós das nymphas, ou o seu idyllio com Syrinx, ou a bachanal e o baile das dryadas, ou finalmente a morte de Pan, Cassiano Ricardo é um pintor exímio, movimentando em scenas prodigiosamente vividas as mais lindas côres da sua palheta.

Julgue o leitor por este soneto:

Quando, ao fim da corrida, o deus pagão procura,  
olhos em febre, mãos em sangue, o vulto presto  
que lhe foge, descendo os valles e a planura,  
e que mais o agonia aquelle amor funesto.

Syrinx, quasi nas mãos de Pan, que a mais um gesto,  
brutalmente divino, a teria segura,  
num desespero hostile, desviando o corpo lesto,  
Syrinx, quasi nas mãos de Pan, se transfigura!

Transfigura-se em planta; e, o silvano, que a implóra,  
no aneio de exprimir a tortura que o invade,  
cortou-a e della fez uma avena sonora.

Certo foi quando Pan, na mysteriosa canna,  
cantou o seu ideal perdido, que a saudade  
começou de existir, divinamente humana...

Os nossos maiores poetas se desvaneceriam de assignar este lindo soneto. E' perfeito. Não tem rebuscamentos, não tem artificio, e vae conduzindo a emoção por uma escala ascendente, até fechar com verdadeira chave de ouro.

A devoção á Terra suggere-lhe conceitos ás vezes pessimistas, ás vezes entusiasticos, porém sempre elevados. Eis o terceto final do primeiro soneto:

Por isso ando a orvalhar com lagrimas teus fossos,  
como que procurando o piedoso recanto  
que ha-de guardar um dia a cinza dos meus ossos...

A exposição é agora de suaves e melancolicas paizagens, o rio, a montanha, a gruta, a arvore, a mata virgem, uma lagoa morta. Depois da flora, a fauna.

E vemos deliciosas aguas-fortes da aguia, da abelha, da cigarra, do gato, da rã, do caracol, do vagalume, da aranha, da mariposa, da garça... São themes já muito explorados, não ha duvida, mas por isso mesmo tanto maior a gloria de quem os sabe tratar com encanto novo, como o joven poeta paulista.

Destaquemos, para mostral-a ao leitor, uma dessas telas:

#### PROCELLARIA

Quando, ao furor das ondas, a procella,  
demente negra, em colera, desata,  
no céo, a grenha espessa, e o espaço estrella  
de coriscos, coroando o mar de prata;

Vens afrontar o oceano! Treme a vela  
da nave afoita; é o vento que arrebatá,  
em gloria, a vaga espumea; e assim, sobre ella,  
chora a tormenta, em lurida cascata...

Amas o oceano em furia! Amas a lucta!  
Voas sobre os parceis do sorvedouro,  
que o relampago aclara e a treva enlucta!

E abres as pennas, sobre o abysmo, ufana,  
como a Esperança, que abre as azas de ouro,  
nas tempestades negras da alma humana...

E' uma peça magistral. Não ficam, ahi, porém, as bellezas do livro. As duas ultimas partes, "Symphonia das Ondas" e "Visão de Olympto" são duas outras secções deslumbrantes dessa encantadora exposição de paizagens. O poeta tem o dom admiravel de evocar as cores, por um effeito curioso da propria suggestão das vogaes. Aliás Arthur Rimboud já attribue sons e cores a essas cinco letras. Não é, porém, nessa magica evocação que está o seu maior merito, e sim na correlação psychica, que estabelece sempre com rara felicidade.

Basta, para um exemplo, a primeira quadra da "Concha":

Micro-vivenda humilde, a concha a voz do oceano,  
num sussurro immortal, e o eco das ondas guarda,  
como em restos esconde o coração humano,  
de um passado longinquo a voz funerea a tarda...

Note-se ao mesmo a orquestração majestosa, imponente, desses versos, interpretando até musicalmente as imagens que desenrolam!

Não hesitamos em affirmar que Cassiano Ricardo vem conquistar, com este primoroso poema, um lugar de destaque na primeira linha dos poetas brasileiros.

VEIGA MIRANDA.

A expressão é por vezes elegante, e os versos lhe saem, de quando em quando, marmoreamente bellos:

E aos longes do horizonte, á luz crepuscular,  
o azul do céu e o azul do oceano se confundem,  
como um naufragio azul do céu dentro do mar!

Neste final de soneto está, a nosso ver, perfeitamente desenhado um pôr-de-sol, tendo a gente diante de si o mar immenso, immensamente azul, a confundir-se, ao longe, onde a vista se perde e mal distingue, com uma nesga do céu, transparentemente bella e bellamente escampa.

ARISTÊO SEIXAS.

Este seu novo livro, em que canta e exalta a natureza em tudo o que tem ella de mais bello na terra, no mar e no céu, é um livro brilhante, bem pensado e bem vivido, que dignifica o seu autor e que póde ser collocado entre os melhores de quantos tem produzido a poesia paulista.

Cassiano Ricardo é um fino pantheista. A sua alma, que se fecha egoisticamente comsigo ante a graça feminina, jamais trahindo os sentimentos de amor, abre-se toda em hymnos, transformando-se em estrophes fulgurantes ante os primores da natureza bruta.

NUTO SANT'ANNA.

... Agora, deixe-me dizer-lhe quanto apreciei, quanto admirei e quanto o felicito pelo admiravel "Evangelho" que teve a bondade de me enviar. Não conheço, nestes ultimos tempos, — não obstante a grande fecundidade literaria que os caracteriza — outro livro comparavel ao seu, e posso affirmar que nenhum ha que se lhe avante.

O autor do "Evangelho" possui uma feição de dizer as coisas que é exclusivamente sua. Tudo é magnifico, ali: a rima, o vocabulo, a idéia, o rythmo. Para mim, o "Monologo da Rã" é uma verdadeira obra-prima.

Trata-se dum grande, dum perfeito artista do verso.

LUIZ GUIMARÃES, filho.

(Da Academia Brasileira)

... Tem-nos deliciado immenso a leitura do "Evangelho de Pan", trabalho tão bem pensado, tão honesta e superiormente executado. Para formares uma idéa do quanto nos encantou o livro, quizeramos aqui reproduzir os versos que nos agradaram; mas, com pezar não o fazemos, porque todos elles são bellos e magnificos, havendo muita perola engrazada na formosura da tua arte. Aceita, brilhante poeta, num duplo abraço de admiração, a nossa mais sincera homenagem; aceita ainda, a titulo de contrapeso, os nossos corações: porque tudo é pouco deante do teu real e subido merecimento.

AGENOR SILVEIRA.

MARTINS FONTES.

Os seus versos, os seus maravilhosos versos, proporcionaram-me um goso raro: o goso da arte pura, da arte emotiva, da arte verdadeira. Deixo-lhe, nestes vocabulos, o transbordo do entusiasmo que me inunda a alma pelo seu estro singular, nestes dias em que se indetermina o numero dos falsificadores da arte poetica.

GILKA DA COSTA M. MACHADO.

Acabo de volver a derradeira pagina do "Evangelho de Pan". Já agora, não através alheios julgares, mas segundo o meu proprio sentir,

posso dizer da obra e do poeta. Este, em synthese, é um estheta de raça, que logo se revela ás primeiras estrophes, no engastar das rimas opulentas, na selecção dos metros elegantes, no seguro versar dos themas classicos. Aquella é a demonstração, em quasi duzentas paginas, de tão sobreexcellentes dotes artisticos.

Será o pantheismo do autor uma convicção philosophica bem raciocinada e profundamente radicada? Ou antes mera attitude literaria, formoso pretexto para a urdidura de tão lindos versos? Acaso desacerto, abraçando a ultima hypothese. Seja como for, quem escreve paginas assim é lidimo estheta, e será sempre fino goso intellectual conhecer-lhe as inspiradas producções.

JONATHAS SERRANO.

... do formoso livro "Evangelho de Pan" e a gentilissima dedicatória do volume, sobre o peregrino engenho poetico de cujo autor subscrevo os justos juizos de Osorio Duque-Estrada, Wenceslau de Queiroz e Olavo Bilac.

CONDE DE AFFONSO CELSO.  
(Da Academia Brasileira)

O seu livro é encantador. Soube que o A. do "Evangelho" é muito joven, e acho admiravel como, na sua idade, conseguiu dar á sua arte tanto apuro e perfeição. Muitas das suas composições podiam ser assignadas pelos maiores dos nossos poetas.

Li o "Evangelho de Pan" muitas vezes, e em cada nova leitura encontrava novo encanto.

FRANCISCA JULIA.

... o "Evangelho de Pan" onde me delicieei por bons momentos, sentindo quanto é inspiradora a opulencia da Natureza, assim coada com fina arte através da formosura dos versos de um verdadeiro poeta de talento.

REYNALDO PORCHAT.

... o seu "Evangelho de Pan", onde ha tanta promessa eloquente.

ALFREDO PUJOL.  
(Da Academia Brasileira)

... livro invulgar, em que encontro ousadias de ideação e pureza de expressão, livro de artista compenetrado em quem a sonoridade do verbalista quente e a serenidade do esculptor grave não prejudicam a ternura encantada do verdadeiro poeta.

Não o estou lendo, aliás, pela primeira vez. Nem é de hoje o primeiro contacto da minha alma com a sua.

Na flora-nova paulistana sempre distingui a sua sumptuosidade parnasiana, e a luminosa ingenuidade de Guilherme de Almeida. Aqui, de longe, os acompanho e os reuno no mesmo ramilhete subjectivo em que tenho os Cyro Costa, os Menotti, os Gustavo Teixeira, os Amadeu e tantos outros ou, para melhor dizer, e tão poucos outros.

No seu "Evangelho" ha signaes nitidos de ouro, myrrha e incenso. E a pyra de que esse espirala, é lavrada por mestre. Ahi ha permanentemente a chamma votiva e o perfume sagrado. A Natureza é a cathedral. Eu fecho os olhos e escuto a

ruda flauta de Pan, doce tuba sonora,

cujo gorgueio ainda

soluça e freme como outr'ora.

Do seu "Evangelho" já tenho lido no registro dos jornaes as referencias mais bellas e mais justas. O meu applauso deve chegar tardio. Mas, sabe o illustre confrade, a sinceridade não tem chronometro...

HERMES-FONTES.

O livro de poezias do Sr. Cassiano Ricardo — "Evangelho de Pan" é dos melhores que se têm publicado ultimamente. O autor sabe fazer versos excellentes, exprimir ideias nobres e elevadas.

Si ha uma restricção aos grandes elogios que seus versos merecem é a de uma certa frieza, que reina em quasi todo o volume. Esses versos, calmos, bem feitos, cuidadosamente cinzelados, não parecem vibrar intensamente. O facto provém talvez da escolha dos assumptos.

Não ha em todo o volume uma só poesia de amor.

Parece que o anno corrente é o dos poetas não amorosos. Já em "Zoodiaco" o Sr. Da Costa e Silva nos dera um livro deste genero.

Sem duvida, embora o amor seja, no fim de contas, a unica coisa seria do mundo, numerosos poetas abusam disso, para nos dizer banalidades. Quando, porém, alguém o quer deixar de lado, precisa transferir para o que canta o mesmo ardor que o amor inspira habitualmente.

Não ha uma simples phrase, com pretensões a espirituosa, em dizer que o Amor é a unica coisa séria do mundo. Todos os que estão vivos provam, por esse simples facto, que as cadeias muitas vezes millenares dos seus innumerados ascendentes, variando, embora, em todos os outros sentimentos, só em um estavam de accôrdo: na excellencia do amor.

Neste momento, o mundo inteiro vibra de horror diante de uma guerra sem precedentes, inexcedivel na sua grandeza. Mas, a sua grandeza vem exactamente de que ella interrompe a tranquillidade dos lares, a possibilidade do amor calmo e sereno de milhões de homens e todo o seu immenso esforço é para constituir uma sociedade nova, em que o homem tenha o direito de amar livremente, tranquillamente. Pode-se, portanto, crear para o julgamento de todas as outras cousas um estalão de amor. E', como diria um mathematico, em "função do amor" — do amor que perturbam, consentem, preparam, ou animam, — que todos os outros sentimentos humanos devem ser julgados.

Cantar directa e unicamente aquella emoção fundamental do espirito humano pode parecer estreito, por que é não revelar que se comprehendem todas as suas irradiações. Mas eliminá-lo completamente constitue talvez um erro maior.

Por que motivo cantar somente rios e regatos e não cantar o grande oceano para o qual todos elles correm — o grande oceano, de cujas aguas evaporadas, condensadas e cahidas de novo sobre a terra, se formam todos esses cursos de agua?

O Sr. Cassiano Ricardo antes parece um ourives, attento em tomar com delicadas pinças esta ou aquella pedra preciosa, e em inseril-a na joia que está compondo.

A primeira parte do volume, embora dividida em varias poesias, é um poemeto sobre a lendaria morte do deus Pan. O autor conta isso com grande belleza (não se dirá: com grande fidelidade) mas, como o assumpto não é prodigiosamente emocionante, lamenta-se todo o esforço artistico despendido para a composição dessa parte do livro.

Plutarco narrou a historia de um piloto egypcio, chamado Thamuz, que, passando perto da ilha de Paxos, ouviu uma voz dizer que o grande Pan tinha morrido.

O maior merito de Pan, nos tempos modernos, é o de fornecer um prefixo para as doutrinas que pretendem ser universaes, como, por exemplo, o *panamreicanismo*, o *pangermanismo*, o *panslawismo*, a *pan-spermia*, o *pansexualismo* de Freud e outros. Pan, na mythologia greco-romana, era um deus inferior, de ascendencia meio-humana, meio-divina, e os deuses dessa especie morriam sem muita difficuldade. Hoje se acredita aliás que o piloto egypcio deve ter confundido o que ouviu. A morte que se annunciava era a de Adonis, cujo nome syrio, Thamuz, o piloto confundiu com o seu proprio. Todos os annos se annunciava a morte de Thamuz, em um rito, tão previsto e regular, como o que na sexta-feira santa catholica faz anunciar a morte de Christo.

Mas, tudo isso não tem importancia alguma. Pouco a pouco, uma tradição poetica foi fazendo de Pan a incarnação da Natureza.

Pois que, entretanto, Cassiano Ricardo quer nos contar a lenda da morte de Pan, valia a pena ser fiel.

Em certo ponto, elle diz:

Thamo era um pobre pescador de pérolas.

Por que Thamo, em vez de Thamuz? Thamuz era, aliás, não um pescador, mas um piloto egypcio.

O nome Thamuz era muito vulgar no Egypto. Reinach suppõe que o piloto passava por perto da ilha de Paxos, quando os adeptos da reli-

gião de Adonis clamavam a fórmula ritual: Thamuz, Thamuz, Thamuz, o Muito Grande, morreu.”

Como elle, piloto, tinha o mesmo nome, acreditou que era alguém que o chamava para dizer que “o Muito Grande” tinha morrido. E entendeu que “o Muito Grande” era Pan.

A explicação de Reinach é engenhosa. Elle a expoz longamente, com a sua habitual erudição.

Mas, no fim de contas, como todas essas historias mythologicas são velhas e frias, destituídas de interesse! Sente-se isso bem, vendo que nem os versos de Cassiano Ricardo, tão bons, tão artisticamente feitos, conseguem abalar-nos ou commover-nos. A historia daquellas mulheres perseguidas, que se transformam em plantas ou animaes, historias que enchem a mythologia greco-romana, não tem nem grandeza nem belleza de outro genero. O mais que se póde fazer com assumptos taes, são composições leves e graciosas. E’ o que ha no “Evangelho de Pan”.

O poeta, narrando a historia de Syrinx, a nympha que se transformou em caniços de que Pan fez a sua primeira flauta, canta esta ultima :

Ruda flauta de Pan, doce tuba sonora,  
inda hoje, sobre a Terra, o teu eco perdura,  
teu gorgueio soluça e freme, como outr’ora  
fremia e soluçava á divina tortura...

Freme no acre rumor das fanfarras da Aurora,  
nas surdinas do vento, entre a floresta escura,  
soluça no fragor das cascatas, e chora  
na voz da Natureza, em languida doçura.

Na musica do mar, no rugido profundo  
das feras, no chorar noctambulo do vento,  
no sonoro clamor phantastico do mundo,

em tudo o que hoje chora ou canta, ao nosso ouvido,  
ha um eco universal do barbaro lamento  
com que Pan celebrou o seu ideal perdido!

São versos de poeta, de bom e de grande poeta, justamente cuidadoso da fórmula. Vê-se que elle evita as rimas vulgares, sem, entretanto, che-

gar a extravagancias de pensamento, com o fim unico de empregar consoantes rarissimas.

Só num ponto talvez, em outro soneto, elle teve um deslize, rimando *arcáde* com *saudade*, quando a bôa prosodia é *árcade*.

O soneto "Oasis" verde" é dos mais bonitos:

Ha um longinquo paiz que ás vezes visitamos;  
extasia-se o olhar que os recantos lhe sonde,  
entre o suave frescor dos seus verdes recamos  
e a luxuria pagã que envolve cada fronde...

Essa é a patria encantada e longe, que sonhamos  
entre a poeira fugaz da lenda azul que a esconde;  
oasis que nos estende a sombra dos seus ramos  
e ao grito do viandante estremece e responde...

Vós, que andaes a sonhar, pela existencia em fóra,  
esquecei, no passado, as illusões sepultas,  
ide á verde vivenda em que a Esperança móra.

Ide, mas não proveis dos fructos que colherdes,  
nesse reino feliz de esmeraldas occultas,  
nesse bosque outomnal, cheio de fructos verdes...

Falando de uma lagôa morta, com as suas aguas tristes e estagnadas, o poeta nos diz:

Hoje, quando se estrélla a noite, a noite escura  
do teu seio tambem se estrélla; e então acordas,  
de novo, reflectindo a luz, que vem da altura.

E ao léo de azul insomnia, a um cantochão de maguas,  
coaxam funéreamente as rãs nas tuas bordas,  
na illusão de estar vendo um céu dentro das aguas...

Toda uma parte do "Evangelho de Pan" — e ainda nisto o volume de Cassiano Ricardo lembra o de Da Costa e Silva — é consagrada a uma serie de animaes diversos: abelha, cigarra, rã, caracol, vagalume, aranha, mariposa, garça, gato...

Composições deste genero não dão a sensação de verdadeiras poesias. São teteias, são *bibelots poeticos*.

Em 1906, o governo francez deu o premio nacional de poesia a Abel Bounard, que no seu livro "Les Familiers" cantou a varejo toda ou quasi toda a arca de Noé. Até os mosquitos e o percevejo tiveram menções em verso!

Cassiano Ricardo não foi tão longe, e é justo consignar que para cada caso achou um pensamento original. Tratando da aguia, o que lhe acudiu foi a lucta entre o seu desejo de elevar-se e a fatalidade do peso que acaba sempre forçando-a a pousar:

Aguia! o mundo te prende, a altura te repéle!  
mas, não quedes, no exilio, alheia a tudo e imbelle,  
pois essa ancia de voar é que te faz divina.

Quando o azul te attrair de novo, sê mais forte:  
vôa levando ao céu a dôr que te domina,  
traze voltando ao mundo a redempção da morte...

A abelha, a procellaria, a cigarra, outros animaes ainda suggerem-lhe idéas graciosas ou interessantes. O caracól, com a casa ao dorso, faz com que elle sinta

o fardo de viver pesar-lhe sobre os hombros...

Para a aranha, elle achou este final de soneto:

E entre essa teia azul e a trama das orchideas,  
recorda-me o vae-vem do seu vulto macabro  
a alma humana, tecendo enredos e perfidias...

O gato, esse, tem toda uma vasta literatura em sua honra. Paradis de Moncrif escreveu a "Historia dos Gatos", que é interessantissima. Nella se encontra o celebre soneto á gata de Mme. de Lesdiquières, gata que morreu em plena mocidade, absolutamente virgem:

Que lui sert maintenant que, dedaigneuse et fière,  
jamais d'aucun matou, sur aucune gouttière,  
elle n'ait ecouté les amoureux regrets!

La Parque étend ses droits sur tout ce qui respire,  
et de ne rien aimer, tout le fruit qu'on retire  
c'est une triste vie et puis la mort après...

Baudelaire falou dos gatos em numerosas poesias:

Les amoureux fervents et les savants austères  
aiment également dans leur mûre saison  
les chats puissants et doux, orgueil de la maison,  
qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires.

Rollinat, nas suas "Nevroses" trouxe também o seu contingente de louvores aos gatos:

Panthère du foyer, tigre en miniature,  
tu me plais par ton vague et ton aménité,  
et je suis ton ami, car nulle créature  
n'a compris mieux que toi ma sombre étrangeté,  
panthère du foyer, tigre en miniature.

Até o grande e austero philosopho e historiador Taine, que tão poucas poesias fez, cantou igualmente a gloria dos gatos. Um dos seus sonetos começa por este quarteto:

Dans votre coeur tranquille et dans vos larges yeux,  
ô venerable chat la sagesse est innée;  
votre ronron sans fin près de la cheminée  
est l'écho bourdonnant d'un rêve harmonieux.

O poeta do "Evangelho de Pan" também se impressionou com o olhar dos gatos. Não foi, porém, a sabedoria e sim a felicidade que lhe pareceu descobrir nelles.

E em lhe ouvindo o rosnar, si um dia lh'o entenderdes,  
vereis quanto é feliz uma alma que se illude,  
vendo a vida através a côr de uns olhos verdes...

Não cabem aqui as citações dos sonetos sobre o caracol, a aranha e outros. Mas, para terminar com chave de ouro, talvez sirva este soneto á Noite:

Negra monja-divina! Eu te amo, quando desces,  
do teu claustro azulado abrindo a porta... Eu te amo!  
E's tu quem me abençoa, ouvindo as minhas preces,  
quando te pões a ouvir a dôr em que a alma inflammo.

E's tu que a Terra hostile semeias de aureas m'esses,  
pondo, com teu orvalho, um fructo, em cada ramo;  
e em cada flôr sequiosa uma lagrima esqueces,  
como em funda saudade o pranto que eu derramo...

Em teu luto é que choro a morte dos meus dias!  
certo ao termo fatal das minhas ancias quérulas,  
tu me virás fechar os olhos, com as mãos frias.

E então reza, por mim; que o fulgido estellarie  
é o teu rosario azul de estrellas ou de pérolas,  
e o Cruzeiro do Sul é a cruz do teu rosario...

Em todas as suas poesias o autor do "Evangelho de Pan" se affirma, não como uma promessa, mas como a realização já effectiva de um grande artista do verso.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

(Da Academia Brasileira).

...parecerá absurdo um salto fóra do tempo, para pregar a divulgação dos poetas gregos e defender os mythos hellenicos. Entretanto, não o é. Não o é porque, emquanto se chocam mil interesses de ordem pratica, surgem os jovens escriptores com esse sentimento de belleza e a religião da poesia grega — não disfarçada no impassibilismo parnasiano, mas viva e ardente. E Medeiros e Albuquerque, com as mesmas idéas de sempre e a rara qualidade do seu admiravel talento, deixa por momentos o combate politico e, fazendo justiça ao valor dos escriptores, nota ainda uma vez a frieza e o inutilidade dos deuses que morreram.

Um dos escriptores novos é Cassiano Ricardo, autor do "Evangelho de Pan", livro de grande emoção e de grande arte, e um dos mais bellos livros da nossa poesia. A idéa inicial, a fonte de tal obra, é a con-

cepção hellenica do semi-deus, symbolo da estuante força omnimoda da natureza. Como os grandes poetas pregos fizeram com os symbolos, acrescentando, modificando detalhes, dando-lhes mais ou menos expressões (vêde o "Prometheu" de Hesiodo a Eschylo; vêde os Atridas através dos tragicos) Cassiano Ricardo continuou, alargou, desenvolveu Pan, como Shelley o fez genialmente com o seu "Prometheu", como João de Barros com o seu "Anteu". Iso mostra apenas a riqueza infinita e eterna desses symbolos, capaz de ferir assim grandes intelligencias.

Medeiros, tão justo sempre com os contemporaneos, louva o Sr. Cassiano Ricardo. Mas, acha que o assumpto não é prodigiosamente emocionante, sendo, por consequencia, para lamentar o esforço dessa obra de arte, quando o maior merito de Pan é fornecer um prefixo para as doutrinas que pretendem ser universaes.

Nada mais corrosivo do que a logica familiar, a logica socratica de Medeiros. Elle diz as coisas menos possiveis com o ar de que nós já sabemos dellas, e como as diz com graça, os menos prevenidos saem a dizer que Pan é um prefixo, etc. Apenas, si o genio poetico não tivesse o poder da synthese para resumir num symbolo comprehensivel para toda a gente a força expansiva da natureza, si não houvesse antes Pan, senhor de toda a floresta, violador das amadryadas, perseguidor das nymphas, correndo, vivendo, rindo, expressão da Terra — não havia o prefixo tomado por todas as linguas para exprimir a mesma idéa. Como não haveria a metade das palavras actuaes, si não houvesse, antes, idéas ou formas de que essas palavras são signaes. Como grande parte da poesia e da sciencia contemporaneas, estariam falhas, si não usassem do vocabulario grego, onde as palavras eram expressões de idéas plasticamente realizadas.

Medeiros acha essas historias da mythologia destituidas de interesse. Como todos os gandes artistas desejariam crear uma dellas! Como são frias e sem interesse essas syntheses, para despertar o interesse eterno dos poetas e viver de tal modo que, quando os philosophos querem exprimir doutrinas com pretensões universaes, vão logo tomar do velho

Pan e pol-o a puxar a fieira do que pretendem, certos de que todas as almas adivinham as expressões do semi-deus em expansão — expansão, palavra que dentro della tem Pan...

Para as coisas immortaes é simples ser contemporaneo. Pan é tão contemporaneo como os aeroplanos. E nada mais emotivo do que um mytho que está em todas as conquistas e foi contemporaneo de outro mytho que a humanidade venceu, fazendo Icaro triumphar...

Em vão, porem, falariamos. Xenophanes de Colophon ha centenas de annos vociferava contra os deuses de Homero e de Hesiodo feitos á imagem do homem. Medeiros e Albuquerque, mestre illustre e irreductivel, acha-os frios e inuteis. Mas, de Xenophanes a Medeiros, todos os poetas repetiram esses deuses, porque estão nelles todos os sentimentos e aspirações da humanidade. E, depois de Medeiros, outros poetas continuarão agitando no symbolo a eternidade e o momento.

Ainda agora ahí está o Sr. Cassiano Ricardo. E está tambem a intelligencia lucianica do Sr. Teixeira Leite, um caso raro de sensibilidade, vendo as religiões como Plutarcho as via, e vivendo entre os symbolos dos reis, que podiam ter sido deuses. A guerra convulsiona a terra. Nós nos esphacelamos cordialmente. Os jornaes são sangue e dolo do começo ao fim. A mocidade pensa em Pan e na sua morte. Cassiano Ricardo em verso admiravel, torna-o actual. Teixeira Leite, no mysterio Apollo, faz correr a noticia da sua morte, para dar a nova era em Paulo de Tarso, prégando no Arco Corintho a expansão do céu sob a estatua de ouro de Apollo. Tudo se liga. Esses escriptores exprimem tambem a desillusão do instante, o terror da morte e a esperança do futuro.

Não conheço o poeta. Elle realizou uma bella obra. Conheço o prosador. Elle exprime uma fascinante figura de sentimento artistico. Ao primeiro eu pediria que continuasse a sentir assim as inuteis historias da mythologia. Ao segundo, eu faço votos para que, em vez de ver o Pão de Assucar ou a Torre Eiffel, veja o Acropole...

JOÃO DO RIO.

(Da Academia Brasileira)

Li-o e reli-o com intenso prazer. Para que repetir-lhe o que lhe têm dito sabedores e entendidos, com a autoridade que me falta? Mas, si não lhe for indifferente a estima intellectual de leigos como eu, si entender que a verdadeira poesia não é a que fala tão somente á intelligencia e ao coração de uma elite, si considera a arte “o traductor maravilhoso e fiel de uma porção de idéas” que luctam dentro das almas “sem forma ou expressão” para servir-me das palavras de Machado de Assis — accrescente aos muitos louovres que tem recebido o testemunho de minha admiração.

ALCANTARA MACHADO.

Quem compõe sonetos como o *Céo e mar*, *A cegonha*, *Occhi tristi*, *Canto de sereia*, *A uma concha*, *Jornada perdida*, *Louco!*; quem firma composições como a que abre a *Visão do Poente*, cuja estrophe quarta é bellissima, póde considerar-se um artista de raça, merecedor dos mais francos applausos.

ARMANDO PRADO.

... Recebi, li, e reli, com o mais vivo prazer, o lindo livro “Dentro da Noite”, de Cassiano Ricardo. E’ um livro de verdadeiro poeta, ardente e correcto. Alguns sonetos do “Dentro da Noite” serão guardados e decorados por muitos amadores da boa poesia.

OLAVO BILAC.

(Da Academia Brasileira)

Ha por ali muita gente, que blazona de poeta e forceja por merecer o epitheto de escriptor sem que possua, no emtanto, em toda a sua bagagem de frivolidades mal amanhadas, um unico soneto que possa decentemente hombrear com esse. “Dentro da Noite” é, pois, uma promess bastante auspiciosa e francamente merecedora de applausos.

OSORIO DUQUE-ESTRADA.

(Da Academia Brasileira)

Cassiano Ricardo, ao que sei, é muito joven ainda e, por isso mesmo, ainda mais despertou a minha admiração pelo seu talento poetico, que alvoreja com tão ricas promessas.

Versos ha no seu livro que muitos poetas de nomeada ainda não os fizeram tão suggestivos e tão espontaneos, tão fluentes e tão bellos, já no que respeita a sua eurythmia e á exactidão lithurgica de sua factura, já no que concerne á sua ideação sentimental e á sua delicada esthesia de franco naturista.

WENCESLAU DE QUEIROZ.

... Eu escrevi, atraz, que Cassiano Ricardo rehabilitava Pan. E, todavia, o autor do "Evangelho de Pan" não pensou, certamente, numa rehabilitação. Limitou-se a ser um invejavel historiador da vida e feitos do filho de Penelope — um historiador á maneira moderna, com preocupações de psychologia e de mesologia, que sabiamente mistura a verdade á ficção, que semeia a narrativa dos pequenos episodios que a esclarecem e illuminam, que antes de movimentar o seu personagem procura collocar-o dentro da Realidade palpitante, traçando em largas e seguras pinceladas o meio physico, o ambiente, as tonalidades do céu e da terra, tudo quanto explica e interpreta Pan á luz da nossa humanidade. Cassiano Ricardo foi o Michelet de Pan — um Michelet em alexandrinos, com menos erudição e mais ternura que o illustre e perseguido professor do Collegio de França.

Mas, não se vá pensar que o moço poeta, nesta biblia pantheista, tão excelsamente pensada e moldada em suaves rimas, seja verdadeiramente um Michelet, de testa esquinada, oculos immensos sobre um immenso nariz, de coração secco e frio, esgaravatando a Historia com paciencia, com methodo, com minuciosidade, sabendo a arte de contar, mas privado da faculdade de sentir. O que mais impressiona em Cassiano Ricardo é justamente a sinceridade emotiva, que não collide com a perfeição do cinzelador. Os seus versos, como o seu sentimento, não têm o brilho fugaz das joias falsas, tão differentes das que jorram da Natureza, na inimitavel e duradoura scintillação das facetas. A faculdade da emoção é cada vez mais rara, nestes nossos tempos de retortas, de alambiques

e de analyses. Os factos mais impressionantes passam sem transição do objectivo do sentimento para o subjectivo do raciocínio. Ha um universal deficit de sensibilidade, existindo embora um excesso de artificial pieguismo.

Ora, no autor do "Evangelho de Pan" o poder de sentir é vivo, é forte, é completo. Sem esse poder, a resurreição de Pan seria ridicula; com elle, ficou humana, dentro das realidades da nossa imaginação e dentro da capacidade da nossa emoção.

Quanto á forma do "Evangelho", ella é tão plastil e ao mesmo tempo tão solida como a dos metaes nobres trabalhados pelo fogo, que á rubra chamma revelam logo a ductilidade, sem se despossuirem da resistencia. A melhor impressão que della possa ter é que, não me accusando a consciencia de ter jamais passado os olhos além da terceira pagina dos volumes de versos que todos os dias affloram nas bancas das gazetas e nas vitrinas dos livreiros (e ahi amarellecem, em majestosa solidão, até que uma camada de pó sepulta as suas immaculadas paginas no lixo) li até ao fim, dum só jacto, e co mum prazer incessantemente renovado, o "Evangelho de Pan", e lamentei, chegado ao termo, que a inspiração do poeta amavel assim fosse tão escassa na quantidade quanto era grande e profunda na qualidade.

GOMES DOS SANTOS.

... livro que me veiu revelar um excellente poeta, cheio de inspiração e de talento.

GARCIA REDONDO.  
(Da Academia Brasileira)

Obras do mesmo autor:

"Dentro da Noite" (esgottado) 1915.

"Evangelho de Pan" (esgottado) 1917.

Em preparo:

"Atalanta".

# INDICE

## TEMPLO FLORIDO

	PAG.
Tem a selva florida, em seu encanto, o aspecto . . . . .	7
Reza pagã . . . . .	10
Tumulto e silencio . . . . .	11
Semeia, e colherás . . . . .	12

## A LENDA DE PAN

	PAG.
A historia do deus Pan, da Grecia antiga a lenda . . . . .	17
Pan e Syrinx . . . . .	21
O ideal de Pan . . . . .	22
A flauta de Pan . . . . .	24
Soliloquio do fauno . . . . .	25
A visita de Selene . . . . .	27
Bacchanal. . . . .	30
O baile das Dryadas . . . . .	32
Miserére . . . . .	33
Symphonia selvagem . . . . .	34
Fontes e rios . . . . .	38

## A MORTE DE PAN

	PAG.
Thamo. . . . .	41
Pan morreu. . . . .	43

## O CULTO DA TERRA

	PAG.
Creio em ti, mãe commum dos sêres, Terra de ouro . . . . .	53
Nupcias da Terra . . . . .	54
Oasis verde . . . . .	55
Eden obscuro . . . . .	56
A montanha. . . . .	57
A voz da Pythia . . . . .	61
O rio . . . . .	62
A cascata. . . . .	65
Lagoa morta. . . . .	66
O remanso . . . . .	67
Oração á pedra. . . . .	68
A esphinge verde . . . . .	70
A gruta . . . . .	71
A queda do Olympo . . . . .	75
Oração á Natureza . . . . .	76

## JARDIM DAS HESPÉRIDES

	PAG.
Busco, em vão, entreabrir as tuas portas, Eden . . . . .	89
Historia de uma arvore . . . . .	90
A flor do gelo . . . . .	93
Sandalo . . . . .	94
Magnolia . . . . .	96
Jardim de rosas . . . . .	96
Matta Virgem . . . . .	97
Papoula . . . . .	98
Dionea muscipula . . . . .	99
Camelia . . . . .	100
Náiade . . . . .	101
Oração da palmeira . . . . .	103
Sacrificio e recompensa . . . . .	103
O sangue da terra . . . . .	104

Sonho pagão. . . . .	105
O espelho maldito. . . . .	108

## A VOZ DO SÊRES

	PAG.
Andorinhas . . . . .	115
O drama das selvas . . . . .	116
Vaidade de um pavão . . . . .	117
Aguia real . . . . .	118
Condor . . . . .	119
A ultima abelha . . . . .	120
Philosophia de um sapo . . . . .	121
Procellaria . . . . .	124
Scismas de um gato . . . . .	125
A morte da cigarra . . . . .	126
Mariposa . . . . .	128
Borboleta . . . . .	129
Monologo da rã . . . . .	130
O ultimo cysne . . . . .	131
Canto de morte . . . . .	134
Caracol . . . . .	135
A cegonha . . . . .	136
O canto do cysne . . . . .	137
Teia de aranha . . . . .	138

## SYMPHONIA DAS ONDAS

	PAG.
Hymno ao mar . . . . .	143
Nereida . . . . .	149
O canto da sereia . . . . .	150
A estrella do mar. . . . .	153
A uma concha . . . . .	154
Gênese da pérola . . . . .	155

## VISÃO DO OLYMPO

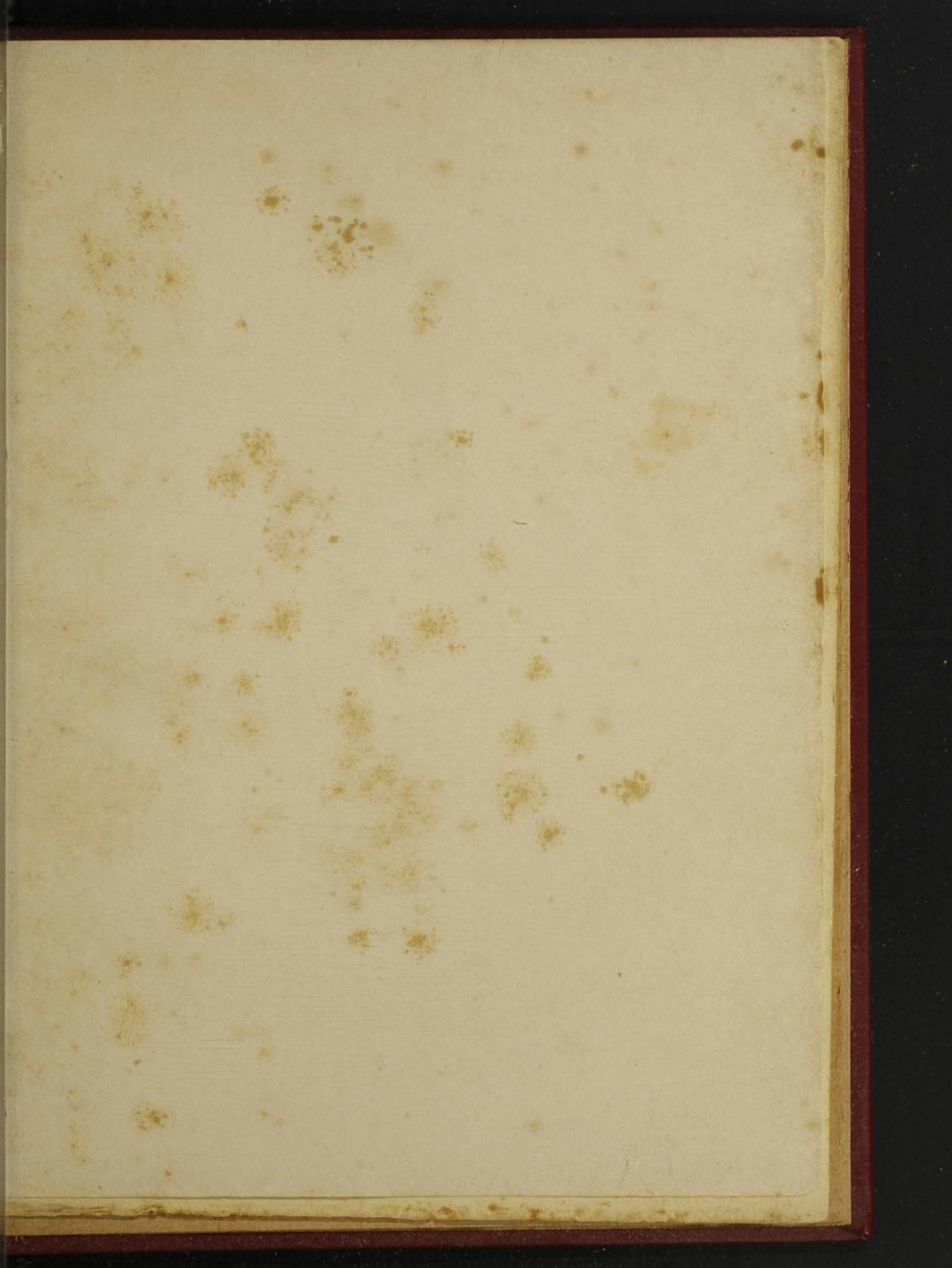
	PAG.
A' hora do crepusculo . . . . .	161
Hymno á tarde. . . . .	164
A estrella da tarde . . . . .	165
Oração á lua . . . . .	166
Céo e mar . . . . .	168
Hymno á noite . . . . .	169
Meia - lua . . . . .	170
Nocturno. . . . .	173
Soror Somnambula . . . . .	173
Estrella cadente. . . . .	176
A morte da estrella . . . . .	177
Estrella d'alva . . . . .	178
Oração do silêncio . . . . .	179
Oração á morte . . . . .	182
Hymno ao sol. . . . .	184

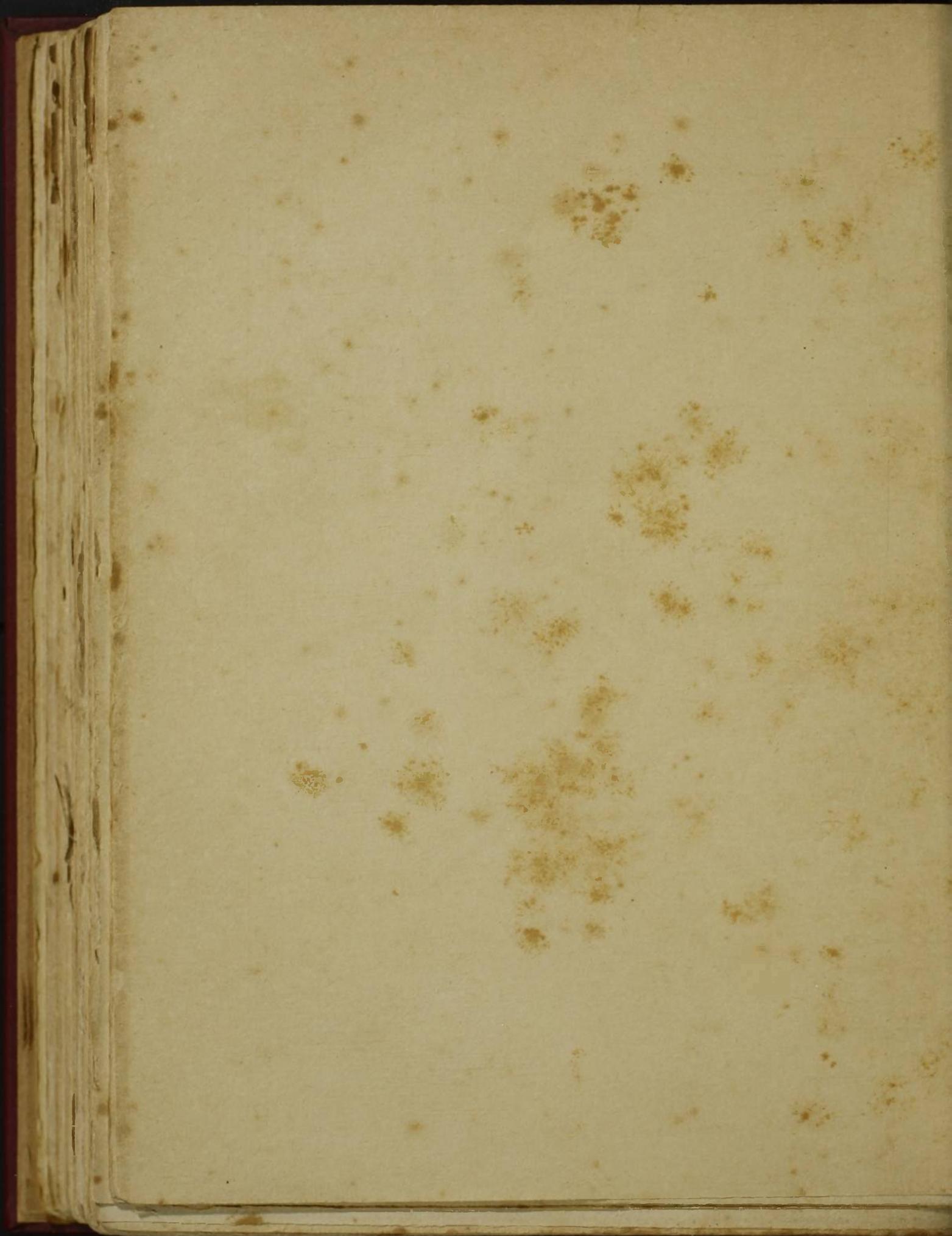
## MICROCOSMO

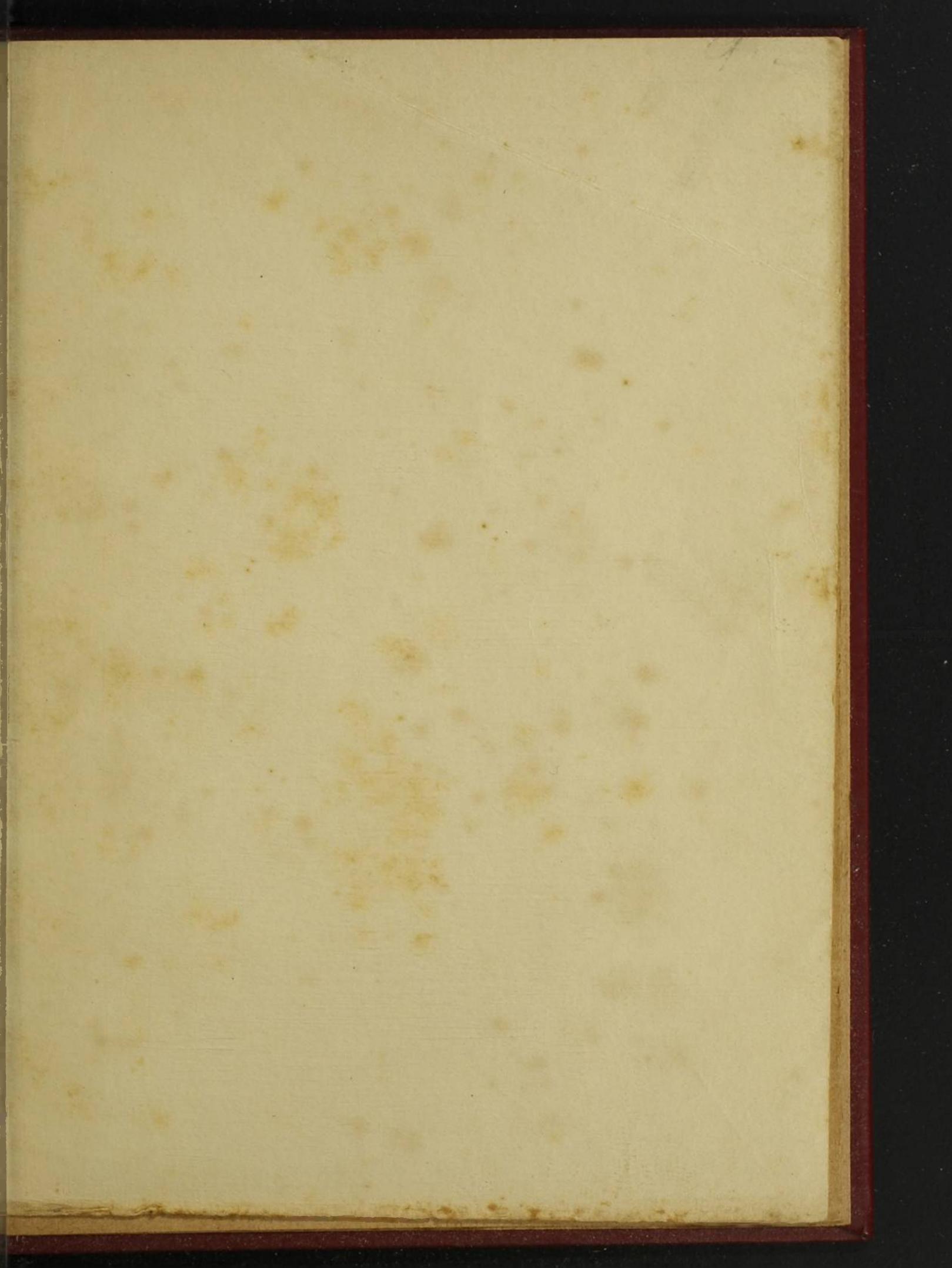
	PAG.
Homem, synthese viva, em que tudo se espelha . . . . .	191
Homo sapiens . . . . .	193
Em caminho de Thebas . . . . .	194
Eden perdido . . . . .	195
Vozes na sombra . . . . .	196
Na sombra da dúvida . . . . .	197
Diante do mundo . . . . .	198
Tentação . . . . .	199
Ædipo e a esphinge . . . . .	200
A maldade do mundo . . . . .	201
Atalanta . . . . .	202
Destino commum . . . . .	206
A nudez da verdade. . . . .	208

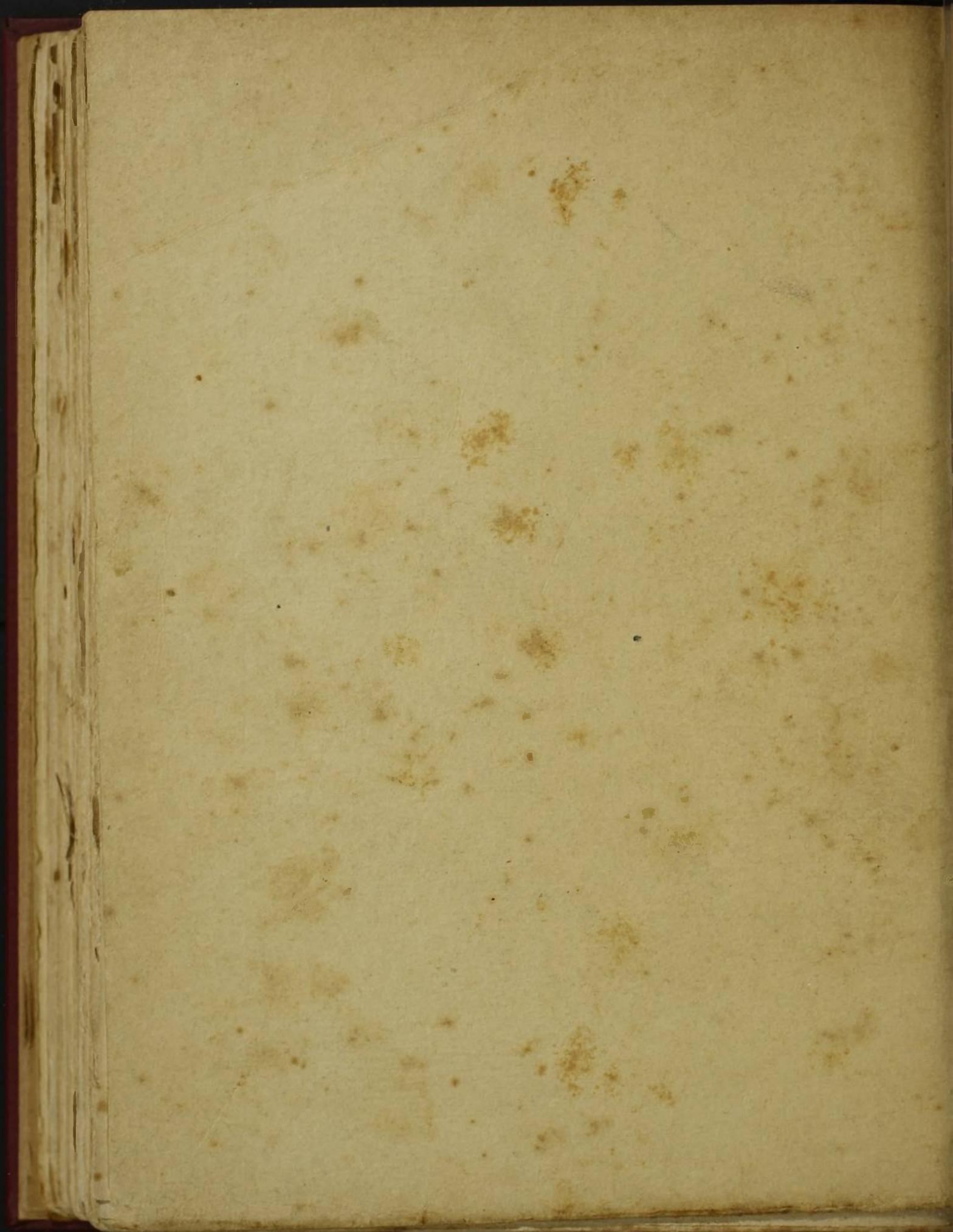
Odio . . . . .	209
Superstição . . . . .	210
Marcha-funebre de Chopin. . . . .	212
Ouvindo um violino . . . . .	213
Poeira. . . . .	214
A esperança . . . . .	215
Castello azul . . . . .	216
Soror Saudade . . . . .	217
Diogenes leigo . . . . .	218
Alma de Hamlet . . . . .	219
Treva . . . . .	220
Memento, homo. . . . .	221
Alguns juizos criticos . . . . .	225



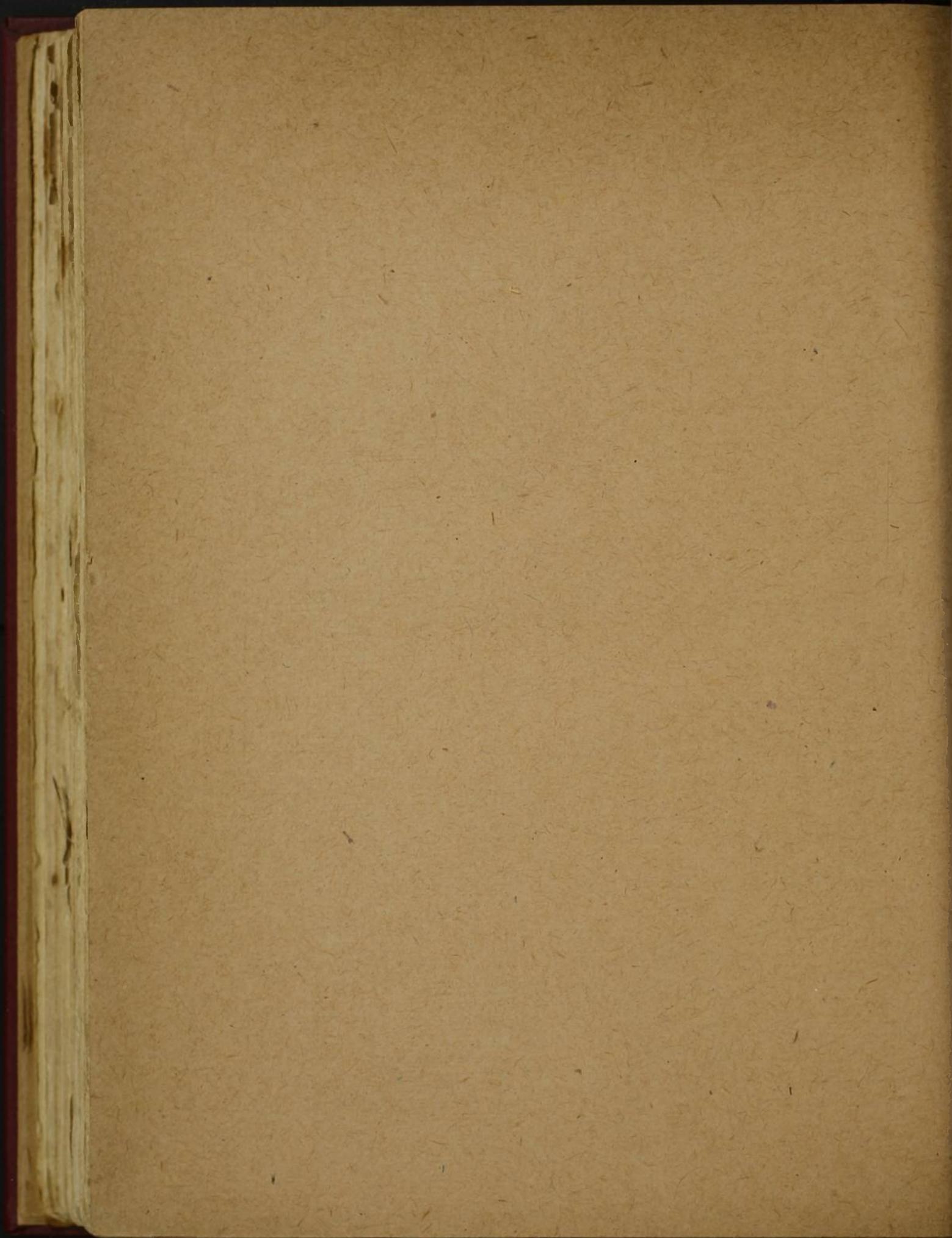


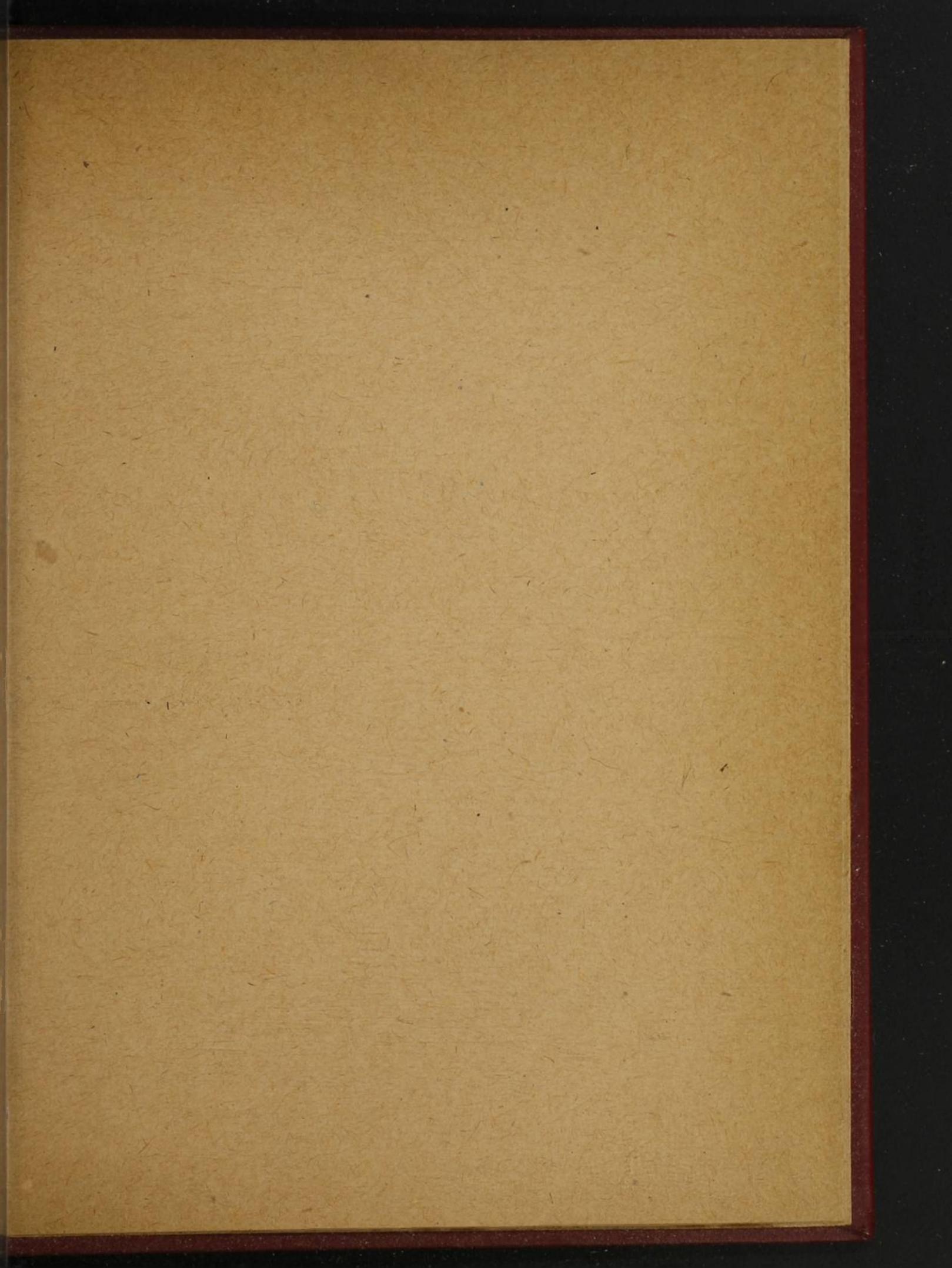


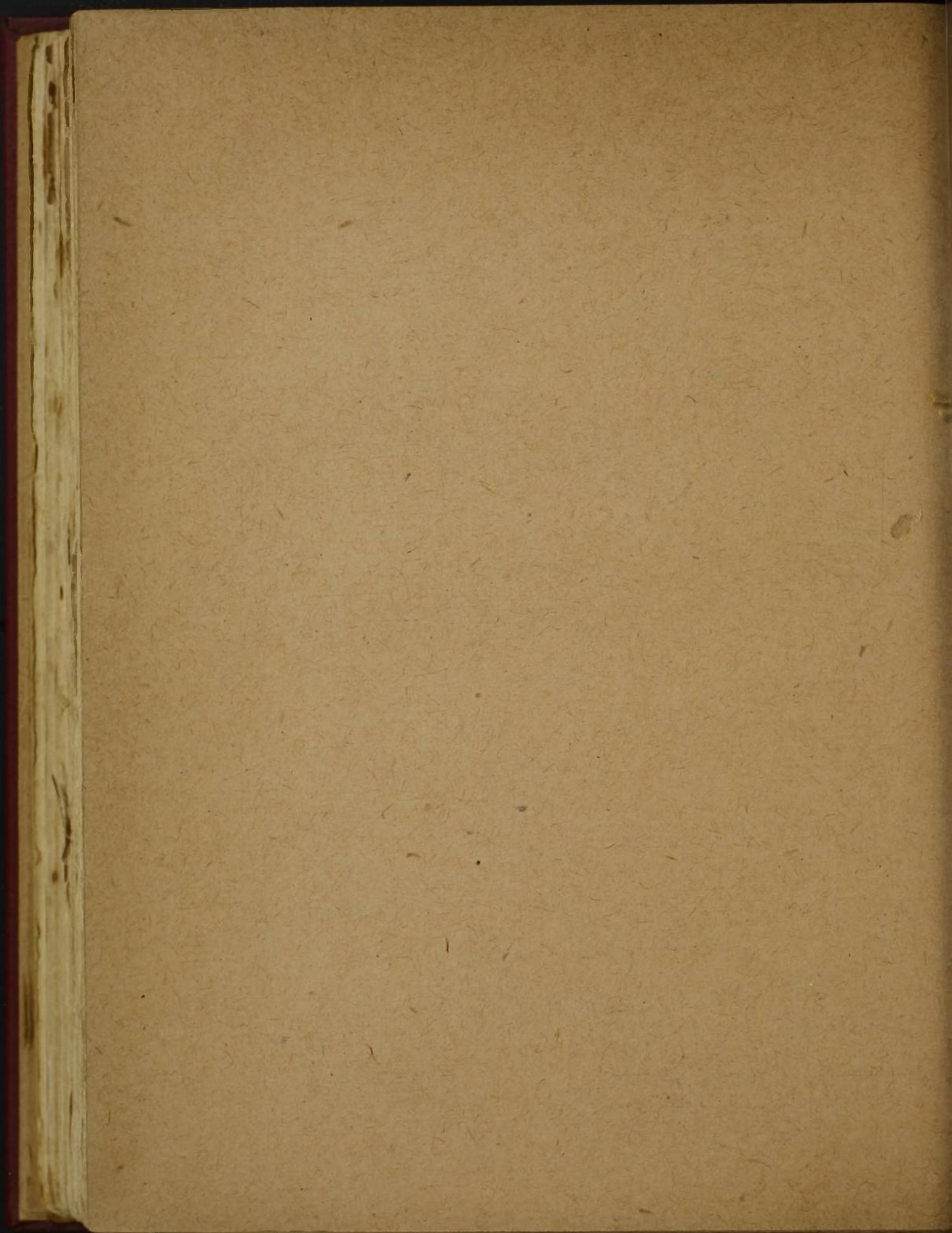


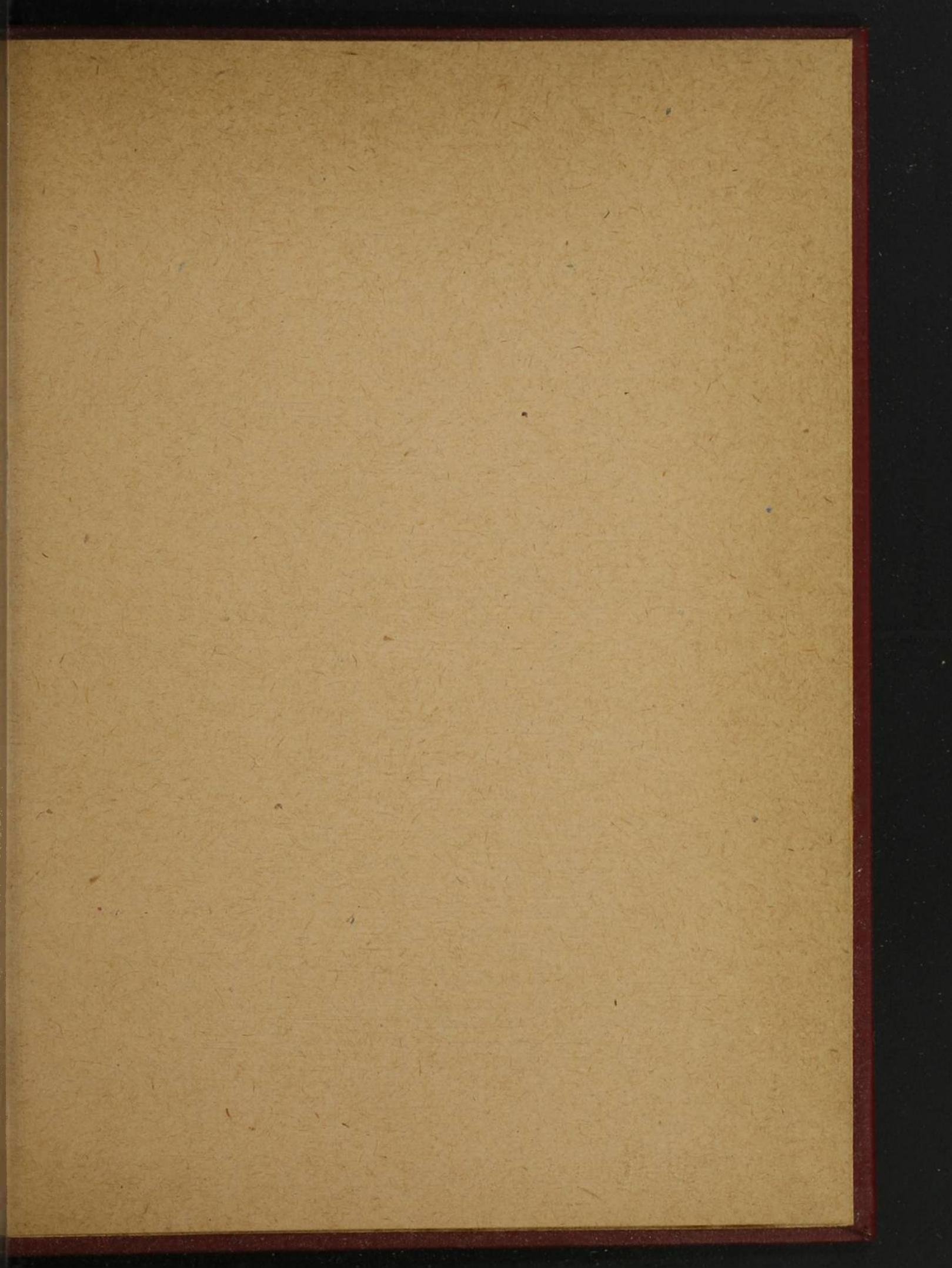












23962

